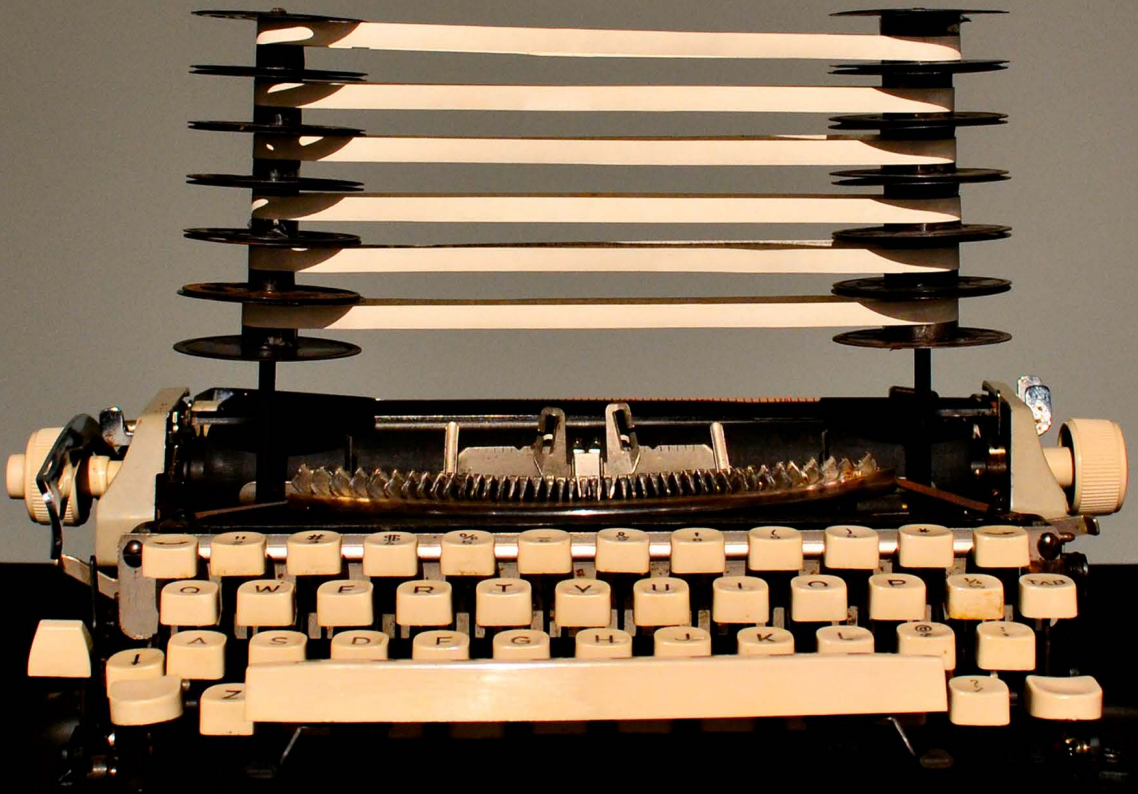


Cristina Allegretti

Do futebol nacional ao pós-nacional

uma análise das produções literárias esportivas
de Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano



**Do futebol nacional ao pós-nacional:
uma análise das produções literárias
esportivas de Nelson Rodrigues e
Eduardo Galeano**



Pedro & João
editores

Esta publicação é fruto do Edital PPGLC 17/2021 - Chamada para Publicação de Pesquisa Oriunda de Dissertação Defendida no Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-americana. O edital busca promover a visibilidade de pesquisas desenvolvidas no âmbito da literatura comparada e a aproximação entre pesquisa acadêmica e sociedade. Além disso, visa valorizar as pesquisas desenvolvidas no âmbito do PPGLC. Os originais foram avaliados por pareceristas externos da área de Letras de diferentes instituições de ensino superior.

Cristina Allegretti

**Do futebol nacional ao pós-nacional:
uma análise das produções literárias
esportivas de Nelson Rodrigues e
Eduardo Galeano**



Pedro & João
editores

Copyright © Cristina Allegretti

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Cristina Allegretti

Do futebol nacional ao pós-nacional: uma análise das produções literárias esportivas de Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 147p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-856-2 [Impresso]
978-65-5869-857-9 [Digital]

1. Futebol. 2. Análise literária. 3. Nelson Rodrigues. 4. Eduardo Galeano. 5. Identidade Nacional. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Arte da capa: Daniela Serna Gallego

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Para minha filha, Letícia - *a quem eu amo "mais do que
100 gigantes encostados em um planeta";*
Para meu parceiro de vida, André;
Para meus pais e irmãos.

AGRADECIMENTOS

À minha família e amigos, por todo carinho e incentivo;

À Prof. Débora Cota, pela orientação deste projeto;

À UNILA e ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, pela oportunidade de desenvolver esta dissertação e publicá-la.

À educação pública, gratuita, laica e de qualidade, que me oportunizou o acesso ao conhecimento desde que eu era criança.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUTEBOL: UMA PAIXÃO EM COMUM NAS OBRAS DE NELSON RODRIGUES E EDUARDO GALEANO	17
2.1. DUAS VIDAS	17
2.2. AS OBRAS ANALISADAS	25
2.3. O FUTEBOL NA VISÃO DOS AUTORES: MAIS QUE UM ESPORTE	29
2.4. OS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA DO FUTEBOL NA OBRA DOS AUTORES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	41
2.4.1. Nelson Rodrigues: identidade nacional e a superação da inferioridade	42
2.4.2. Eduardo Galeano: futebol e denúncia	48
3. REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA E O FUTEBOL	53
3.1. AS OBRAS E OS GÊNEROS LITERÁRIOS	53
3.2. ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL: UMA REVISÃO	65
4. FUTEBOL E IDENTIDADE	89
4.1. FUTEBOL E A IDEALIZAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL	89
4.2. IDENTIDADE: ALTERIDADE	100
4.3. IDENTIDADE EM QUESTÃO: DO FUTEBOL NACIONAL AO PÓS NACIONAL	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

1. INTRODUÇÃO

Foi em 1994, na ocasião do tetracampeonato, que acompanhei, pela primeira vez, a Seleção Brasileira conquistar um título mundial. Embalada pela canção que afirmava “*É a taça na raça, Brasil*”, a população parecia unida como nunca e o país praticamente suspendia suas atividades em dias de partida. Naquela Copa, os jogadores entraram de mãos dadas em todos os jogos, simbolizando a união para chegar ao objetivo da conquista da taça. A partida final foi uma ocasião emocionante em que o campeão foi definido nos pênaltis, com a defesa do goleiro brasileiro Taffarel e o erro final do grande jogador italiano daquela geração, Roberto Baggio.

O erro de Baggio fez do Brasil tetracampeão, e o narrador Galvão Bueno, eufórico, já sem fôlego, eternizou, na Rede Globo de televisão, o momento: abraçado em Pelé, pulava e gritava: “*É tetra, é tetra, é tetra...*”. Ao fundo ouvia-se a música instrumental que tocava sempre que o piloto Ayrton Senna vencia na Fórmula 1. Senna morrera em maio daquele ano, tornando-se um símbolo do esporte brasileiro e comovendo o país. Os jogadores, comemorando a conquista, levaram ao campo uma faixa que transmitia a seguinte mensagem: “*Senna... Aceleramos juntos, o tetra é nosso!*”.

Toda essa conjuntura emocionou e comoveu o Brasil, de norte a sul. A morte de Senna trouxe àquela copa uma vibração diferente. E, além de vencer o campeonato mais importante do mundo, além de ser um momento de homenagem e recordação de Ayrton Senna, o Brasil atingia um marco que jamais outra seleção havia conquistado: o tetracampeonato. Era, em suma, unânime: tínhamos a melhor seleção de futebol do mundo.

Nesta ocasião, foi bem perceptível o quanto o futebol desencadeou um sentimento incomum no Brasil. A aura que pairava sobre o país era diferente; todos estavam orgulhosos com

suas camisetas amarelas – naquele tempo, a propósito, a “amarelinha” não era associada a nenhum partido político, sendo possível seu uso sem receios. Em grande parte das residências havia uma bandeirinha do Brasil pendurada, demonstrando um patriotismo inigualável, e os carros também passeavam com suas bandeirinhas ao vento. Data desta época minha curiosidade por esse extraordinário fenômeno de identidade nacional que o futebol é capaz de proporcionar.

Na conjuntura do tetracampeonato eu era criança e, como grande parte das crianças, me comovi e emocionei com a conquista. Obviamente eu não tinha consciência de quanto uma vitória como esta poderia ser explorada pelo governo e pela mídia para a legitimação de um conceito de uma nação bem-sucedida. Aos poucos passei a ter esta consciência, na medida em que conhecia um pouco sobre construções históricas e tomava consciência da invenção de “mitos nacionais” por parte dos meios de comunicação – que, a propósito, não trabalham com imparcialidade. A partir deste entendimento, revisei minha percepção sobre o contexto e compreendi que aquela relação da conquista futebolística com a morte do Senna por parte da seleção e da mídia foi estrategicamente utilizada no objetivo de envolver as emoções coletivas, construindo um ideal de nação vencedora. Nesta conjuntura, o país experimentava há poucos anos a democracia através do voto direto e tentava sair de um contexto de anos de recessão econômica. Eram, ademais, tempos de concretização do plano real e estavam sendo colocadas em prática uma série de políticas neoliberais. Nesse sentido, uma comoção nacional proporcionada pelo futebol era extremamente conveniente, no intuito de transmitir uma ideia de unidade, otimismo e esperança em relação ao país.

No Ensino Médio tive contato, pela primeira vez, com os autores aqui estudados: o brasileiro Nelson Rodrigues (Brasil, 1912 – 1980), com a obra *O beijo no Asfalto* e o uruguaio Eduardo Galeano (Uruguai, 1940 – 2015), através do clássico *Las venas abiertas de América Latina*. Naquela época, eu não sabia que ambos eram

apaixonados por futebol e que tinham se dedicado em escrever sobre o tema. Na faculdade de História li sobre a relação entre Nelson Rodrigues e a ditadura – e aqui, pela primeira vez, tive contato com suas crônicas esportivas. Aquele cenário de repressão ditatorial retratado por um escritor talentoso como Rodrigues muito me interessou e li alguns trabalhos sobre essa temática. Aos poucos, conheci também um pouco do que a academia produzia sobre o futebol – compreendendo que esta temática também era digna de ser estudada a nível acadêmico – e obtive a informação de que Galeano também havia escrito sobre o esporte. Ao ler seu livro destinado ao futebol, me surpreendi: havia algo em comum entre Rodrigues e Galeano. Como era possível? Rodrigues, que se autodenominava um reacionário, defendendo a ditadura e o modelo econômico capitalista e Galeano, crítico das ditaduras e denunciante do capitalismo, poderiam ter algo em comum? Eis o milagre do futebol: apaixonados por esse esporte, os autores vislumbravam suas seleções como um instrumento de constituição de identidade nacional e de reconhecimento mundial. A partir do futebol, ambos trataram de escrever acerca de questões alusivas à legitimidade de uma região e de um povo.

Estava, portanto, configurada a ideia: estudar um elemento característico da cultura latino-americana – o futebol – a partir de dois dos maiores nomes da nossa literatura. O Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana pareceu-me um programa perfeito para a proposta, já que a metodologia da literatura comparada era muito pertinente ao trabalho e, ademais, o projeto de intercâmbio cultural desta universidade relacionava-se absolutamente com o pensar as identidades e o lugar da América Latina no mundo.

Cumprе esclarecer que a Literatura Comparada enquanto metodologia aplicada na presente pesquisa surge não apenas como ferramenta de estudo comparativo entre dois autores, mas sobretudo como um método que nos permite transitar entre diversas disciplinas. Trata-se, portanto, de um trabalho interdisciplinar, no qual estão presentes áreas de conhecimento

diversas – como letras, história, sociologia e antropologia. Destacamos, aqui, a ampliação da literatura comparada desde o seu surgimento, no séc. XIX: esta metodologia surge como uma ferramenta de relação entre duas literaturas diferentes, detectando o movimento de um elemento literário de um campo literário a outro, atravessando fronteiras literárias (CARVALHAL, 1991). Paulatinamente, a literatura comparada “deixa a de exercer essa função ‘internacionalista’ para converter-se em uma disciplina que põe em relação diferentes campos das Ciências Humanas” (CARVALHAL, 1991, p.1). Assim, além da comparação entre literaturas, a metodologia da Literatura Comparada oferece também a possibilidade de um diálogo entre diversas disciplinas. É este o foco do presente trabalho.

Nesse sentido, este livro está estruturado em 3 capítulos, conforme descrito a seguir: o primeiro capítulo destina-se a apresentar uma introdução aos autores. Abordaremos suas vidas, suas obras e a maneira como a temática do futebol aparece em suas produções, traçando semelhanças e divergências. Falaremos sobre as obras que serão abordadas e, por fim, trataremos uma breve revisão bibliográfica sobre os estudos que se propuseram a analisar as obras de Rodrigues e Galeano. No segundo capítulo, faremos uma discussão sobre os autores e os gêneros literários, realizando uma reflexão literária sobre as produções futebolísticas selecionadas e os gêneros adotados pelos autores. Ademais, abordaremos o futebol como um campo de estudos nas ciências humanas, buscando compreender o histórico do futebol na América Latina e os motivos pelos quais este esporte se tornou tão popular na região. Importa mencionar que tanto a reflexão acerca dos gêneros quanto o fenômeno da popularidade do futebol relacionam-se diretamente com a conjuntura do século: o contexto de urbanização, o acirramento do capitalismo, a expansão da imprensa e a eletrificação dos espaços conecta-se com o advento dos gêneros literários estudados e com a popularização do futebol.

O terceiro capítulo, cuja proposta é a de analisar a relação entre identidade nacional e o futebol na produção dos autores, está dividido

em 3 seções principais: na primeira, discutimos como o futebol é utilizado como elemento para constituir uma ideia de nação, trazendo ao debate a teoria acerca das Comunidades Imaginadas, de Benedict Anderson. Também consideramos a literatura e o futebol como um dispositivo – conforme teoria de Giorgio Agamben – que permite a subversão da lógica econômica vigente, segundo a qual os países subdesenvolvidos são colocados em uma categoria de subdesenvolvimento e inferioridade. A segunda seção contém uma discussão acerca da identidade e alteridade, compreendendo que a identidade é sempre uma construção efetuada a partir do outro, e esta característica se faz presente nas produções dos autores. Finalizando o capítulo, realizamos uma discussão sobre os sinais da fragmentação das identidades: as produções aqui analisadas também prenunciam os sinais de um novo contexto, caracterizado pelo deslocamento do futebol de um campo identitário para um campo mercadológico. Relacionamos este fenômeno à fragmentação das identidades, que, na teoria de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, descentra o sujeito e diagnostica a instabilidade e a conflitividade das identidades nacionais.

2. FUTEBOL: UMA PAIXÃO EM COMUM NAS OBRAS DE NELSON RODRIGUES E EDUARDO GALEANO

2.1. DUAS VIDAS

Nelson Rodrigues nasceu em 1912, em Recife – Pernambuco. Mudou-se em 1916 para o Rio de Janeiro, onde permaneceu e viveu até sua morte, em 1980. Foi um jornalista, teatrólogo, romancista, folhetinista e cronista. Sua produção é considerada fenomenal, embora o único nicho em que tenha sido unanimemente aceito é o do teatro (CASTRO, 1997, p. 8). Vinte e oito anos após o nascimento de Rodrigues, em Montevideu - Uruguai, nasceu Eduardo Hughes Galeano, jornalista e escritor que ficou conhecido mundialmente pela sua produção contestadora e declaradamente denunciante. Assim como Rodrigues, Galeano possui uma extensa obra: são mais de 40 livros publicados, durante sua vida e postumamente.

Ambos tiveram, devido a necessidades financeiras, contato com o jornalismo desde cedo: Rodrigues, aos 13 anos, passou a escrever ocorrências policiais no jornal de seu pai, *A Manhã* (CASTRO, 1997). Galeano, aos 14 anos, publicou sua primeira caricatura política no Semanário do Partido Socialista Uruguaio *El Sol* e firmou sua carreira na imprensa na década de 60, no periódico uruguaio *Marcha* (KOVACIC, 2016). Ambos também estudaram, cada qual em seu país, até o ensino secundário – devido à situação precária de suas famílias, não puderam prosseguir nos estudos. A respeito deste período caracterizado pelas dificuldades financeiras, Rodrigues, na crônica *O menino de Pernambuco*, relatou:

Depois da Revolução de 30, e até 35, eu e toda minha família conhecemos uma miséria que só tem equivalentes nos retirantes de Portinari. Ainda agora, quando me lembro desse período, tenho vontade – vontade mesmo –

de me sentar no meio-fio e começar a chorar. Eu e meu irmão Joffre passamos fome e foi a fome que estourou nossos pulmões. (RODRIGUES, 2008, p. 68)

Neste trecho, o autor relata as dificuldades enfrentadas pela sua família e faz referência à tuberculose, doença que o acompanhou durante 15 anos e que causou a morte de um de seus irmãos, Joffre. Em decorrência da tuberculose, Rodrigues precisou se internar em 4 ocasiões, foi submetido inúmeras vezes ao pneumotórax e acompanhou, no sanatório, muitos de seus colegas sofrerem a temida hemoptise – expulsão de sangue pela boca. O autor também sofreu, como consequência da doença, de uma cegueira momentânea – os anti-inflamatórios fizeram a infecção regredir, mas como seqüela ocorreu a perda permanente de 30% da visão nos seus olhos (CASTRO, 1997). Armando Nogueira, ao introduzir o livro de crônicas esportivas *À sombra das chuteiras imortais*, diz:

Nelson Rodrigues não enxergava direito. De longe, então, era incapaz de distinguir Fulano de Beltrano. No Maracanã, que deixa o torcedor a léguas do campo, não conseguia ver o jogo sozinho. Tinha que ter alguém soprando no ouvido dele os lances que a vista curta não alcançava. E, no entanto, ninguém jamais retratou um jogo de futebol com a dimensão épica que o leitor vai encontrar neste livro. (RODRIGUES, 1993, p. 5)

Se a tuberculose marcou a biografia de Rodrigues, Galeano também passou por um importante episódio que envolveu sua saúde e ressignificou sua vida: uma tentativa de suicídio através da ingestão de remédios, aos 19 anos. A sobrevivência à ocorrência, após dias submetido a um coma, é considerada um renascimento pelo autor, que a partir desse momento passou a assinar seus escritos com o nome Eduardo Galeano:

Ya había elegido el hotel. Mientras caminaba por la calle Río Branco, calle abajo, sentía que estaba muerto desde hacía horas o años, vacío de curiosidad y de deseo, y que sólo me faltaba cumplir con los trámites. Sin embargo, al llegar al cruce de la calle San José un automóvil se me vino encima y mi cuerpo, que estaba vivo, pegó un salto descomunal hasta la vereda.

Lo último que recuerdo de mi primera vida es una ranura de luz en la puerta cerrada mientras yo me hundía en una noche serena que no iba a terminarse nunca.

Me desperté, al cabo de varios días de coma, en la sala de presos del hospital Maciel.

[...]

Hasta hace poco creía que lo había decidido por las dificultades fonéticas que en castellano tiene mi apellido paterno. Al fin y al cabo, era por eso que yo lo había castellanizado: firmaba Gius, en vez de Hughes, los dibujos que, desde muy chiquilín, publicaba en El Sol.

Y recién ahora, una noche de éstas, me di cuenta de que llamarme Eduardo Galeano fue, desde fines de 1959, una manera de decir: soy otro, soy un recién nacido, he nacido de nuevo (GALEANO, 2000, p. 29,30).

Foi com a assinatura de Eduardo Galeano – suprimindo o Hughes, seu sobrenome paterno –, que o autor ficou mundialmente conhecido. Suas várias viagens pela América Latina e sua experiência no semanário *Marcha* – cuja ênfase antifascista e anti-imperialista estimulou os debates entre os intelectuais latino-americanos na época – serviram como fundamentação para a elaboração de seu livro mais famoso, *Las venas abiertas de América Latina*, publicado em 1971 (KOVACIC, 2016). Este livro daria prestígio e tornaria Galeano mundialmente famoso, impulsionado pelo fato de que o mundo, após a Revolução Cubana, passou a se interessar particularmente pela região da América Latina.

Enquanto Galeano tornou-se renomado a partir da publicação de *Las venas abiertas de América Latina*, foi no teatro que Rodrigues alcançou notabilidade, marcando sua geração e transformando a dramaturgia no Brasil. Entre suas peças, *Vestido de Noiva* figura como uma peça revolucionária: segundo Ruy Castro, foi dito que a “Semana de Arte de 1922 chegara enfim ao palco e que Nelson Rodrigues estava para o teatro como Carlos Drummond para a poesia, Villa-Lobos para a música, Portinari para a pintura e Niemeyer para a arquitetura” (CASTRO, 1997, p. 176). Gilberto Freyre, na introdução do livro de crônicas rodrigueanas *O Reacionário*, afirma que Rodrigues foi o maior teatrólogo brasileiro (RODRIGUES, 2008). O cronista também é consciente da

importância da dramaturgia em sua carreira e vida, e menciona seu interesse e aptidão para o teatro:

Comecei a escrever e toda a minha nostalgia de teatro explodiu. Eu não exagero quando digo que tenho dez mil peças na cabeça. É um mar de histórias, é uma floresta de imagens, de tipos, de figuras. Na rua, passo e vejo uma mulher, vejo um homem e penso: esse é um belo tipo, e começo a imaginar uma história para um vago transeunte. (RODRIGUES, 2008, pg. 51)

A manifestação política é outra particularidade bastante presente na obra de Rodrigues e de Galeano: este posicionou-se veementemente contra a ditadura militar em seu país e na América Latina de maneira geral; aquele declarou abertamente simpatia ao regime militar brasileiro. No caso de Galeano, o envolvimento nos periódicos de esquerda, seu posicionamento crítico e sua notoriedade já estabelecida à época acarretaram profundas mudanças em sua vida, uma vez que o autor precisou exilar-se duas vezes. Primeiramente, Galeano instalou-se em Buenos Aires, em 1973, onde dirigiu a revista *Crisis*. O autor conta, em seu livro *Días y Noches de Amor y de Guerra*, destinado às memórias dos anos de chumbo da América Latina, a ocasião em que se apresentou à polícia uruguaia, em Montevideú, pouco antes do início do exílio:

Poco antes del golpe, volviendo de otro viaje, supe que la policía me había ido a buscar a mi casa de Montevideo.

Me presenté solo. Sentí miedo al entrar. La puerta se cerró a mis espaldas con un ruido seco, de trampa. El miedo me duró una hora. Después se me fue del cuerpo.

¿Qué me podía ocurrir, peor que la muerte? No iba a ser la primera visita.

Estaba de cara contra la pared, en el patio. El piso de arriba era un centro de torturas. Detrás de mí pasaban los presos. Los arrastraban por el patio. Algunos volvían deshechos; los arrojaban al piso. A medianoche sonaba la sirena del transmisor. Yo escuchaba el estrépito, los insultos, la excitación de la jauría lanzándose a la caza del hombre. Los policías regresaban al amanecer.

Un par de días después me subieron a un auto. Me trasladaron, me encerraron en una celda.

Rayé mi nombre en la pared.

Por las noches escuchaba gritos.

Empecé a sentir la necesidad de conversar con alguien. Me hice amigo de un ratoncito. Yo no sabía si iba a estar encerrado días o años, y al poco tiempo se pierde la cuenta. Fueron días. Siempre tuve suerte.

La noche que me soltaron escuché murmullos y voces lejanas, ruidos de metales, mientras caminaba por los corredores con un guardia a cada lado. Entonces los presos se pusieron a silbar, suavemente, como soplando paredes. El silbido fue creciendo hasta que la voz, todas las voces en una, rompió a cantar. La canción sacudía las paredes. Caminé hasta mi casa. Era una noche cálida y serena. En Montevideo empezaba el otoño. Me enteré de que hacía una semana que había muerto Picasso.

Pasó un tiempito y empezó el exilio (GALEANO, 2000, p. 57).

Os anos da Ditadura Militar foram intensos para Galeano. O projeto da revista argentina *Crisis*, do qual o autor participou ativamente durante seu primeiro exílio, em Buenos Aires, obteve notoriedade e cooperação de vários intelectuais latino-americanos. A proposta, desde a primeira publicação, procurou manter uma atitude de afirmação da cultura local e das culturas geralmente não contempladas na imprensa: a revista, por exemplo, talvez tenha sido a primeira em língua espanhola a se ocupar de um tema como a cultura africana (KOVACIC, 2016). *Crisis* obteve grande repercussão, chegando a toda América Latina e Europa, a ponto de atualmente ser encontrada em importantes bibliotecas de diversos países. Seu fechamento ocorreu em decorrência das circunstâncias de censura e cerceamento na ditadura argentina, em 1976. Galeano, acerca da decisão de fechar a referida revista, disse: “no aceptamos la humillación como epílogo de la hermosa aventura que nos reunió durante más de tres años. A *Crisis* no la agacha nadie: la vamos a enterrar parada como vivió” (GALEANO, 2000, p. 101).

O nome de Galeano foi incluído, em 1974, na lista da Triple A (Alianza Anticomunista Argentina), cujo escopo consistiu em elaborar um cadastro de artistas e intelectuais considerados ameaçadores ao regime. O autor fora classificado como F4 - Fórmula 4 -, o que significava estar identificado entre os intelectuais de maior nível de periculosidade (KOVACIC, 2016). A violência presente nas ditaduras aparece, nesse sentido, como vivência nos anos 60 e 70 e marca os textos de Galeano, que passa a enfatizar o teor opressor e autoritário

das ditaduras. Esta denúncia se intensifica após o seu segundo exílio, quando passou a morar em Callela da Costa – Espanha. Nesse sentido, a partir do seu segundo desterro, em 1976, e durante todo o período de permanência na Europa, o autor procurou recuperar-se da vivência traumática a que fora submetido nos regimes do Uruguai e Argentina. Usufruindo da liberdade fora do contexto latino-americano, impulsiona seus escritos e produz inúmeras obras. Entre os livros publicados neste período, estão os dois primeiros volumes da trilogia *Memoria del Fuego*, que Kovacic (2016) reconhece como uma obra de continuidade de *Las venas abiertas de América Latina*, já que o autor propõe-se a traçar um panorama da história latino-americana nos últimos 500 anos sob uma perspectiva divergente daquela produzida pela historiografia oficial.

Nelson Rodrigues, por sua vez, procura, em várias de suas crônicas, enaltecer o regime militar no Brasil. Contraditoriamente, devido ao teor polêmico de sua obra, o autor sofre a censura dos militares e, ainda assim, não reconsidera seu posicionamento. Ao abordar temáticas inusitadas para sua época, seus escritos ocasionaram um impacto evidente, tanto no teatro, quanto na sua literatura. Ruy Castro, no livro biográfico de Nelson Rodrigues – intitulado *O Anjo Pornográfico* –, ilustra a polêmica do folhetim rodrigueano *Asfalto Selvagem*, publicado diariamente nos anos de 1959 e 1960. Segundo Castro, a história continha

3 defloramentos, uma mutilação genital, dois suicídios, uma curra, um assassinato, agressões lésbicas, dois exames ginecológicos, incontáveis adultérios e uma cena lindíssima de sexo debaixo de chuva torrencial – tudo isso num diário, ao lado dos horóscopos e das receitas de pavê (CASTRO, 1997, p. 300)

Rodrigues admitia suas obsessões por determinadas temáticas constantemente presentes em sua obra. Era chamado de “flor da obsessão”, e não protestava contra essa denominação. Causou diversas polêmicas através de suas histórias que abordavam temas inusitados para a época, como o homossexualismo, o adultério, o

suicídio, o erotismo. Também se autointitulava um “reacionário” e criticava constantemente os intelectuais de esquerda e o comunismo:

Toda vez que estou na televisão, arrumo um jeito de encaixar a seguinte e pomposa declaração: “Eu sou um reacionário.” O único insulto, o único palavrão de nossa época é esta palavra, reacionário.

Eu sou reacionário porque sou pela liberdade. O não reacionário é o comunista que não tem liberdade nem para fazer greve. O socialista ortodoxo teve que engolir a castração imposta pela União Soviética e vem me falar de liberdade?

Sou, sou um reacionário. Reacionário é aquele que quer liberdade, quer o pão e se recusa a admitir que o Estado tome conta dos seus filhos, faça eles de palhaços. Pela primeira vez os palhaços tomam conta da História, desde que os homens comiam paralelepípedos.

Sou anticomunista desde os 11 anos. E assumo minhas posições, mesmo quando, hoje, o intelectual virou esquerda porque essa é uma maneira de o sujeito ser inteligente, de ser atual, de ser moderno e, principalmente, de se banhar na própria vaidade. (RODRIGUES, 2008, p. 81)

É perceptível, deste modo, como Rodrigues e Galeano, vivenciando uma conjuntura histórica bipolar de Guerra Fria e de institucionalização de regimes ditatoriais na América Latina, manifestam-se e divergem politicamente. Ambos são considerados grandes autores em seus países e no exterior, dotados de versatilidade e responsáveis pela elaboração de obras importantes, que marcaram seus contextos. Galeano, em sua obra produzida durante o seu exílio na Espanha – *El libro de los abrazos* – coloca vários escritores latino-americanos como protagonistas de suas histórias. Em uma delas, dedica-se a falar de Rodrigues:

Las flores

El escritor brasileño Nelson Rodrigues estaba condenado a la Soledad. Tenía cara de sapo y lengua de serpiente, y a su prestigio de feo y fama de venenoso sumaba la notoriedad de su contagiosa mala suerte: la gente de su alrededor moría por bala, miseria o desdicha fatal.

Un día, Nelson conoció a Eleonora. Ese día, el día del descubrimiento, cuando por primera vez vio a esa mujer, una violenta alegría lo atropelló y lo dejó bobo.

Entonces quiso decir alguna de sus frases brillantes, pero se le aflojaron las piernas y se le enredó la lengua y no pudo más que tartamudear ruiditos.

La bombardeó con flores. Le enviaba flores a su apartamento, en lo más alto de un alto edificio de Río de Janeiro. Cada día le enviaba un gran ramo de flores, flores siempre diferentes, sin repetir jamás los colores ni los aromas, y abajo esperaba: desde abajo veía el balcón de Eleonora y desde el balcón ella arrojaba las flores a la calle, cada día, y los automóviles las aplastaban. Y así fue durante cincuenta días. Hasta que un día, un mediodía, las flores que Nelson envió no cayeron a la calle y no fueron pisoteadas por los automóviles. Ese mediodía él subió hasta el piso último, tocó el timbre y la puerta se abrió. (GALEANO, 1989, p. 179)

É perceptível, nessa curta referência, que Galeano conhece e admira a produção de Rodrigues – autor de “frases brilhantes”. Além do elogio, o jornalista uruguaio faz questão de estabelecer suas críticas ao contexto ditatorial que o brasileiro tanto defendia. Não encontramos nenhum indício de que os autores aqui abordados se conhecessem pessoalmente, nem referências de Rodrigues a Galeano. Trazemos, nesse sentido, essa pequena história em que Galeano fala sobre Rodrigues, por considerar relevante a informação de que o uruguaio conhecia e apreciava a literatura do brasileiro, ressaltando, também, o fato de que Rodrigues possuía uma produção importante e respeitável.

Por fim, vale salientar que ambos os escritores procuraram dar voz ou retratar os homens “comuns” ao longo de suas obras. Segundo Aldo Rebelo, ao introduzir a obra rodrigueana *A Pátria de Chuteiras*, o autor, ao invés de retratar nobres empoados, fez subir aos palcos “funcionários públicos, escriturários, donas de casa e até jogadores de futebol” (RODRIGUES, 2013, p. 8). Adicionamos a esse argumento o fato de ter retratado, por exemplo, negros e homossexuais em suas peças e crônicas. Galeano, por sua vez, dedicou-se constantemente por falar em nome dos *nadies*, os *ninguneados* – “que no tienen nombre, sino número; que no figuran en la historia universal, sino en la crónica roja de la prensa local. Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata” (GALEANO, 1989, p. 52). A partir de sua notoriedade, o autor procurou dar voz aos negros, indígenas, mulheres e outras minorias.

Rodrigues morreu em 1980, aos 68 anos, no Rio de Janeiro, vítima de insuficiência vascular cerebral. Galeano, por sua vez, faleceu em 2015, aos 74 anos, devido a um câncer de pulmão. Ruy Castro, ao retratar a biografia de Nelson Rodrigues, afirma que é impossível acreditar em tudo o que aconteceu com o autor no período de uma vida. Estendemos, diante do exposto, esta constatação à vida de Galeano. De fato, é surpreendente pensar em tudo o que os autores experienciaram durante suas vidas.

2.2. AS OBRAS ANALISADAS

“Bienvenidos a la fiesta!” - disse Galeano, ao finalizar seu livro dedicado ao futebol. Este esporte, tanto na obra de Galeano quanto na de Rodrigues, foi retratado com paixão, orgulho e alegria. Indiscutivelmente, trata-se do esporte preferido dos dois autores. Segundo Galeano, *“como todos los uruguayos, quise ser jugador de fútbol. Yo jugaba muy bien, era una maravilla, pero sólo de noche, mientras dormía: durante el día era el peor pata de palo que se ha visto en los campitos de mi país”* (GALEANO, 2014, l. 114).

Além do entusiasmo pelo futebol enquanto um mecanismo que alegra e ocupa uma posição de lazer na sociedade, Rodrigues e Galeano vislumbraram, também, o quanto este esporte não suscitou apenas uma discussão efêmera acerca das partidas e das competições, das derrotas ou vitórias. Ambos trouxeram, cada qual em seu contexto, o futebol como um elemento extremamente importante para seus países e para o mundo. Rodrigues evidenciou, repetidamente, o futebol como um elemento de superação das adversidades pelas quais o Brasil passou ao longo de sua história. Galeano, por sua vez, além de retratar o futebol como um elemento que possibilitou visibilidade para o Uruguai e para outros países da América Latina, dedicou-se, também, por denunciar, a partir dos acontecimentos futebolísticos, a desigualdade e as injustiças promovidas pelo sistema capitalista em relação aos países subdesenvolvidos – ou, em suas palavras, aos países do “sul do mundo”.

Enquanto o futebol aparece, na obra de Rodrigues, em crônicas esportivas publicadas em colunas de periódicos brasileiros e posteriormente editoradas em livros, em Galeano a produção acerca do esporte foi pensada visando à construção de um livro. Valemo-nos, nesse sentido, de crônicas rodrigueanas publicadas nos livros: *À sombra das chuteiras imortais* – veiculadas originalmente na revista *Manchete Esportiva* e no jornal *O Globo*, entre 1955 e 1970 –; *A pátria de chuteiras* – publicadas entre 1950 e 1970 –; *Somos o Brasil* – obra bilingue, ilustrada com fotografias, composta por crônicas publicadas entre 1956 e 1970 e por textos que contextualizam a conjuntura – e *O Reacionário* – publicadas entre 1967 e 1974 em colunas do *Correio da Manhã* e de *O Globo*. Armando Nogueira, ao apresentar o livro *À sombra das chuteiras imortais*, diz:

À sombra das chuteiras imortais é a obra sem igual de um cronista que nunca deu a mínima bola para a frígida aritmética do jogo. Na ótica privilegiada de Nelson, futebol sempre foi e há de ser arrebatamento. Paixão avassaladora. Chuteiras sangrando pela doce abstração de um gol.

[...]

Nelson Rodrigues costumava dizer que, como um menino, via o amor pelo buraco da fechadura. Poderia dizer, também, que via o futebol com os olhos de um iluminado. Todo domingo, ele ia ao estádio, para contemplar os anjos e os demônios da sua devoção. Foi assim, no entardecer de cada jogo, que nasceu *À sombra das chuteiras imortais*, canto primeiro e único à epopéia do futebol brasileiro. Nelson é o nosso Homero, sem tirar nem pôr. (RODRIGUES, 1993, p. 05, 06)

A temática do futebol na obra de Galeano ocupa dois livros: *El fútbol a sol y sombra*¹, publicado originalmente em 1995 e atualizado a cada Copa do Mundo até a edição de 2014 e *Cerrado por fútbol*, publicado de maneira póstuma, em 2018, e cuja proposta foi englobar, além dos textos presentes em *El fútbol a sol y sombra*, produções não contempladas no referido livro. Kovacic, ao abordar a produção futebolística de Galeano, diz:

¹ O livro *El fútbol a sol y sombra* foi publicado no Brasil com o título *Futebol ao sol e à sombra*, também em 1995, pela Editora L&PM.

En 1995, se toma la historia del fútbol como herramienta para contar la historia humana desde otro ángulo. El fútbol como música del cuerpo, como instrumento y reflejo de la dignidad humana, está presente en *El fútbol a sol y a sombra*. Todo lo que se mueve en torno del fútbol puesto bajo la mirada filosa de Galeano. La otra cara del fútbol como denuncia también de la situación del mundo y la humanidad en momentos en que el principal reflejo de este apasionante deporte no es su adrenalina y habilidad muscular y poética, sino el reflejo de los millones de dólares o euros que mueven cada cotización de jugadores. Asombra al mundo el costo del fichaje de un jugador más que las piruetas con la pelota de que es capaz. Ese es el trasfondo donde se mueven las historias breves del universo del deporte más popular. También aquí hay un Galeano guerrillero de la palabra que, artesanalmente elaborado y de modo certero, dispara al corazón del sistema que se tragó a una generación, la de los cambios sociales y las utopías libertarias adormecidas en pleno fin de milenio (KOVACIC, 2016, l. 5344).

A construção dos textos contidos nas obras aqui abordadas é marcada, no caso de Rodrigues, pela narração de jogos – não apenas da seleção, mas também de clubes brasileiros – e pelos personagens escolhidos como protagonistas – que podem ser jogadores, técnicos, juízes ou até mesmo elementos que envolvem o futebol. O livro de Galeano, por sua vez, é composto por textos diversos, que variam de tamanho – alguns são pequenos fragmentos sobre um gol ou situações do futebol; outros são mais extensos. O autor inicia o livro abordando elementos do esporte – a bola, o goleiro, o estádio, a partida, as regras, o árbitro, entre outros. Após esta apresentação do esporte, passa a narrar situações do futebol e cada copa do mundo, de 1930 a 2014. Os textos acerca das Copas Mundiais iniciam-se sempre com uma contextualização dos acontecimentos que marcavam o mundo à época. A partir dessa explanação histórica, Galeano entra na temática do futebol e passa a contar as particularidades da competição:

El Mundial del 86

Baby Doc Duvalier huía de Haití, robándose todo, y robándose todo huía Ferdinand Marcos de Filipinas, mientras los archivos norteamericanos revelaban, más vale tarde que nunca, que Marcos, el alabado héroe filipino de la segunda guerra mundial, había sido en realidad un desertor.

El cometa Halley visitaba nuestro cielo después de mucha ausencia, se descubrían nueve lunas en torno al planeta Urano, aparecía el primer agujero en la capa de ozono que nos protege del sol. Se difundía una nueva droga, hija de la ingeniería genética, contra la leucemia. En el Japón se suicidaba una cantante de moda y tras ella elegían la muerte veintitrés de sus devotos. Un terremoto dejaba sin casa a doscientos mil salvadoreños y la catástrofe de la central nuclear soviética de Chernobyl desataba una lluvia de veneno radioactivo, imposible de medir y de parar, sobre quién sabe cuántas leguas y gentes.

Felipe González decía sí a la OTAN, la alianza militar atlántica, después de haber gritado no, y un plebiscito bendecía el viraje mientras España y Portugal entraban al mercado común europeo. El mundo lloraba la muerte de Olof Palme, el primer ministro de Suecia, asesinado en la calle. Tiempos de luto para las artes y las letras: se nos iban el escultor Henry Moore y los escritores Simone de Beauvoir, Jean Genet, Juan Rulfo y Jorge Luis Borges.

Estallaba el escándalo Irangate, que implicaba al presidente Reagan, a la CIA y a los contras de Nicaragua en el tráfico de armas y de drogas, y estallaba la nave espacial Challenger, al despegar de Cabo Cañaveral, con siete tripulantes a bordo. La aviación norteamericana bombardeaba Libia y mataba a una hija del coronel Gaddafi, para castigar un atentado que años después se atribuyó a Irán. En una cárcel de Lima morían ametrallados cuatrocientos presos. Fuentes bien informadas de Miami anunciaban la inminente caída de Fidel Castro, que iba a desplomarse en cuestión de horas. Se habían desplomado muchos edificios sin cimientos, con toda la gente adentro, cuando un terremoto había sacudido a la ciudad de México, el año anterior, y buena parte de la ciudad estaba todavía en ruinas mientras se inauguraba allí el decimotercer Campeonato Mundial de Fútbol. (GALEANO, 2014, l. 1919 – 1931)

Enquanto as crônicas aqui abordadas de Rodrigues foram produzidas no Brasil, no período de 1954 a 1970, no intuito de serem veiculadas na imprensa; os textos esportivos de Galeano são publicados em um único livro, em 1995. Acreditamos que o autor tenha escrito esses textos nesse período, no Uruguai, visando à publicação do livro *Fútbol a sol y sombra*. Destacamos, nesse sentido, que, enquanto Rodrigues escreve na própria conjuntura dos acontecimentos, os textos de Galeano são fruto de suas memórias e leituras sobre as Copas. Esta diferença é importante para a análise das obras, e será retomada no próximo capítulo, ao falar dos gêneros literários dos textos.

2.3. O FUTEBOL NA VISÃO DOS AUTORES: MAIS QUE UM ESPORTE

Apresentadas as obras, focaremos, a partir de agora, na exposição sobre como o elemento futebol é abordado na produção dos autores, frequentemente recorrendo diretamente a suas crônicas para melhor ilustrar suas propostas. De maneira geral, ambos o pensam além da limitação de um jogo ou campeonato. A partir dos escritos acerca do esporte, discutem-se questões inerentes à vida: o futebol é representado, assim, como uma metáfora da sociedade. Rodrigues esforçou-se em apresentá-lo como um elemento de extrema importância para os brasileiros – como afirma Ruy Castro, o autor dramatiza os jogos, desliga-o da realidade e joga-o numa dimensão de eternidade (RODRIGUES, 1993, p. 10).

Amigos, vocês podem acreditar: — quem não estiver sofrendo, neste momento, é um mau caráter. E por que mau-caráter? Vou explicar, calma, vou explicar. O Brasil vai jogar amanhã a partida mais dramática de toda a sua história, e eu quase diria: — como é possível não sofrer diante da formidável batalha? O começo de qualquer partida é uma janela aberta para o infinito. Ao soar o apito inicial, todas as possibilidades passam a ser válidas. Eu falava em sofrimento. Tudo no jogo de amanhã justifica uma tensão intolerável. Há a angústia da dúvida. E há a angústia inversa da certeza. Milhões de brasileiros estão certos do bi. E, apesar disso, ou com isso mesmo, andam crispados em casa, na rua, por toda parte. (RODRIGUES, 2013, p. 25)

Percebe-se, aqui, o julgamento do cronista a respeito daqueles que não se envolvem com o jogo da seleção e o drama incutido neste evento, considerado uma “batalha”. Na iminência da partida, o autor está certo de uma angústia coletiva e apresenta o encantamento com as possibilidades existentes após o apito inicial.

Galeano, assim como Rodrigues, expressa o seu deslumbramento com a partida de futebol. Diante deste evento, o autor relata o desaparecimento da cidade, o esquecimento da rotina e a existência única do estádio – o “templo” do futebol, um espaço sagrado:

Flamean las banderas, suenan las matracas, los cohetes, los tambores, llueven las serpentinatas y el papel picado: la ciudad desaparece, la rutina se olvida, sólo existe el templo. En este espacio sagrado, la única religión que no tiene ateos exhibe a sus divinidades. Aunque el hincha puede contemplar el milagro, más cómodamente, en la pantalla de la tele, prefiere emprender la peregrinación hacia este lugar donde puede ver en carne y hueso a sus ángeles batiéndose a duelo contra los demonios de turno. (GALEANO, 2014, l. 174)

O autor pressupõe, ao anunciar que o referido esporte é a única religião que não possui ateus, uma unanimidade em torno da sensibilidade e do interesse pelo futebol. Assim como em Rodrigues, há esta teorização acerca de uma universalidade e do encantamento pelo esporte. Galeano defende, ademais, a característica sagrada e religiosa da partida, falando em milagres e em “anjos de carne e osso” que combatem “demônios”:

En el fútbol, ritual sublimación de la guerra, once hombres de pantalón corto son la espada del barrio, la ciudad o la nación. Estos guerreros sin armas ni corazas exorcizan los demonios de la multitud, y le confirman la fe: en cada enfrentamiento entre dos equipos, entran en combate viejos odios y amores heredados de padres a hijos. El estadio tiene torres y estandartes, como un castillo, y un foso hondo y ancho alrededor del campo. Al medio, una raya blanca señala los territorios en disputa. En cada extremo, aguardan los arcos, que serán bombardeados a pelotazos. Ante los arcos, el área se llama zona de peligro. (GALEANO, 2014, l. 283)

A compreensão do futebol como metáfora da guerra e sua relação com a religiosidade estão presentes, assim, na visão dos dois autores. Para Rodrigues, a crença em Deus é um arsenal místico no futebol, que explica vitórias:

[...] achamos que Deus não se interessa por futebol! Portanto, nós o excluimos das atribuições da nossa torcida. Domingo, nunca houve um clube tão sem Deus como o Fluminense. Ora, nenhum brasileiro consegue ser nada, no futebol ou fora dele, sem a sua medalhinha de pescoço, sem os seus santos, as suas promessas e, numa palavra, sem o seu Deus pessoal e intransferível. É esse místico arsenal que explica as vitórias esmagadoras. (RODRIGUES, 1993, p. 43, 44)

Ambos preocuparam-se, deste modo, em evidenciar a atuação da magia, da sacralidade e da disputa no futebol. Mas além desses aspectos que causavam encantamento nos escritores e no público, as produções também estabeleceram críticas ao esporte, sobretudo relacionadas às mudanças trazidas pela sua comercialização. Vivenciando um período marcado pelo acirramento da globalização, os autores aqui estudados não deixam de manter uma posição crítica acerca das consequências deste fenômeno no futebol:

Por outro lado, convém aceitar esta verdade recente — o campeão não é apenas um jogador de futebol. É um herói: nenhum clube, nenhum povo tem o direito de vender seus heróis. Nem o herói tem o direito de vender a si mesmo. Amigos, no dia em que deixarmos de prezar os valores gratuitos, vamos cair todos de quatro, todos. (RODRIGUES, 2013, p. 22)

Rodrigues, vivenciando um período em que se intensifica a exportação de jogadores ao exterior, demonstra-se contrariado com a prática, já que, para ele, os nossos grandes jogadores são figuras míticas e heróicas do povo e da nação. Este posicionamento está ainda mais evidente em Galeano, considerando que sua obra, como um todo, é definida por um caráter de denúncia do sistema capitalista, e que a exportação de jogadores é consequência dessa logística. Além disso, como a obra de Galeano é datada de 1995, é natural que o autor tenha presenciado, de maneira mais intensa que Rodrigues, a ascensão do mercado do futebol, que passou a envolver, paulatinamente, uma quantidade cada vez maior de capital. Deste modo, Galeano diz:

Al fin del siglo, los periodistas especializados hablan cada vez menos de las habilidades de los jugadores y cada vez más de sus cotizaciones. Los dirigentes, los empresarios, los contratistas y demás cortadores del bacalao ocupan un espacio creciente en las crónicas futboleras. Hasta hace algunos años, los pases se referían al viaje de la pelota de un jugador a otro; ahora, los pases aluden más bien al viaje del jugador de uno a otro club o de un país a otro. ¿Cuánto están rindiendo los famosos en relación a la inversión? Los especialistas nos bombardean con el vocabulario de los tiempos: oferta, compra, opción de compra, venta, cesión en préstamo, valorización, desvalorización. En el Mundial 98, las pantallas de televisión universal

fueron invadidas y copadas por la emoción colectiva, la más colectiva de las emociones; pero también fueron vidrieras de exhibición mercantil. Hubo alzas y caídas en la bolsa de pieñas. (GALEANO, 2014, l. 2476)

Esta prática de cotização e exportação de jogadores, acirrada com o final do século XX, fazia com que os mesmos não atuassem mais em seus países, o que influía negativamente no entrosamento dos jogadores das seleções nacionais, que passavam a não ter tanto contato e tantas oportunidades de treino. Esta é uma crítica bastante presente na obra de Galeano. A partir dessas constatações acerca deste novo futebol, que emergia justamente na conjuntura em que os autores estavam produzindo, surge um sentimento de nostalgia do futebol antigo. Segundo Rodrigues,

Por exemplo: — o futebol antigo. Era, a meu ver, um fenômeno vital muito mais rico, complexo e intrincado. Hoje, os jogadores, os juízes e os bandeirinhas se parecem entre si como soldadinhos de chumbo. Não encontramos, em ninguém, uma dessemelhança forte, crespa e taxativa. Não há um craque, um árbitro ou um bandeirinha que se imponha como um símbolo humano definitivo. (RODRIGUES, 1993, p. 18)

Rodrigues e Galeano foram defensores ferrenhos do futebol genuíno, artístico, que dispensa força e preparação física. Presenciaram, entretanto, este esporte cada vez mais tecnocrático e exigente quanto ao preparo de seus atletas. Galeano enfatiza que a indústria do futebol acabou o limitando e retirando sua magia:

La historia del fútbol es un triste viaje del placer al deber. A medida que el deporte se ha hecho industria, ha ido desterrando la belleza que nace de la alegría de jugar porque sí. En este mundo del fin de siglo, el fútbol profesional condena lo que es inútil, y es inútil lo que no es rentable. A nadie da de ganar esa locura que hace que el hombre sea niño por un rato, jugando como juega el niño con el globo y como juega el gato con el ovillo de lana: bailarín que danza con una pelota leve como el globo que se va al aire y el ovillo que rueda, jugando sin saber que juega, sin motivo y sin reloj y sin juez. El juego se ha convertido en espectáculo, con pocos protagonistas y muchos espectadores, fútbol para mirar, y el espectáculo se ha convertido en uno de los negocios más lucrativos del mundo, que no se organiza para jugar sino para impedir que se juegue. La tecnocracia del deporte profesional ha

ido imponiendo un fútbol de pura velocidad y mucha fuerza, que renuncia a la alegría, atrofia la fantasía y prohíbe la osadía. (GALEANO, 2014, l. 124)

A visão do escritor uruguaio acerca do futebol profissional fica bem clara nesta passagem, na medida em que o autor esclarece que a história do esporte é uma “triste viagem do prazer ao dever”. A conversão do jogo em espetáculo, a transformação no futebol em um lucrativo negócio e a tecnocracia do esporte – que impõe a força e a velocidade – são temáticas recorrentes em *Fútbol a sol y sombra*. Deste modo, ao evidenciar as características positivas do futebol – como a magia de uma partida e a possibilidade de reconhecimento de um país mediante o sucesso esportivo – e as características negativas – como a sua industrialização a partir de sua excessiva profissionalização –, explica-se o significado do título do referido livro. Compreendemos que, para Galeano, a metáfora do sol no futebol é a magia e a fascinação de uma partida despreziosa, enquanto a sombra está presente na imposição da tecnocracia, que, como mencionado na citação, renuncia a alegria, atrofia a fantasia, proíbe a ousadia. O autor menciona, ao final da primeira edição do livro, seu propósito de realizar uma homenagem ao futebol, celebração de suas luzes e denúncia de suas sombras:

Desde hace años, yo me he sentido desafiado por el tema, memoria y realidad del fútbol, y he tenido la intención de escribir algo que fuera digno de esta gran misa pagana, que tantos distintos lenguajes es capaz de hablar y tan universales pasiones pueden desatar. Escribiendo, iba a hacer con las manos lo que nunca había sido capaz de hacer con los pies: chambón irremediable, vergüenza de las canchas, yo no tenía mas remedio que pedir las palabras lo que la pelota, tan deseada, me había negado.

De ese desafío, y de esa necesidad de expiación, nacieron estos textos. Homenaje al fútbol, celebración de sus luces, denuncia de sus sombras. Yo no sé si ellos son lo que han querido ser, pero han crecido dentro de mí y han llegado ya a su último minuto y ahora, ya nacidos, se ofrecen a ustedes. Y yo me quedo con esa melancolía irremediable que todos sentimos después del amor y al final del partido. (GALEANO, 2014, l. 2437)

Diante desta constatação da denúncia presente na obra de Galeano, chegamos a um ponto chave que queremos enfatizar: a

totalidade da obra do autor é marcada pelo protesto, e no futebol não é diferente. O jornalista utiliza-se do futebol, neste livro, para manifestar sua contestação à logística do mundo, focando seu olhar na desigualdade entre os países, decorrente de séculos de exploração:

Quando el sur del mundo comete la osadía de saltar esa pared y se mete donde no debe, el norte le recuerda, a palos, cuál es su lugar. Y lo mismo ocurre con las invasiones desde las zonas malditas de cada país y de cada ciudad. El fútbol, espejo de todo, refleja esta realidad. (GALEANO, 2014, l. 2012)

O futebol é apresentado, deste modo, como um reflexo da realidade. É perceptível, neste trecho, a dicotomia entre norte e sul, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Esta é uma constante na obra do autor e uma certificação fundamental para compreender seu pensamento – tão influenciado pela teoria da dependência². Sua obra, como um todo, sustenta-se, incansavelmente, neste paradigma. No livro *Patatas Arriba: La Escuela Del Mundo Al Revés*, Galeano, em um pequeno fragmento, retoma a temática do futebol e didaticamente ilustra esta dicotomia:

La excepción

Existe un solo lugar donde el norte y el sur del mundo se enfrentan en igualdad de condiciones: es una cancha de fútbol de Brasil, en la desembocadura del río Amazonas. La línea del ecuador corta por la mitad el estadio Zerão, en Amapá, de modo que cada equipo juega un tiempo en el sur y otro en el norte. (GALEANO, 2013, p. 19)

Fica evidente, novamente, a dicotomia entre os hemisférios norte e sul, e Galeano utiliza a particularidade do estádio amapaense para exemplificar, metaforicamente, a desigualdade de

² Em síntese, a Teoria da Dependência estabelece que a compreensão de uma unidade nacional ou regional deve ser entendida considerando sua inserção no sistema político-econômico mundial. Nesse sentido, “a economia dos países periféricos está condicionada pelo desenvolvimento e expansão das economias dos países centrais” (SILVA, 2005, p. 1). Esta teoria surge no contexto latino-americano nos anos 60, como uma tentativa de explicar o desenvolvimento da região, buscando compreender a reprodução do sistema capitalista de produção na periferia (DUARTE, GRACIOLI, 2007, p. 1)

condições existente entre os dois lados do equador. Desde *Las venas abiertas de América Latina* – obra mais famosa do escritor –, esta desproporção generalizada entre norte e sul é problematizada.

Além de utilizar-se do futebol para denunciar os problemas e desigualdades do mundo, reiterando a teoria de dependência do sul em relação ao norte e problematizando as questões referentes à industrialização do esporte, Galeano também contesta a desconsideração da historiografia acerca do esporte:

Un vacío asombroso: la historia oficial ignora al fútbol. Los textos de historia contemporánea no lo mencionan, ni de paso, en países donde el fútbol ha sido y sigue siendo un signo primordial de identidad colectiva. Juego, luego soy: el estilo de jugar es un modo de ser, que revela el perfil propio de cada comunidad y afirma su derecho a la diferencia. Dime cómo juegas y te diré quién eres: Hace ya muchos años que se juega al fútbol de diversas maneras, expresiones diversas de la personalidad de cada pueblo, y el rescate de esa diversidad me parece, hoy día, más necesario que nunca. Estos son tiempos de uniformización obligatoria, en el fútbol y en todo lo demás. Nunca el mundo ha sido tan desigual en las oportunidades que ofrece y tan igualador en las costumbres que impone: en este mundo de fin de siglo, quien no muere de hambre, muere de aburrimiento. (GALEANO, 2014, l. 2434)

Galeano é um pensador que procura romper e contestar padrões de conhecimento. Em muitas de suas obras, procurou ressignificar o conhecimento produzido e consolidado. Com relação à história da América Latina – temática tão cara em sua produção –, o autor elabora versões diferentes das oficiais, sempre procurando dar voz às minorias invisibilizadas. Quando o assunto é futebol, o uruguaio estabelece suas críticas, ao contestar o fato de o tema não ser abordado pelos estudiosos: nesse sentido, mais uma vez, o autor procura preencher a ausência de atenção em relação ao futebol por parte dos produtores oficiais de conhecimento.

Outra importante observação do uruguaio ilustrada neste último trecho é a ideia do futebol como elemento de constituição de identidade coletiva – questão central da nossa análise. Como pode ser visto, Galeano defende a ideia de que o modo de jogar revela o perfil de uma comunidade e afirma o seu direito à

diferença. Para o autor, o resgate da diversidade em um contexto de padronização do esporte – fator tão presente no final do século XX, como dito – é essencial. O autor defende, nesse sentido, a presença de traços identitários na forma de jogar futebol e, sobretudo, a manutenção da multiplicidade de estilos.

A ideia de identidade existente no modo de jogar também é manifesta no pensamento de Rodrigues, de maneira incansável: o autor utiliza-se da repetição e da demasia para convencer o seu leitor. O escritor acredita que os sucessos provenientes das conquistas da seleção demonstram a superioridade categórica e irrefutável do brasileiro. O futebol, na sua visão, é essencial e possui extrema importância para o país:

Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão. O possesso sentiu que era chegado o instante. Caçaram Amarildo. Entre ele e o gol havia toda uma flora de rapas, de pés na cara, palavrões, chifres. Só faltaram chupar-lhe a carótida como a um aspargo. (RODRIGUES, 2013, p. 99)

Este trecho, escrito na crônica da ocasião da partida de oitavas-de-final da Copa do Mundo de 1962 – na qual o Brasil consagrou-se bicampeão –, demonstra a magnitude do futebol aos olhos do autor: como explicitado, um gol era mais importante que os requisitos mínimos de sobrevivência, como água e pão. Rodrigues constantemente utiliza-se de proposições extremas para defender a relevância do futebol no Brasil. Segundo o autor, “desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso” (RODRIGUES, 2013, p. 113), ou “desde Pedro Álvares Cabral, nunca o Brasil conquistou uma vitória tão gigantesca” (RODRIGUES, 2013, p. 29).

Eis por que a batalha do escrete implica toda a nação. Até os xavantes, que põem em cima da nudez aquele casto cinto de barbante, até o xavante, dizia eu, está pessoalmente interessado no bi. Em 50, não foi apenas um time que fracassou no Maracanã. Foi o homem brasileiro, como em Canudos. Em 58, quem venceu? O Brasil. Quando Bellini apanhou o caneco de ouro, era o novo homem brasileiro que se proclamava (RODRIGUES, 2013, p. 25, 26)

Neste trecho, algumas questões importantes para compreender a visão do futebol em Rodrigues estão ilustradas: a unanimidade da população em torno do futebol – inclusive, no exemplo, por povos indígenas, revelando uma tentativa de homogeneizar todos sob a concepção da nação –; a comparação do fracasso de 1950 à Guerra de Canudos, reiterando a ideia de que o futebol é tão importante quanto eventos representativos da história oficial e a superação do brasileiro a partir do esporte.

Mas o brasileiro é assim mesmo. Em 50, quase houve um suicídio nacional quando não fomos campeões do mundo. Éramos, todos nós, brasileiros, uma nação que quase toma formicida. Pois bem: – e em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. (RODRIGUES, 2013, p. 37)

A conquista da Copa do Mundo de 1958 é, para Rodrigues, um momento crucial para a seleção e para o Brasil, já que as partidas do escrete implicariam toda a nação. Nesse ano, a seleção brasileira conquistou uma Copa do Mundo pela primeira vez. Rodrigues, vivenciando e produzindo nesse período, exalta a conquista e teoriza que ela significa a libertação nacional:

O homem do Brasil ainda não tinha amadurecido. Nas grandes partidas internacionais, ele entrava em campo arrasado emocionalmente. Perdia antes da derrota. Mas 58 nos libertou de todas as nossas frustrações. Os negros, os mulatos, os brancos do país surgiram numa plenitude até então desconhecida. E, de então para cá, o brasileiro tem um destino de campeão. Vence tudo. Os nossos cavalos triunfam, lá fora, não porque sejam bons, mas porque são brasileiros. As nossas caixas de fósforos ganham nas exposições. Há coisa mais comovente do que um zebu premiado, com uma medalha pendurada na fitinha? Se os cavalos, os zebrus, as caixas de fósforos estão brilhando – por que falharia o homem?

[...]

Acredito no bi, porque, repito, acredito no homem genial do Brasil. (RODRIGUES, 2013, p. 26)

A partir da derrota brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 – que ocorreu em pleno Maracanã, contra o Uruguai de Galeano –, Rodrigues cria uma teoria que acaba se consagrando no

imaginário brasileiro: o “complexo de vira-latas”, cuja proposta é ironizar o sentimento de submissão do Brasil perante o mundo. Esta expressão é conhecida e veiculada até hoje por muitos brasileiros para se referir à ideia de um complexo de inferioridade aqui presente.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (RODRIGUES, 2013, p. 80)

Esta crônica, escrita na coluna “Meu personagem da semana”, em maio de 1958, o autor levanta, pela primeira vez, sua hipótese acerca do “complexo de vira-latas”. A derrota de 50 é colocada como a maior humilhação a que o país fora submetido, e o pânico de vivenciar novamente uma derrota como aquela é, segundo o autor, um entrave ao sucesso da seleção. A “humildade” diante de um adversário “louro e sardento” - nas palavras de Rodrigues - teria levado à derrota degradante de 50. E todas as derrotas do brasileiro - dentro e fora do escrete - seriam sempre consequência da falta de fé em si.

A conquista do bicampeonato em 1962 viria, na visão rodrigueana, para consagrar definitivamente o Brasil. Esta vitória daria, a todos os brasileiros, indistintamente, uma posição

diferenciada. Todos passaram a ser, para o cronista, caracterizados por uma grandiosidade extraordinária:

Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia. Ontem, quando rompia a primeira estrela da tarde, o Brasil era proclamado bicampeão do mundo. Foi um título que o escrete arrancou de suas rútilas entranhas. E, a partir da vitória, sumiram os imbecis, e repito: — não há mais idiotas nesta terra. Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis. (RODRIGUES, 2013, p. 82)

Essa euforia rodrigueana com o escrete continuou se repetindo após o bicampeonato. Em 1970, veio o tricampeonato mundial, e então o autor intensifica seu entusiasmo pelo Brasil e pela teoria de genialidade do homem brasileiro. Ele encontra, no futebol diferenciado, uma base para ancorar seu patriotismo e defender a superioridade do país.

Enquanto Rodrigues abordou a temática do futebol brasileiro, Galeano traz o esporte como elemento diferenciado não apenas no seu país, Uruguai, mas também em outros países da América Latina e do mundo. Ao escrever seus textos, o autor aborda diversos personagens e, quando faz referência ao tricampeonato, menciona, mais uma vez, o conhecimento da obra de Rodrigues — desta vez, fez referência à sua produção futebolística:

La fiesta

Hay algunos pueblos y caseríos del Brasil que no tienen iglesia, pero no existe ninguno sin cancha de fútbol. El domingo es el día que más trabajan los cardiólogos de todo el país. Un domingo normal, cualquiera puede morir de emoción mientras se celebra la misa de la pelota. Un domingo sin fútbol, cualquiera puede morir de emoción mientras se celebra la misa de la pelota. Un domingo sin fútbol, cualquiera muere de aburrimiento.

Cuando la selección de Brasil naufragó en el Mundial del 66, hubo suicidios, ataques de nervios, banderas patrias a media asta y crespones negros en las puertas, y una bailandera procesión de dolientes cubrió las calles y enterró al fútbol nacional con ataúd y todo. Cuatro años después, Brasil ganó por tercera vez el campeonato mundial. Entonces Nelson Rodrigues escribió que

los brasileños dejaron de tener miedo de que los llevara la perrera, y fueron todos reyes de manto de amiño y erguida corona.

En el Mundial de 70, Brasil jugó un fútbol digno de las ganas de fiesta y la voluntad de belleza de su gente. Ya se había impuesto en el mundo la mediocridad del fútbol defensivo, con todo el cuadro atrás, armando el cerrojo, y adelante uno o dos hombres jugando al solitario; ya habían sido prohibidos el riesgo y la espontaneidad creadora. Y aquel Brasil fue un asombro: presentó una selección canzada a la ofensiva, que jugaba con cuatro atacantes, Jairzinho, Tostão, Pelé y Rivelino, que a veces eran cinco y hasta seis, cuando Gerson y Carlos Alberto llegaban desde atrás. En la final, esa aplanadora pulverizó a Italia.

Un cuarto de siglo después, semejante audacia sería considerada un suicidio. En el Mundial del 94, Brasil ganó otra final contra Italia. Ganó en la definición por penales, al cabo de ciento veinte minutos sin goles. De no haber sido por penales, las vallas hubieran seguido invictas por toda la eternidad. (GALEANO, 2014, l. 1589 – 1596)

Constata-se, aqui, um fator muito significativo para a nossa pesquisa: Galeano conhecia também as crônicas futebolísticas de Rodrigues. Talvez, diante de tantas perspectivas semelhantes no que concerne ao seu pensamento sobre o futebol, tenha sido influenciado por ele. O jornalista uruguaio também vislumbrou a unanimidade brasileira em relação ao futebol, diante dos argumentos contidos nesta citação: a presença de campos de futebol nas comunidades, a ideia do trabalho do cardiologista aos domingos, o futebol caracterizado pela festa e gana do brasileiro. Esse imaginário é também bastante presente no pensamento rodrigueano.

A partir desta explanação acerca do futebol na obra dos autores, reiteramos as seguintes formulações: Rodrigues procurou, a partir de suas repetições e demasias, convencer o seu leitor de que a seleção brasileira – e conseqüentemente o brasileiro – é superior às demais seleções. Elaborou a teoria de que todas as mazelas existentes no Brasil jamais seriam decorrentes da incapacidade do brasileiro, mas sim da sua falta de auto-estima e de auto-confiança. Defendeu a ideia de que o futebol seria mais importante que questões sociais e históricas do país, sendo a derrota da Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã, a maior tragédia aqui registrada, a “hiroshima brasileira”. Galeano, por sua vez, utilizou-

se do futebol para desenvolver suas denúncias acerca do sistema capitalista e das desigualdades promovidas em nome do referido esporte. Nostálgico do futebol antigo e amante do futebol despretensioso, o escritor faz duras críticas à sua industrialização e registra o combate às práticas mercantis contemporâneas. A magia e o encantamento também são evidenciados, e assim são colocadas as sombras e as luzes do futebol. Nesse sentido, considerando a linguagem característica e a refinada ironia de Rodrigues, encontramos um texto inusitado e envolvente; enquanto a perspectiva engajada e denunciante de Galeano fazem com que seu texto seja mais previsível.

Rodrigues e Galeano foram, na totalidade de suas produções, obsessivos por algumas temáticas. O brasileiro, em suas crônicas, em sua literatura e em seu teatro, foi obcecado por abordar temáticas polêmicas para a sua época, como a infidelidade, a homossexualidade e o erotismo. Galeano, por sua vez, constantemente procurou comprovar a teoria da dependência e criticou incansavelmente o capitalismo. Intencionou também falar sobre as injustiças cometidas contra minorias – indígenas, negros, mulheres, imigrantes. Ao pensar a questão das identidades nacionais, enquanto Rodrigues permaneceu com uma perspectiva exclusivamente brasileira, Galeano pensou um imaginário não somente uruguaio, mas também latino-americano, já que a pauta latino-americanista era tão cara a ele e perpassou toda a sua obra. Portanto, procuraremos, aqui, realizar uma análise enfocando uma temática em comum que interessa a esses dois escritores – cujos princípios e convicções são tão distintos: a paixão pelo futebol e sua relação com a identidade.

2.4. OS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA DO FUTEBOL NA OBRA DOS AUTORES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ao realizar esta revisão bibliográfica, encontramos numerosos estudos acerca da produção esportiva de Nelson Rodrigues e poucos estudos referentes à produção de Eduardo Galeano. Os

estudos que abordam a obra de Galeano enfatizam sobretudo as suas produções com viés político, considerando a ampla notoriedade que o autor destina a essa questão. Pretendemos, nesse sentido, considerando a centralização na perspectiva política de Galeano, suprir, de certa forma, a ausência de estudos acerca da produção do referido autor sobre o futebol. Ademais, não encontramos, até o presente momento, estudos que se propusessem a estudar conjuntamente as crônicas futebolísticas dos dois autores. Deste modo, nossa proposta visa também a apresentar, através da literatura comparada, uma abordagem dos dois autores em conjunto – que concluímos relevante pelo fato de ainda não ter sido problematizada, como já evidenciamos. Realizaremos, nas próximas duas seções – uma destinada a Nelson Rodrigues; outra, a Eduardo Galeano –, uma breve discussão dos estudos que consideramos significativos para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.4.1. Nelson Rodrigues: identidade nacional e a superação da inferioridade

No que concerne aos estudos realizados acerca do futebol como elemento de constituição de identidade nacional na obra Nelson Rodrigues, constantemente ressalta-se a investida do autor em destacar o referido esporte como um instrumento fundamental na superação de uma postura de inferioridade do brasileiro em relação ao resto do mundo (MARQUES, 2012; MARQUES, 2000; SILVA, 2016; BORGES, 2006; SILVA, 1997; ANTUNES, 2004; VEJMEKKA, 2007). Essas análises abordam, de modo geral, temáticas recorrentes nas crônicas esportivas do autor, como a afirmação do futebol-arte – proveniente de um conjunto de fatores intrínsecos ao caráter do homem brasileiro –, o combate ao “complexo de vira-latas” e a paixão do brasileiro pelo futebol.

Francisca Islandia da Silva (2016) procurou compreender como Rodrigues contribuiu para reforçar o mito de uma identidade nacional solidificada no futebol. Destacou que suas crônicas

objetivavam cultivar a imagem de um país vitorioso, que conseguiu superar os problemas do passado. Neste intuito, os jogadores da seleção eram encarados como personagens míticos e heroicos de um povo que sempre valorizou a festa e a ludicidade.

Influenciado por intelectuais brasileiros cujas teorias ressaltavam a presença da mestiçagem na identidade brasileira e que pensaram a formação do “homem cordial” - Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, respectivamente -, Nelson Rodrigues cria o imaginário do brasileiro, pautado no ideal da mestiçagem, da ginga e da criatividade (SILVA, 2016). Além de Freyre e Holanda, Silva (2016) destaca também a influência de Paulo Prado na tentativa de criar o imaginário do homem brasileiro: as crônicas de Rodrigues contrariavam veementemente a tese da tristeza brasileira de Prado e mostravam um brasileiro alegre e contagiante. Nesse sentido, Fátima Antunes (2004) resalta a influência das obras desses 3 intelectuais nos escritos de Nelson Rodrigues, afirmando que, na medida em que o cronista escrevia sobre futebol em veículos de comunicação de grande circulação, voltados para os torcedores de futebol, acabava por traduzir e divulgar certas ideias e conceitos sobre a identidade nacional – as quais o grande público não teria acesso. Nesse sentido, Rodrigues acaba contribuindo na difusão das ideologias sobre o caráter e a identidade, originariamente elaboradas por um grupo de ensaístas. Tais noções incorporaram-se, por fim, ao imaginário acerca da relação entre o futebol e o Brasil (ANTUNES, 2004).

Além dos termos objetivos do futebol – que Nelson chama de termos técnicos, táticos e esportivos -, suas crônicas acabam revelando, deste modo, uma outra dimensão, como as interferências do sobrenatural no esporte, o dramatismo dos grandes jogos e o lirismo do estilo dos craques. Revelam, ainda, como todo um mundo particular em que os acontecimentos, personagens e instituições do universo futebolístico tornam-se signos de um universo mais amplo, que é a própria vida do homem. A trajetória da conquista do tricampeonato mundial pelo Brasil é representada como um drama épico através do qual o

cronista procura projetar um destino venturoso para a nação e fixar uma imagem positiva do homem brasileiro (SILVA, 1997). Nesse sentido, a crônica esportiva de Rodrigues busca ir além das questões intrínsecas ao futebol – figura também como um meio de disseminar a tese de que o futebol era um símbolo de uma identidade nacional, representada também pelo negro e pelo mestiço (SANTOS, CAPRARO, 2014).

A proposição do “complexo de vira-latas”, idealizada pelo jornalista em suas crônicas, é outra temática constante nos estudos aqui selecionados. O futebol teria o potencial de reinventar tradições e de incitar a renúncia a este complexo, e os fracassos da seleção seriam decorrentes da posição de inferioridade que corroía a possibilidade de notabilidade da seleção. Para Rodrigues, em suma, o “complexo de vira-latas” seria apenas abandonado nos momentos de sucesso no esporte (SILVA, 2016). Luiz Henrique de Azevedo Borges (2006) destaca, ademais, em sua Dissertação de Mestrado *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*, a relação que Rodrigues estabelece entre a desvalorização do jogador brasileiro e o fracasso do Brasil especificamente no contexto da copa de 1950: o cronista reitera que esta derrota não estava ligada à miscigenação e à natureza do homem brasileiro, mas sim ao seu complexo de inferioridade. Nesse sentido, reitera-se a concepção de que as relações criadas pelo futebol extrapolam o ambiente esportivo e passam a avaliar a própria sociedade e suas instituições e de que refletem os discursos sobre as percepções que o brasileiro tem de si mesmo. Antunes (2004) ressalta, ainda, o fato de que Rodrigues considerava o estado de espírito e a falta de auto-estima do brasileiro pior que os próprios problemas sociais existentes no país.

Aliado ao combate à postura de inferioridade do brasileiro, Rodrigues também apresenta um sentimento de aversão às práticas futebolísticas europeias – cuja característica embasava-se na utilização da força e na valorização da seleção enquanto uma coletividade – e defende o individualismo presente no futebol

brasileiro (BORGES, 2006). José Carlos Marques (2012), em seu livro *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*, aponta uma contradição no pensamento de Rodrigues acerca da negação da utilização da força no futebol: o escritor defendia fervorosamente a ditadura militar, que foi justamente a responsável pela inserção da ideia de tecnocracia no esporte, uma vez que o regime introduziu, nas comissões esportivas, profissionais ligados às escolas de educação física militares.

Rodrigues enaltece, então, a presença do craque, afirmando que os jogadores brasileiros teriam o que falta nos outros: a fantasia, a molecagem, a malandragem e a paixão (BORGES, 2006). Para ele, o brasileiro não se parece com ninguém, nem mesmo com os sul-americanos – ele seria, em suma, uma nova “experiência humana”, um “homem genial”, dotado de elementos identitários singulares (MARQUES, 2012; BORGES, 2006). Todas essas características positivas – a criatividade, a alegria, a esperteza e a capacidade de improvisação – são atribuídas, no pensamento do autor, à miscigenação (BORGES, 2006).

Ocorre, desta forma, nas crônicas esportivas do autor, uma projeção nos acontecimentos futebolísticos de certos dilemas que são particularmente importantes para o projeto da nação da sociedade brasileira – questões da identidade nacional, da diferença, da diversidade étnica e cultural, do colonialismo (SILVA, 1997). O autor entende que o futebol é elemento de primeira grandeza para o povo brasileiro, que gera identidade compartilhada por milhões de pessoas: o ato de torcer significa pertencer (BORGES, 2009). Nesse sentido, Rodrigues utiliza-se desta dimensão representativa do futebol como mediação para a construção do sentimento de pertencimento à grande e vitoriosa comunidade nacional. Através do escrete, em suma, o Brasil realiza-se plenamente como uma nação (SILVA, 1997; ANTUNES, 2004).

Outro aspecto muito explorado no que diz respeito aos estudos do futebol em Nelson Rodrigues é a questão da linguagem e dos procedimentos retóricos utilizados pelo cronista para operar determinados deslocamentos em sentidos que já eram associados ao

futebol pela opinião pública brasileira (MARQUES, 2012; SILVA, 2016; BORGES, 2006; SILVA, 1997; MARQUES, 2000; VEJMEKKA, 2007). Marques (2012) e Borges (2006) argumentam que a escrita esportiva de Rodrigues estava inserida na estética neobarroca – conceito que definiria, segundo Marques, as características de uma cultura miscigenada, sempre pronta a criar novas significações e até mesmo opor-se às hegemonias dominantes no continente. Além disso, caracteriza-se como espaço da polifonia, na medida em que o autor dava voz às classes mais variadas da sociedade (BORGES, 2006). Marques (2012) chama a atenção, nas crônicas futebolísticas de Rodrigues, para a excessiva utilização de metáforas potencializadoras de sentido, de quebra da expectativa linear do leitor e da criação de novas sínteses visuais e sintáticas, por meio de imagens totalmente inusitadas e hiperbólicas. Este recurso de utilização da desmesura e da excedência cria um espaço desestabilizador e constitui-se como importante ferramenta formal dos formuladores da estética neobarroca (MARQUES, 2012). Para Silva (2016), ademais, a utilização dessa hiperbolização e dos adjetivos, bem como o aspecto místico na escrita do autor, são ferramentas utilizadas no intuito de não deixar dúvidas sobre as suas verdades acerca do futebol.

A intertextualidade e a obsessão por determinados temas são outras singularidades presentes nas crônicas de Rodrigues. O autor utiliza-se de um contínuo processo de autocitação, de recuperação incessante de suas próprias narrativas. Essas particularidades aproximam a escrita de Nelson da nova realidade que ele cria para dar conta do caráter dramático, hiperbólico e vislumbrado no futebol (MARQUES, 2012). A tentativa de convencer os leitores através da persuasão é também uma especificidade na produção de Rodrigues: o escritor utiliza-se de uma aproximação, de um discurso íntimo baseado na confiança profunda no destinatário, na simpatia que ele nutre, na sensibilidade e boa vontade de sua compreensão. Como recurso, chama a atenção do interlocutor, através de um discurso com grau de intimidade e coloquialidade (MARQUES, 2012). Assim, a disposição engenhosa dos recursos

retóricos – como a hipérbole e a ironia - ao longo do texto fica a serviço de dois objetivos: convencer e comover o leitor (SILVA, 1997) acerca da potencialidade do Brasil e de seu povo.

A escritura caracterizada pela oralidade nas crônicas do jornalista também é constantemente discutida nos estudos relativos à produção esportiva. Segundo Marques (2000), sua obra deveria ser lida em voz alta – ou representada no palco – para que se pudesse dar conta de todos os elementos vocais e performáticos da sua escrita, considerando a valorização dos registros sensoriais, visuais e táteis do jogo. Borges (2006) afirma que os textos de Rodrigues encontram-se na fronteira entre a narração radiofônica e a escrita, considerando que são marcados pelo uso abundante de adjetivos valorativos – norma corrente entre os locutores esportivos de rádio – e pelo processo de repetição.

A vinculação à rubrica “crônica” foi fator essencial para que Nelson desenvolvesse sua extravagante e rica interpretação do futebol e dos acontecimentos do mundo esportivo: segundo Marcelino Rodrigues da Silva (1997), a possibilidade de estabelecer com os fatos que serviam de referência a seus textos uma relação ambígua permitiu a Rodrigues a criação de uma concepção particular do mundo futebolístico, em que as peças se encaixam segundo uma lógica própria, mais ou menos desligada da realidade objetiva. Nesses escritos, os acontecimentos do mundo do futebol aparecem transfigurados, transformados pelo olhar do cronista, deslocados da moldura objetiva da notícia. Este movimento, no âmbito da imprensa esportiva, só foi possível porque, sob a rubrica “crônica”, “o autor se encontra livre da obrigação jornalística de revelar objetivamente os fatos” (SILVA, 1997, p. 41). Portanto, através de um tom eminentemente oratório, com o uso dos mais variados artifícios retóricos, o cronista torna-se um “orador canastrão”, que retoca, transfigura e dramatiza os jogos, conferindo-lhes uma dimensão nova e emocionante (SILVA, 1997). Além disso, segundo Marcel Vejmelka (2007), a totalidade da obra rodriguesana constitui uma rede complexa de referências internas e interferências

entre gêneros literário e jornalístico: esta densa rede intertextual abrange o teatro, o conto e a crônica (VEJMELKA, 2007).

Por fim, considerando a faceta dramatúrgica de Rodrigues, alguns estudiosos de suas crônicas futebolísticas dedicaram-se, também, à relação entre o teatro e sua interpretação do esporte (SANTOS, CAPRARO, 2014; MANDIL, 2012). Para André Mendes Capraro e Natasha Santos (2014), Rodrigues obteve fonte de influência e inspiração no seu próprio teatro dramático. Os autores analisam a referidas crônicas e o roteiro da peça de teatro “A falecida”. Destacam que o autor, ressentido pela impossibilidade de se dedicar efetivamente ao teatro – a polêmica constante nas suas peças, que foram proibidas, restritas e embargadas, não tornava possível uma dedicação exclusiva –, acaba transformando o futebol em drama teatral. Ram Avraham Mandil (2012) enaltece a visão rodrigueana acerca do teatro ideal, em que o espectador não deve estar distanciado, mas sim aspirado para dentro da cena e coparticipante do seu desenrolar – interferindo e sendo afetado por sua dinâmica. Essa figura está encarnada pelo torcedor de futebol, como aquele que comparece ao estádio, interfere no jogo e converte-se em um espetáculo, que se angustia, sofre, explode de prazer, oscila em seu humor. Nesta relação intrínseca, não parece haver distância entre o torcedor e o que se passa em campo.

2.4.2. Eduardo Galeano: futebol e denúncia

De modo geral, os estudos acadêmicos sobre a obra de Eduardo Galeano focam suas análises na perspectiva política, fator bastante evidente em toda a obra do autor. Relacionamos esta constatação ao fato de que sua produção acerca do futebol é breve se compararmos com a totalidade de sua obra: a temática obteve uma breve consideração por parte do autor, resultando em apenas um livro publicado. Concluimos, portanto, que a escassez de trabalhos sobre seus escritos futebolísticos seja também consequência disso.

A obra completa de Galeano é marcada pela denúncia das desigualdades mundiais decorrentes do sistema capitalista. Mesmo o seu livro *El fútbol a sol y sombra* – cujo tema principal é o esporte – não deixa de ser uma obra de denúncia. Os poucos estudos que encontramos acerca do futebol na obra de Galeano evidenciam essa questão. Andrei Adornes Monteiro (2018) destaca que esta produção acerca do futebol reflete sua visão de mundo e da sociedade, marcada pela bipolaridade global do contexto da guerra fria. Em seus escritos, Galeano utiliza-se do futebol para abordar, também, grandes acontecimentos, como as ditaduras da América Latina, as guerras mundiais, a ascensão do fascismo na Europa, entre outros. O futebol, então, é colocado como indissociável da sociedade.

A questão da dignidade da América Latina e de sua dependência diante da Europa são temas também constantemente explorados em Galeano. Percebemos, a propósito, que os estudiosos constantemente sublinham a influência da teoria da dependência em sua obra. Nos textos sobre o futebol, esta temática da América Latina aparece através de uma tentativa de auto-afirmação, configurando-se um imaginário de que as seleções desta região seriam as melhores – no Brasil, por exemplo, teria surgido o futebol mais bonito do mundo, influenciado pela ginga e pela capoeira (MONTEIRO, 2018).

Outra questão ressaltada por Monteiro (2018) e que importa no nosso estudo é o fato de que, devido ao posicionamento político esquerdista de Galeano, não se imaginava que ele acompanhasse futebol. O estudioso destaca, aqui, a influência de Albert Camus, cujo pensamento assinalava que o referido esporte é capaz de preparar para a vida e para o convívio em sociedade. A partir do futebol, Galeano posiciona-se sobre os eventos históricos levantados ao longo do livro, enaltecendo as vitórias de guerrilheiros e de governos de esquerda e as revoluções anticoloniais. O fato de Galeano ter vivido todo o período Guerra Fria é, assim, primordial para compreender seu posicionamento – os acontecimentos históricos intencionalmente acentuados pelo autor são consequência desta vivência e em sua produção estão

evidentes que os movimentos políticos que mais lhe são caros advêm dos países subdesenvolvidos (MONTEIRO, 2018).

Assim como Monteiro, Hugo Lovisolo (2001) - no artigo intitulado *Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia* - e Breno Pauxis Muinhos (2014) - no artigo *A barbárie em campo* -, destacam o caráter de denúncia assumido por Galeano em seus escritos sobre o futebol. Lovisolo (2001) destaca que a referida produção opera em dois planos: a narração das situações sobre o futebol e o conjunto de teorizações na interpretação do esporte. Juntos, esses argumentos pretendem criar um efeito de denúncia ideológica: no título de sua obra - *El fútbol a sol y sombra* - o sol representa os aspectos positivos do futebol e a sombra simboliza sua deterioração. Lovisolo ressalta, aqui, que Galeano apresenta o Futebol como um esporte maravilhoso em sua essência, que sofre uma decadência com a sua profissionalização e com a sua vinculação ao dinheiro. Assim, o título do livro sugere que será narrado o que se vê e o que não se vê, sendo o oculto o que será iluminado ou denunciado na obra. (LOVISOLO, 2001). Lovisolo contrapõe-se ao discurso de Galeano, alegando que sua produção é baseada em um saudosismo, no qual as coisas são puras e plenas quando nascem e se degeneram no decorrer do tempo. O estudioso, assim, critica este desencanto com o tempo presente e a ideia de que o futebol antigamente era mais puro e simples - ideal tão manifesto na produção de Galeano.

Muinhos (2014), por sua vez, destaca, nos escritos de Galeano, a presença da barbárie no futebol. Para isso, seleciona alguns textos presentes em *El fútbol a sol y sombra* para ressaltar a metáfora da guerra e o registro da violência no esporte. Também destaca que as críticas às mazelas presentes no futebol são tão cruciais quanto a elevação de feitos promovidos no esporte, evidenciando - assim como Lovisolo - a ideia do sol e da sombra no futebol: a resistência dos jogadores advindos das minorias ilustra o simbolismo das luzes, enquanto a elitização e a manipulação dos resultados dos esportes ilustram as sombras. Ademais, Muinhos (2014) faz referência também ao gênero crônica, indicando que sua

simplicidade faz com que assuntos construam-se de maneira familiar, aproximando o escritor do leitor.

Como mencionamos, os estudos acerca do futebol na obra de Galeano são escassos. Os estudiosos que se propõem a estudar o autor abordam, sobretudo, a produção cujo principal objeto são as questões políticas e historiográficas – como o tema das ditaduras, do exílio, das desigualdades presentes na América Latina (MAZZIO, 2015; BARBOSA, 2009; MAFRA, 2016; ARAUJO, 2013). Embora o autor, ao abordar o futebol, chame a atenção para essas questões, o livro *Fútbol a Sol y Sombra* pouco foi analisado. Sandro Aparecido Mazzio (2015) observa, a partir da trilogia *Memoria del Fuego*, o processo de constituição de uma identidade latino-americana, destacando que Galeano se propõe a retirar uma parte da nossa história do esquecimento, questionando a historiografia oficial. Resgata, assim, as tradições e costumes aqui existentes antes dos colonizadores – mitos, lendas, contos populares – destacando a diversidade étnica e cultural existente antes da chegada dos colonizadores e a importância da cultura dos povos originários e dos escravos. Nesse sentido, Galeano esforça-se para desvelar as diversidades e contradições da região, acentuando uma identidade latino-americana fragmentada que se recusa à homogeneização e totalização (MAZZIO, 2015). André Francisco Berenger de Araujo (2013) sugere que a noção de transculturação - teorizada por Fernando Ortiz – auxilia na compreensão do trabalho de Galeano, cujo pensamento indica um processo assimétrico, conflitivo e complexo de formação da sociedade. Nesse sentido, o conceito de transculturação expressaria melhor as fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, mas indica também necessariamente a perda ou desenraizamento de uma cultura precedente, significando a conseguinte criação de novos fenômenos culturais (ARAUJO, 2013).

Alguns estudos também ressaltam a experiência do exílio na obra de Galeano: Marcia Horacio Barbosa (2009) analisa a obra *Días y noches de amor y de guerra* e destaca a apresentação de um discurso

que se contrapõe à história oficial, enfatizando a voz das minorias e ressignificando a historiografia acerca das ditaduras militares presentes em vários países latino-americanos das décadas de 60 e 70. Liana Márcia Gonçalves Mafra (2016) aborda o livro *Memoria del Fuego – El siglo del viento* – também produzido durante o exílio – e enfatiza a correlação entre a experiência do autor e a sua narrativa: com o exílio ocorre, na escrita de Galeano, uma subversão da noção tradicional de gênero literário; seu estilo passa, então, a ser marcado pela intertextualidade, com textos curtos e autônomos, em forma de vinheta, organizados de forma aleatória. Esta escrita não pertenceria a nenhum gênero fixo, constituindo-se uma escrita “sem aduana” (MAFRA, 2016). A estudiosa ressalta, também, a dificuldade de classificação dessa produção, que não se encaixa como testemunho, poesia, ficção ou ensaio. Ocorre, assim, a partir da experiência do desterro, uma desestabilização das fronteiras entre os gêneros literários na escrita do autor (ARAUJO, 2013). Trouxemos esta discussão porque os textos de Galeano acerca do futebol seguem esta mesma lógica aleatória e apresentam-se em fragmentos curtos e autônomos.

3. REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA E O FUTEBOL

3.1. AS OBRAS E OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Nos estudos referentes às produções esportivas de Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano, há um consenso em enquadrar seus escritos como pertencentes ao gênero crônica – e mais especificamente “crônica esportiva”. Dedicaremos, no intuito de conhecer e refletir sobre as obras dos autores, este espaço para a discussão sobre os gêneros literários das obras aqui estudadas.

A palavra crônica procede do termo grego *chronos* e implica a noção de tempo (ARRIGUCCI, 1987; MASSAUD, 1984; SIEBERT, 2014; SIMÕES, 2009). Segundo Simões (2009), o termo originalmente ordenava feitos históricos em ordem cronológica, e o primeiro grande cronista teria sido Heródoto. Nesse sentido, a crônica, a princípio, teve como propósito registrar os acontecimentos em um intervalo de tempo, servindo de memória do passado (SIEBERT, 2014). O gênero pode ser visto, portanto, como um precursor da historiografia moderna (ARRIGUCCI, 1987), que se limitava a registrar os eventos sem tentar interpretá-los ou compreender suas causas (MASSAUD, 1984).

O vocábulo crônica foi também utilizado na Idade Média como designação de um documento que registrava, a partir de uma narração objetiva, a vida e o reinado de um monarca, bem como seus sucessos político-militares (LOPES, 2010). No período das circunavegações fez-se uso do gênero para documentar os acontecimentos durante as viagens e os descobrimentos das terras do novo mundo, registrando as conquistas além-mar (SIEBERT, 2014). Nessa acepção, a crônica seguiu sendo utilizada como um relato cronológico dos fatos, sendo denominada como “crônica histórica” - um relato circunstanciado sobre feitos, cenários e

personagens escrito pelo narrador a partir de sua vivência ou das informações dos protagonistas e das testemunhas (SIEBERT, 2014). Segundo Jorge de Sá (1985), no livro *A Crônica*, Pero Vaz de Caminha foi um importante cronista, que se propôs a registrar o circunstancial no contexto do contato do europeu com os indígenas e seus costumes. O autor chega a afirmar que a literatura brasileira “nasceu, pois, de uma circunstância. Nasceu da crônica”. (SÁ, 1985, p. 7). Esta constatação deve ser problematizada, já que causa a impressão de que o Brasil surge com a colonização, como se não houvesse nada aqui anteriormente e como se a literatura fosse exclusivamente composta por textos escritos – visão atualmente já superada nos estudos acadêmicos.

Em contraposição ao pensamento de Sá, Simões (2009), no artigo *A evolução da crônica como gênero nacional*, argumenta que a afirmação de que a crônica vem de um tempo distante – que remonta ao século XVI – parece exagerada: para o autor, a carta de Caminha possui pouca relação com o modelo brasileiro de crônica estabelecido na década de 1930. Segundo Simões, o gênero no Brasil constituiu-se em simbiose com a imprensa nacional (SIMÕES, 2009).

Esta relação da crônica brasileira contemporânea com a imprensa originou-se com o *feuilleton* – folhetim, em português –, modalidade literária que surgiu nos jornais franceses no século XIX (SIMÕES, 2009; SCHEIBE, 2013; LOPES, 2010; CANDIDO, 1993; ARRIGUCCI, 1987). O folhetim era um espaço no rodapé do jornal, que serviu de contraponto às notícias graves que dominavam os periódicos e que paulatinamente popularizou-se, ganhando tamanho e prestígio nos jornais. Nele, eram cabíveis capítulos de romances, anedotas, comentários, poemas e crônicas (SIMÕES, 2009), que tinham como objetivo entreter e distrair os leitores (COSTA, NETO, SOARES, 2007; ARAÚJO, BARBOSA, 2013). Segundo Roberta Scheibe (2013), no artigo *A Recriação do Real: As Origens do Gênero Crônica no Brasil*, os jornalistas vagavam pela cidade, observavam o cotidiano e o estampavam no jornal no dia seguinte. Assim, na medida em que os jornais tornam-se diários, a relação entre jornalismo e literatura aproxima-se ainda mais e as

crônicas passam a ter estreita relação com a efemeridade do cotidiano. No Brasil, a leitura diária do jornal incorpora-se aos costumes da elite com a fundação, em 1808, da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Posteriormente, a partir de 1850, ocorre um aumento considerável do espaço destinado à crônica (SCHEIBE, 2013), de modo que a modalidade vai se consolidando no país. O gênero, portanto, “emana da história, da literatura e do jornalismo” (SCHEIBE, 2013, p. 3), trazendo qualidade ao jornal (LOPES, 2010). Acerca desta relação entre o jornalismo e a crônica, Paula Cristina Lopes (2010), em artigo intitulado *A crônica (nos jornais): O que foi? O que é?* afirma que, diferentemente da eternidade da crônica publicada em Quatrocentos, a efemeridade da crônica dos jornais caracteriza-se como um gênero misto, literário-jornalístico. Assim, “sua história enquanto gênero confunde-se, naturalmente, com a própria história do jornalismo”. (LOPES, 2010, p. 3)

Moisés Massaud, no livro *A Criação Literária*, argumenta que no século XIX a crônica libertou-se de sua conotação historicista, passando a ter característica estritamente literária e beneficiando-se da sua ampla difusão na imprensa (MASSAUD, 1984). Há um consenso, assim, entre os estudiosos, de que a crônica que se apresenta no século XIX relaciona-se com os jornais e difere muito das acepções anteriores do vocábulo. De acordo com Arrigucci, a crônica atual, para ser compreendida adequadamente,

deve ser pensada, sem dúvida, em relação com a imprensa, a que esteve sempre vinculada sua produção. Mas seria injusto reduzi-la a um apêndice do jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência europeia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo. Teve aqui de fato um florescimento surpreendente como forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, a ponto de constituir um gênero propriamente literário. (ARRIGUCCI, 1987, p. 52, 53)

Além da relação com o jornal, Scheibe defende que a crônica moderna deve ser pensada, no Brasil, em relação à mudança cultural proveniente do processo de urbanização e industrialização

das cidades do início do século XX. O movimento modernista também é significativo para a compreensão da ascensão da crônica brasileira, considerando que os intelectuais ligados ao grupo estimularam o ideal de brasilidade, impulsionaram a produção da literatura local e defenderam a simplificação dos textos. Passaram, então, a escrever em uma linguagem coloquial, deixando de lado o estilo formal e aproximando a linguagem dos textos à vida real dos brasileiros (SCHEIBE, 2013, p. 6). O movimento modernista trouxe, assim, uma aproximação entre a literatura e a comunicação corrente da vida do brasileiro, aproximando a língua falada e a língua escrita. Essa ênfase na oralidade traz consigo a “importância de se inserir no texto escrito as locuções e os vocábulos presentes na cultura popular” (HOLLANDA, 2003, p. 77).

Nesse sentido, Hollanda (2003) afirma que a crônica passa a ser uma preciosa fonte no processo de afirmação da língua nacional e das expressões populares brasileiras. Nela, os modernistas vislumbraram um meio de combater a tradição de intelectuais acadêmicos e catedráticos que consideravam hegemônicas expressões rebuscadas. Deste modo, o movimento modernista influencia a crônica brasileira, que ocasiona a possibilidade do escritor utilizar-se da simplicidade, da liberdade de experimentação, do tom coloquial e da linguagem fluida (HOLLANDA, 2003). Essa mudança concretizada pela crônica é, segundo Antonio Candido – em artigo intitulado *A vida ao rés-do-chão* –, um milagre de simplificação e naturalidade, sobretudo num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical (CANDIDO, 1993).

Candido, mesmo compreendendo a característica daquilo que se considera literatura no Brasil – relacionada com o requinte da escrita – afirma que a crônica não é um “gênero maior”, alegando que não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas. A constatação da crônica como gênero menor é, segundo Candido, positiva, porque isso faz com que ela fique perto de nós; e que, humanizando através da sua despretensão, ajusta-se à

sensibilidade cotidiana (CANDIDO, 1993). O autor enfatiza sua efemeridade e sua aproximação com a realidade, afirmando que a crônica, ao invés de “oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. (CANDIDO, 2003, p.1)

Nesse sentido, há uma unanimidade, por parte dos estudiosos do gênero, em atribuir à crônica uma relação com o efêmero. O cronista aparece como um contador de uma história menor, alguém dos grandes acontecimentos, como um comentarista dos acontecimentos do cotidiano da cidade moderna, que escreve sobre as pequenas coisas em tom de bate-papo entre amigos (ARRIGUCCI, 1987, p. 55). Para não se afundar no efêmero, Arriguci (1987) enfatiza a importância da qualidade da escrita e do estilo da crônica como uma busca de uma saída literária, tornando possível que palavras banais alcem voo (ARRIGUCCI, 1987). Esta caracterização da crônica em relação ao cotidiano e à banalidade foi reconhecida por Machado de Assis, ainda no final do século XIX. No texto *O nascimento da crônica*, publicado originalmente em 1877, o autor se propõe a falar das características do gênero, afirmando:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começando a crônica. (ASSIS, 1994, p. 13)

Esta relação entre a crônica e o cotidiano é apontada também por Adriana Callegaro e María Cristina Lago, no artigo *La crónica latinoamericana: cruce entre literatura, periodismo y análisis social*. Neste estudo, as autoras apontam que a crônica vem sendo, na América Latina, um gênero que retrata a vida cotidiana das pessoas comuns e por setores marginalizados:

Desde hace algunos años, la situación social latinoamericana es retratada con otro registro que se aleja del estrictamente informativo característico de la

práctica periodística de las redacciones. La vida cotidiana de la gente común, y de los sectores marginados, así como la puesta en escena de prácticas de supervivencia y lucha de dichos sectores suelen ser los temas abordados por jóvenes cronistas para contar historias que conmueven, asombran e indignan, en un diálogo permanente con la literatura y el análisis sociocultural. (CALLEGARO, LAGO, 2012, p. 47)

Nesse sentido, tanto no Brasil, como na América Latina de uma maneira geral, a crônica aparece em relação ao jornal, mas está distante de ser estritamente informativa, e utiliza-se dos eventos banais do cotidiano para fundamentar sua concretização. Massaud argumenta, deste modo, que a crônica oscila entre a reportagem e a literatura; entre o relato impessoal de uma trivialidade e a recriação por meio da fantasia (MASSAUD, 1984). O autor defende, então, que a crônica é de uma ambiguidade irreduzível, sendo a pretensão do cronista não se caracterizar como um repórter informativo, mas sim “o poeta ou o ficcionista do cotidiano”, que desentranha “do acontecimento sua porção imanente de fantasia” (MASSAUD, 1984, p. 247)

A efemeridade da crônica, de que tanto falamos aqui, possui estreita relação com o fato do gênero ser vinculado à imprensa: o jornal “nasce, envelhece e morre a cada 24 horas” (SÁ, 1985, p. 10) e, nesse contexto, a crônica também assume uma transitoriedade. O cronista acaba, considerando essa característica, sofrendo as pressões comuns ao ambiente jornalístico: dispõe de pouco tempo para datilografar seu texto (SÁ, 1985) e é obrigado a respeitar um tamanho de texto previamente determinado ou restrito (SIMÕES, 2009). Esta ligação com o jornal, nesse sentido, possui uma consequência ambígua: ao mesmo tempo que restringe o gênero, pode também agir positivamente, demarcando um estilo e caracterizando-o com um ritmo de texto ágil (SIMÕES, 2009). Giovana Chiquim, em artigo intitulado *A impressão do cotidiano: um estudo das ambiguidades da crônica e a transgressão de seu caráter efêmero*, aponta para a característica desgastante do gênero, decorrente do fato de os cronistas produzirem literatura sob pressão, necessitando, diariamente e obrigatoriamente, ter

inspiração constante para falar sobre algo. Assim, segundo a autora, “nesse ofício de opinar sobre tudo e sobre todos, o cronista passa a ser um observador escondido na redação do jornal, um escravo do teclado e do tempo”. (CHIQUIM, 2013, p. 33)

Deste modo, Arrigucci (1987) pertinentemente destaca o fato de que a crônica relaciona-se diretamente à modernidade, cuja característica imediatista e veloz é evidente. Scheibe enfatiza, seguindo a mesma linha de raciocínio, que o gênero acaba duelando contra o tempo e seu público constitui-se de leitores também apressados. Com isso, o cronista vê-se, também, obrigado a diversificar conteúdos - voltados à informação e ao entretenimento – com vistas a tornar seus textos mais atraentes e dinâmicos (SCHEIBE, 2013). A crônica é, portanto, um fato moderno, que se submete aos “choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna” (ARRIGUCCI, 1987, p. 53)

Cumpre-nos, para completar a seção proposta, e considerando a especificidade dos textos abordados nesta pesquisa, dedicar um espaço para a reflexão acerca da crônica esportiva. Segundo Hollanda (2003), esta modalidade de crônica começa a se destacar nas primeiras décadas do século XX, na medida em que os clubes futebolísticos começam a crescer e o futebol passa a se popularizar. O autor afirma:

é possível perceber nesse período a vigência entre os literatos de uma crônica sobre os esportes, mas não de uma crônica dos esportes. Além disso, no ambiente diário do jornalismo, o futebol também não possuía grande espaço. De uma forma esquemática, pode-se dizer que até 1910 apenas algumas linhas eram concedidas ao futebol nas edições dos jornais de domingo e de segunda-feira. Já após 1910, o futebol transformava-se paulatinamente em assunto jornalístico, sendo que em 1917 é criada a Associação de Cronistas Esportivos no Rio de Janeiro. Contudo, o cronista esportivo constituía ainda uma espécie de curinga do jornalismo, desempenhando as mais variadas funções de reportagem, o que atestava a ausência de autonomia e de especialização dada à sua atividade. (HOLLANDA, 2003)

Nesse sentido, o esporte passa a ocupar, paulatinamente, no início do século XX, as páginas dos principais diários brasileiros (MARQUES, 2010). Nas décadas de 40 e 50, o gênero se fixa como um detentor de formato próprio (HOLLANDA, 2003), passando a ter maior autonomia. O crescimento da modalidade relaciona-se diretamente com o aumento dos interessados no esporte, na medida em que o futebol caía no gosto popular e passava a movimentar a população (COSTA, NETO, SOARES, 2007). Nessa conjuntura, a crônica esportiva começa a se modernizar, através da retirada dos termos em inglês e da aproximação com as expressões correntes faladas nos estádios. Acerca deste processo, Hollanda pontua:

A modernização da crônica esportiva caracterizava-se pela implantação de uma nova linguagem e de uma nova narrativa, assim como pelo estabelecimento de uma nova relação entre o cronista e o leitor. Esta relação se prolongava muitas vezes por meio de um contato direto nas ruas, nos bares e nos estádios ou por meio de cartas, telegramas e até telefonemas, o que influenciava e trazia repercussões imediatas para os temas da crônica. (HOLLANDA, 2003, p. 91)

O futebol traz, nesse sentido, uma nova forma de escrita e novos conceitos para a crônica brasileira, massificando o gênero na sociedade e incentivando a profissionalização dos escritores de jornalismo esportivo (COSTA, NETO, SOARES, 2007). José Carlos Marques, em artigo intitulado *A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais paulistas e cariocas*, destaca o crescimento das seções esportivas nos periódicos brasileiros, que fez com que esta seção obtivesse o maior patrocínio dentro do jornal. O autor acrescenta que a mídia impressa passa a reinventar seu trabalho diante dos investimentos nas transmissões televisivas dos jogos, considerando o poderio da imagem de TV (MARQUES, 2010).

Com a popularização da crônica esportiva, e levando em conta que o esporte suscitava paixões, ocorreu um nivelamento do cronista com os demais participantes do meio esportivo – como técnicos, jogadores, torcedores, juízes, dirigentes e jornalistas.

Nesse contexto, a crônica esportiva passa a ser espaço tanto de construção das identidades nacionais quanto das clubísticas (COSTA, NETO, SOARES, 2007). Hollanda (2003), ao debater a função do cronista esportivo, afirma que este passou a ter função de legislador, caracterizando-se como um crítico que deveria se mostrar apto a “a discernir o que é justo do que é injusto, o probado do ímprobo, o lícito do ilícito” (HOLLANDA, 2003, p. 102)

Nesse sentido, a crônica esportiva possui um embasamento nos fatos reais e compromete-se com os acontecimentos esportivos. Se a singularidade da crônica transita entre o ficcional e o não ficcional, a modalidade crônica esportiva pende, nesse sentido, para o lado jornalístico, mas com um adicional de liberdade de transformação da notícia (COSTA, NETO, SOARES, 2007). Sobre essa discussão, Hollanda argumenta:

No jornalismo esportivo brasileiro, os cronistas, esses “pensadores do cotidiano e da vida imediata” vêm sendo os principais responsáveis por manter o futebol ao nível de leitores e torcedores, à medida que o ajustam à sensibilidade do cotidiano por meio de uma linguagem própria do dia-a-dia. Mas, ao mesmo tempo, são os responsáveis por enriquecer o discurso da imprensa por meio de relatos em que se destaca o trabalho de construção literária e que superam as ortodoxias ditadas pelo próprio texto jornalístico. E, na criação dessas palavras sobre o jogo, os cronistas fazem prevalecer o divertido jogo com as palavras, o que reproduz nas páginas dos jornais, de quatro em quatro anos, a festa e a magia que a seleção brasileira cumpre ao longo das Copas. (MARQUES, 2010, p. 49)

A ascensão da crônica esportiva ocorre, assim, em conformidade com a popularização do esporte. Nessa modalidade, ressaltamos a leitura das crônicas como partícipe das discussões sobre o esporte. O cronista esportivo – que acaba atuando também como um comentarista esportivo – passa a ter um importante papel nos bastidores dos jogos, nos momentos prévios e posteriores às partidas, tornando-se um importante ator na esfera desportiva. Aqui, muitas vezes surge um personagem caricato, com personalidade própria, que se torna famoso pela qualidade de sua escrita e de seu estilo.

É o caso de Nelson Rodrigues. Suas crônicas – sejam elas esportivas ou não – seguem um padrão de escrita e estilo. O autor acaba criando uma relação com seu leitor, com quem conversa francamente em forma de diálogo, através de linguagem simples, espontânea e bastante característica – plena de ideias fixas, coloquialismos, expressões populares, gírias, ditados, ironias e hipérbolos. Através dessas características, Rodrigues acaba estabelecendo uma amigável relação de proximidade com seu leitor.

Não há dúvidas, portanto, de que as produções esportivas de Rodrigues que estamos abordando nesta pesquisa enquadrem-se no protótipo de crônica brasileira. Esses textos são veiculados na imprensa, com uma frequência determinada, abordam as situações futebolísticas que aconteciam na conjuntura e possuem um consumo imediato. Embora sua crônica seja jornalística, possui uma característica crítica, liberta da objetividade que historicamente foi imposta ao jornalismo. Tanto é que o autor recorrentemente critica a objetividade do jornal, problematizando os profissionais que seriam, em sua visão, “idiotas da objetividade”. Em crônica escrita no contexto da Copa do Mundo de 1962, na qual o Brasil sagrou-se campeão, Rodrigues comenta a vitória brasileira na semifinal contra a seleção anfitriã – o Chile –, mencionando sua crítica ao excesso de objetividade na imprensa:

O sujeito que, após os 4 x 2, não chorou lágrimas de esguicho é um mau-caráter. Mas eu dizia que foi uma vitória perfeita e irretocável. Os idiotas da objetividade querem colocar a partida em seus termos táticos e técnicos. O futebol, porém, foi um detalhe miserável, um frívolo pretexto. Pior era o que estava por trás. Amigos, o futebol do Chile não ameaçaria, normalmente, nem o Rosita Sofia. (RODRIGUES, 2013, p. 39)

Se compararmos com os escritos de Rodrigues com os de Galeano, percebemos várias diferenças. Primeiramente, o livro *El fútbol a sol y sombra*, que o autor uruguaio produziu abordando a temática do futebol, não é uma coletânea de escritos sobre o esporte destinada originariamente para publicação na imprensa – como é o caso dos livros sobre futebol de Rodrigues. Galeano escreveu esses

textos visando à construção do livro, o que implica a inexistência de uma relação com a imprensa. Isso quer dizer que não há uma constância determinada das produções do autor, nem a pressão do ambiente jornalístico, que caracterizam as crônicas publicadas no jornal. Ademais, o autor não escreve todos os seus textos contemporaneamente aos acontecimentos. Em seu livro, há textos que falam do esporte desde seu surgimento, no séc. XIX, e episódios que envolvem campeonatos e copas no século XX. Assim, Galeano acaba realizando uma abordagem histórica do futebol, não se isentando de opinar sobre as situações trazidas. Constantemente realiza uma explanação sobre os acontecimentos históricos da conjuntura que retrata – como guerras, desastres ambientais, instauração de ditaduras, ações de grandes líderes, entre outros. Embora estejam presentes textos que abordem situações efêmeras do futebol, o autor também aproxima-se de eventos da historiografia mundial oficial – retrata, deste modo, não apenas situações pontuais e pequenas acerca do esporte, como também situações importantes abordadas por historiadores. Quanto à linguagem, sua obra caracteriza-se pela escrita simples e fluida, marcada pela oralidade e coloquialidade.

Deste modo, e considerando toda a reflexão acerca da crônica que realizamos, ponderamos que os escritos de Galeano sobre futebol, embora aproximem-se do modelo brasileiro de crônica, não podem ser considerados precisamente como pertencentes a este gênero. Destacamos, primeiramente, que Galeano não escreve na própria circunstância dos acontecimentos – como o faz Rodrigues. Além dos argumentos elencados, é importante mencionar que existem estudos que afirmam a particularidade da crônica brasileira, que difere da concepção da crônica no resto do mundo: considera-se que a crônica, no Brasil, teve um florescimento peculiar, desenvolvendo uma autonomia (ARRICUGGI, 1987). É pertinente, esse sentido, considerar esta discussão ao estudar Rodrigues e Galeano. Cumpre mencionar, a propósito, que o próprio autor uruguaio recorrentemente abordou a temática da classificação dos gêneros, mencionando, em várias

ocasiões, que suas produções não pertencem a gêneros literários. No terceiro volume do livro *Memoria del Fuego*, o autor expõe seu pensamento sobre essa discussão:

Este libro es el volumen final de la trilogía Memoria del Fuego. No se trata de una antología, sino de una creación literaria, que se apoya en bases documentales pero se mueve con entera libertad. El autor ignora a qué género pertenece esta obra: narrativa, ensayo, poesía épica, crónica, testimonio... Quizás pertenece a todos y a ninguno. (GALEANO, 1990, p. 14)

Em reportagem acerca do livro *El fútbol a sol y sombra*, publicado no contexto do seu lançamento, em 1995, no jornal *El País*, a obra é retratada como desprovida de gênero fixo, e esta singularidade do autor também é mencionada:

Magnífico futbolista en sueños - "sólo jugaba bien cuando dormía" - Galeano ha escrito e ilustrado una obra sin género pero llena de géneros. Memorias, ensayo político, historia, relato breve, suspense ...: "En eso, el libro se parece mucho a otros míos, como *Memoria del fuego* o *El libro de los abrazos*, en los que también violaba las fronteras de los géneros. Todo lo que se cuenta aquí ha sucedido, pero está contado con la intención de dar vida a la historia quieta. La pena es que hay cosas que no entraron". (MORA, 1995, n.p)

Concluimos, nesse sentido, a partir de nossa discussão acerca do gênero crônica e das reflexões do próprio autor, que a obra *El Fútbol a Sol y Sombra* se insere em um gênero híbrido, que não é classificável nas tradicionais categorias existentes no campo da literatura. Regina L. Péret Dell'Isola, em artigo intitulado *Gêneros Híbridos: Contornos Difusos*, afirma que este tipo de texto transgride "convenções estabelecidas e caracteriza-se por uma estrutura em que há ruptura do convencional, do previsível, a qual parece se manifestar no texto sob a forma de uma incongruência (...)" (DELL'ISOLA, 2006, p. 76, 77). Consideramos, portanto, que os textos de Galeano enquadram-se em um protótipo híbrido de texto.

Para finalizar, cumpre esclarecer que esta discussão, mais que discutir sobre a categorização dos gêneros nas obras estudadas, foi realizada sobretudo no intuito de pensar e conhecer melhor os autores aqui analisados. É inevitável relacionar o modelo dos textos

esportivos dos autores à vivência que ambos tiveram nos jornais desde cedo. Pensando as características das obras, compreendemos melhor não apenas as produções esportivas dos autores, mas também suas obras e atuações profissionais. Destacamos, portanto, que as obras aqui estudadas possuem grande relação com o formato de texto proporcionado pela ascensão da imprensa, da urbanização e da industrialização – tanto pela característica dos textos curtos e velozes, que se utilizam da transitoriedade de partidas de futebol, como também pela sua linguagem simples marcada pela oralidade.

3.2. ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL: UMA REVISÃO

O futebol foi introduzido no Brasil e na região do Rio da Prata no final do século XIX, trazido por imigrantes ingleses que se deslocaram para aqui residir e por jovens da elite educados na Europa (FRANZINI, 2000; MANEIRO, 2015; DAMATTA, 2006). Inicialmente, a atividade foi exclusivamente praticada pela aristocracia – nas palavras de Roberto DaMatta, por “jovens brancos estrangeirados” (DAMATTA, 2006, l. 1338). Marcos Guterman, no livro intitulado *O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, afirma que o futebol:

aparece primeiro como atividade da elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos ou ligados aos investidores europeus que exploraram as oportunidades abertas pelo desenvolvimento do país no final do século XIX. Negros e operários só teriam vez ou nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos ricos ganhassem títulos (GUTERMAN, 2010, l. 40).

Os nomes dos primeiros clubes e suas composições ilustram essa característica elitista e estrangeira do início da prática do futebol no Brasil. De acordo com Mário Rodrigues Filho – irmão de Nelson Rodrigues –, em seu clássico livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado originalmente em 1947, os primeiros clubes surgidos no Brasil possuíam palavras inglesas em seus nomes –

como o *The Bangu Athletic Club*, o *Paissandu Cricket Club* e o *Rio Cricket* e o *Athletic Association* (FILHO, 2010, p. 29). Os fundadores do *The Bangu*, por exemplo, foram 7 ingleses, 1 italiano e 1 brasileiro – o brasileiro era branco, enfatiza o autor (FILHO, 2010, p. 29).

Nesse sentido, os clubes das grandes cidades eram compostos pela elite, formada em sua maioria por estudantes de direito e medicina, cuja mentalidade se caracterizava pelo positivismo e eurocentrismo da ciência (HOLLANDA, 2012, p. 13). Paulatinamente, contrariando o interesse da aristocracia, o esporte passa a se popularizar:

Os muros erguidos em torno do futebol não resistiram à formação das metrópoles brasileiras. Foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou nesse esporte a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas. A profissionalização do futebol foi uma consequência óbvia disso – as competições começaram a atrair grande público, e os melhores jogadores passaram a ser disputados e remunerados por clubes cada vez mais interessados em competir para vencer. (GUTERMAN, 2010, l. 40)

Essa popularização do futebol deu-se através do desenvolvimento de clubes corporativos de trabalhadores. No eixo Buenos Aires – Montevideú, a popularização foi anterior à experiência brasileira: por exemplo, o Peñarol de Montevideú – um dos mais famosos clubes sul-americanos – emerge em 1890, como agremiação de trabalhadores da companhia ferroviária uruguaia (MASCARENHAS, 2015, l. 1594). Como nos casos uruguaio e argentino, os trabalhadores brasileiros também passam a criar seus próprios clubes. A respeito dessa propagação do futebol no Brasil, Mario Filho exemplifica com o caso do Bangu, que passa a permitir cada vez mais a presença dos operários, colocando-os “em pé de igualdade com os mestres ingleses” (FILHO, 2010, p. 43). De acordo com Anatol Rosenfeld, no artigo *O Futebol no Brasil*, publicado originalmente na revista *Argumento* em 1974, a fundação do *The Bangu Athletic Club*, no ano de 1904, possui um importante significado: Bangu é a sede de uma grande fábrica de tecidos situada na região suburbana do Rio de Janeiro. O clube foi fundado

por uma maioria de ingleses, com o consentimento da direção da fábrica, que disponibilizou também um campo próximo da região. A distância do subúrbio, contudo, impossibilitou que os ingleses constituíssem equipes fechadas apenas com compatriotas da cidade, obrigando-os a recorrer aos operários da fábrica (ROSENFELD, 2007, p. 82).

De acordo com Guterman (2010), a transição do futebol, no contexto brasileiro, de esporte de elite para esporte de massa, ocorre concretamente na década de 1920. Koch (2012) afirma, assim como Guterman, que um dos grandes momentos do futebol brasileiro deu-se na década de 20, com a popularização do esporte e consequente entrada dos negros na modalidade: segundo o autor, a exclusividade da prática à elite brasileira não se sustentava frente à necessidade de vitórias nos desafios esportivos, fator que demandou a participação de membros de outros grupos sociais, no intuito de favorecer as equipes nas partidas e torneios. O futebol, portanto, proporcionou a visibilidade de um grupo de indivíduos até então invisível (KOCH, 2012). Rosenfeld (2007), acerca da abertura do futebol ao negro, afirma:

Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade da ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências a vida, viram sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo: este tornou-se, como a embriaguez do álcool e da dança, um caminho de fuga, certamente um caminho que parecia ir pra cima. Apenas poucas décadas antes havia sido abolido o sistema de escravidão. Ainda aderiam uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se para eles um trabalho, e pôde igualmente relacionar-se com a emancipação dos escravos. (ROSENFELD, 2007, p. 85)

Deste modo, a popularização do futebol trouxe a possibilidade que o esporte fosse praticado por todos. Nesse contexto, ainda que a aristocracia se opusesse ao processo de democratização, o futebol começou a ser, além de uma atividade de lazer, utilizado também como instrumento de harmonização social. De acordo com Guterman:

Nesse aspecto, a popularização do futebol, embora rejeitada pelos seus praticantes aristocráticos, pode ter sido vista na época como apaziguador social, em meio aos primeiros movimentos de organização operária. Os ingleses sabiam bem o que isso significava – afinal, como já vimos, o futebol servira exatamente para essa finalidade em meados do século XIX na Inglaterra. No Rio, a capoeira, tornada definitivamente marginal depois dos conflitos com a Revolta da Vacina (1904), deu lugar ao futebol entre os pobres, ainda que seus times tivessem de jogar na Liga Suburbana de Futebol, criada em 1907, e não na liga oficial da cidade, cujo estatuto vetava atletas amadores “de cor”. Em São Paulo, os times de operários se agruparam primeiramente na Várzea do Carmo, que havia sido o mesmo berço do futebol da elite. O nome “várzea”, por essa razão, acabou servindo para designar qualquer time e qualquer campo com as características amadoras, em jogos sempre aos domingos. (GUTERMAN, 2010. l. 385)

A exemplo do que aconteceu na Inglaterra no século XIX, portanto, o futebol, a partir de sua popularização, passou a ser visto como um significativo instrumento de controle social: a disseminação do esporte na sociedade, ao mesmo tempo que desagradava os aristocratas que desejavam que o esporte se mantivesse impermeável aos pobres, também representava um dispositivo de canalização da violência para o campo controlado de um esporte popular (GUTERMAN, 2010, l. 746). Considerando os princípios próprios do futebol – como a lisura, a urbanidade, a não-violência, o acatamento de decisões dos superiores, o bom relacionamento entre atletas e a ideologia da harmonia e do equilíbrio na equipe (FLORES, 1982), o esporte passa a ser oportuno para o controle das massas. A formação de equipes corporativas é caracterizada com o engajamento dos operários em representar suas empresas, disputando contra operários de outras fábricas, o que acarreta o direcionamento de conflitos internos para confrontos externos, entre fábricas ou bairros – e isso representa um desvio de foco vantajoso para os interesses capitalistas (MASCARENHAS, 2015).

Há que se considerar, nesse sentido, que o contexto do início do século XX foi propício para o desenvolvimento do esporte. A sociedade brasileira e latino-americana em geral, recém-egressa do

sistema escravista, estava marcada pelo analfabetismo e pela herança escravocrata nas mentalidades e hierarquias – este sistema deixou em nossas cidades o sentimento de desprezo pela via pública, já que esse era um espaço de circulação de negros e da população pobre (MASCARENHAS, 2015). Além disso, havia uma mentalidade que relacionava o sedentarismo à nobreza, o que ocasionava um desprezo pelo trabalho muscular. Nesse contexto, a casa senhorial era um espaço de ordem e moralidade, oposto aos espaços públicos tomados como sujos e pestilentos (MASCARENHAS, 2015). No início do século XX inicia-se uma mudança nesses paradigmas:

De uma cidade colonial, alheia aos esportes e marcada por fortes restrições de uso dos já escassos espaços públicos, passamos a uma “outra” cidade, onde ferve a prática esportiva e os espaços públicos, novos ou ampliados, são socialmente preenchidos de forma bem mais intensa. O que não significa, entretanto, uma vida urbana menos controlada ou previsível (MASCARENHAS, 2015, l. 1541).

Deste modo, o contexto de urbanização promove paulatinamente uma mudança em relação à visão acerca dos espaços públicos. Tal característica, juntamente com incorporação de uma nascente classe operária na sociedade, contribui para a popularização do futebol (MASCARENHAS, 2015). Segundo Holanda, a formação dos contingentes operários, a ampliação das correntes migratórias europeias e o aumento do fluxo demográfico traziam mudanças nas cidades, caracterizadas pela mecanização e velocidade dos tempos modernos (HOLLANDA, 2012). Este contexto de surgimento das grandes cidades e da expansão do capitalismo é apontado, portanto, como essencial para a compreensão da disseminação do futebol na sociedade:

Não deveria parecer estranho que eventos esportivos como os campeonatos mundiais de futebol e as olimpíadas tenham se desenvolvido em estreita sintonia com a expansão do capitalismo, da democracia liberal e dos individualismos, todos eles tão tipicamente ocidentais. Se tais eventos estão hoje entre os mais prestigiosos, tanto em termos de público quanto de

rendimentos financeiros, é pela atuação coordenada de certas agências, entre as quais podemos citar, além das instituições esportivas, os meios de comunicação de massa, os Estados Nacionais que acolhem esses eventos, os fabricantes esportivos, entre outros. (DAMO, 2012, p. 71)

O futebol possui, assim, um papel destacado no processo de modernização e de racionalização da violência (LOVISOLO, 2003, p. 258). Inicialmente, o desenvolvimento deu-se sobretudo nas grandes cidades, que viviam intensamente as transformações trazidas pela Abolição, pela Proclamação da República – no caso brasileiro – e pela expansão do capitalismo (FRANZINI, 2000). Em suma, essa nova ordem burguesa de aceleração de corpos, de incentivo ao consumo, ao trabalho e à tenacidade, estabelece um cenário urbano propício à difusão dos esportes (MASCARENHAS, 2015). Ademais, na transição para o século XX ocorre uma retomada dos espaços públicos, caracterizada por uma dinâmica de adesão aos esportes e ao lazer praticado ao ar livre, que adquirem força nas principais cidades brasileiras (MASCARENHAS, 2015) - e podemos estender essa constatação a toda a América Latina. Segundo o antropólogo DaMatta, importante estudioso do futebol no Brasil, em livro intitulado *A bola corre mais que os homens*, o futebol era:

Uma atividade voltada para a redenção do corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária à sua sobrevivência num admirável mundo novo, um universo orientado pelo progresso, por coisas estrangeiras, governado pelo mercado, dinamizado pela industrialização e agenciado por um estranho sentido de autonomia da pessoa, não só como parente ou amigo, mas como indivíduo e cidadão. Um claro que o “esporte” e as novas ideias de saúde e higiene promovem uma mudança paradigmática relativamente ao corpo na sociedade brasileira. Daí o rebuliço em torno de tudo o que chega com ele. (DAMATTA, 2006, l. 1319)

Deste modo, o futebol aos poucos destacou-se a nível mundial como nenhuma outra modalidade. Esta popularização relaciona-se com a urbanização, com o advento da industrialização, com a formação da classe operária e com a eletrificação do território (MASCARENHAS, 2015).

Na medida em que o futebol se nacionaliza na América Latina, vai também perdendo seu caráter inglês e adquirindo uma caracterização mais regional. Para ilustrar este argumento, trazemos como exemplo uma conduta realizada por Getúlio Vargas: em seu governo, despenderam-se esforços para acelerar o processo de profissionalização do esporte, estatizando seu controle (GUTERMAN, 2010). De acordo com Rodrigo Koch (2012), o futebol começa a assumir papel relevante na política brasileira – Getúlio Vargas passa lançar decretos que favorecem o esporte, cujos objetivos levavam à ideia de disciplina da nação, que estava prestes a se envolver na Segunda Guerra Mundial. Vargas vislumbrava no esporte uma alta capacidade de harmonização política (KOCH, 2012). Esta tentativa de institucionalização do futebol no Brasil, no contexto de iminência de uma grande guerra, acarretou a exigência de uma nacionalização dos clubes, com alterações de nomes e dirigentes (FRANZINI, 2000; KOCH, 2012). Foi publicada, neste contexto, uma portaria que decretou a proibição de manifestação das nacionalidades em eventos esportivos, argumentando em prol da manutenção da ordem (FRANZINI, 2000). Deste modo, foram obrigados a mudar de nome:

Palestra Itália, Germânia em São Paulo, Hespânia em Santos, o Palestra Itália em Belo Horizonte, todos foram obrigados a abandonar suas próprias identidades, construídas desde as respectivas fundações e plenamente inseridas nas sociedades das quais faziam parte, por uma outra, imposta de cima para baixo e que se autointitulava “identidade nacional”. (FRANZINI, 2000, l. 1381)

Além disso, nesse contexto, os estádios foram utilizados para grandes intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores: de acordo com José Sérgio Leite Lopes, é no Estádio de São Januário – maior estádio antes da construção do Maracanã – que “a adoção do salário mínimo é anunciada em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943” (LOPES, 1994, p. 77). O autor conclui, portanto, que “o futebol aparece assim como o pano de

fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre o poder e o povo”. (LOPES, 1994, p. 77).

Considerando esse processo de disseminação do esporte, muitos foram os estudiosos que se esforçaram em compreender as motivações que acarretaram o sucesso e a popularização do futebol no Brasil e na América Latina em geral. As análises que tratam do assunto apontam uma unanimidade no sentido de que essa popularização não foi um processo desprovido de tensões e contradições, tendo em vista as ambíguas reações ao esporte – alguns intelectuais, influenciados por um sentimento nacionalista, posicionaram-se contra a atividade. Outra constatação relaciona-se ao fato de que o futebol esteja associado ao advento da urbanização e da industrialização – como já apontamos –, representando um papel fundamental nessa conjuntura. Jacques Paul Ramírez Gallego, estudioso do fenômeno futebolístico no Equador, no artigo *Fútbol e identidad regional en Ecuador*, afirma que o esporte em geral, e o futebol em particular:

es una esfera de la vida social destinada a contrabalancear las presiones y el stress provocados por la rutina, sobre todo en las sociedades urbanas e industrializadas. Es un alejarse de la realidad ordinaria.

Se trata, por lo tanto, de ver al deporte como una liberación de tensiones que produce una excitación agradable, proveniente de cierto grado de ansiedad y de miedo, lo que puede ser entendido como un proceso catártico (GALLEGOS, 2003, p. 107)

Intencionando encontrar respostas sobre a popularidade do futebol no Brasil, Roberto DaMatta aponta diversas características do esporte, que representam explicações para o advento do fenômeno futebolístico em nossa sociedade. O autor apresenta uma insistente defesa em estudar o fenômeno esportivo como parte da sociedade – e não em oposição a ela – para compreender questões sociais no Brasil. Podemos ampliar esta observação para a América Latina, considerando a natureza do esporte:

Pois no futebol (e nos eventos esportivos em geral), temos a oportunidade clara e concreta de passar de um código ideológico para um código visual,

auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana. Daí a importância de estudar os aspectos simbólicos, ideológicos e ritualísticos do futebol, tal como esse esporte é praticado no Brasil (DAMATTA, 1982, p. 15)

Para o autor, a compreensão do fenômeno futebolístico no Brasil acarreta também o entendimento da sociedade, que se revela através do esporte. DaMatta defende a ideia de que o jogo de futebol é uma metáfora da vida, e que deve ser analisado em conjunto com a sociedade, e não contra ela (DAMATTA, 1982). O futebol brasileiro é, de acordo com o antropólogo, “um modo pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se e revela-se, deixando-se descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21). Nesse sentido, uma importante particularidade do futebol, apontada pelo autor em diversos de seus trabalhos, é o que ele chama de “horizontalização do poder”: a experiência futebolística fornece um instrumento que possibilita à sociedade brasileira a experiência da igualdade – uma forma aberta de igualdade fundada no desempenho:

Diferentemente, portanto, das classificações rotineiras, onde as pessoas são definidas por meio de suas relações (pertencer a uma família, ter um título de doutor, receber um determinado espírito tendo com ele relações de compadrio, trabalhar para alguém poderoso, etc), no futebol – e em todas as atividades recreativas em geral – as classificações são feitas pelo desempenho, ou seja: são individuais.

Deste modo, ninguém pode ser promovido a astro de futebol pela família, pelo compadre ou por decreto presidencial, mas deve provar suas qualidades numa experiência empírica. (DAMATTA, 1982, p. 39)

Outra característica que corrobora com essa teoria da igualdade e da horizontalização do poder pensada por DaMatta é a existência, no futebol, de regras universais, às quais todos são submetidos durante a partida (DAMATTA, 1982). Luiz Felipe Baêta Neves Flores, ao se propor compreender as mensagens ideológicas do futebol, destaca a simbologia de igualitarismo presente em uma partida esportiva: os uniformes das equipes – o fato de que todos os jogadores se vestem da mesma maneira - apontam a igualdade, a comunhão de objetivos, a solidariedade necessária para o alcance

dos objetivos e a baixa hierarquização formal entre os integrantes da equipe. A interdependência dentro do campo, segundo o autor, confirma o espírito de igualdade e o fato de que o individualismo excessivo prejudica o grupo. No futebol, é postulado o esforço entre pessoas “iguais”, demandando coesão – mas sem eliminar a possibilidade de um sucesso individual compatível com a coletividade (FLORES, 1982, p. 46 – 48).

Deste modo, num país onde a massa jamais tem voz e que fala através de seus líderes, o futebol possibilita à população um sentimento democrático baseado na horizontalização do poder e uma certa intimidade com os símbolos nacionais (DAMATTA, 1982). É justamente essa constatação que DaMatta compreende como uma significativa fundamentação para o entendimento da repercussão do futebol no país:

Quero crer que a popularidade de esportes como o futebol jaz na capacidade do esporte de possibilitar uma experiência com “estruturas permanentes”. Com um permanente que se define por meio de regras universais que ninguém pode modificar. Assim, ao contrário da política, onde após cada derrota (ou ao simples vislumbrar da derrota), os grupos dominantes buscam modificar as regras do jogo, o futebol (esse humilde e aparente instrumento de mistificação das massas), proporciona uma experiência exemplar de legitimidade e de acatamento às leis. Aqui as regras não mudam, e isso faz com que todos sejam iguais no campo da disputa. Derrota ou vitória é o prêmio a ser efetivamente colhido por quem joga melhor. (DAMATTTA, 1982, p. 38, 39)

Em contraposição ao que ocorre na América do Norte e na Europa, DaMatta argumenta que os nossos princípios de identidade social não são instituições centrais de ordem – como a Constituição, as leis, a ordem financeira e o sistema universitário. Nos países desenvolvidos, argumenta o autor, as atividades que representam as fontes de identidade brasileira – como o futebol – são tomadas como fonte secundária e irrelevante na constituição da sociedade. Assim, diz o estudioso:

Pois, se as formas de governo e a Constituição mudam constantemente, se as universidades, o padrão monetário e os partidos políticos fazem os

brasileiros terem muitas dúvidas sobre sua sociedade enquanto nação moderna, aspirante a um lugar ao sol dentro de uma ordem mundial; futebol, carnaval e as relações pessoais dizem que a sociedade brasileira é grande, criativa e generosa, tendo – como acontece com o futebol ali praticado – um glorioso futuro. (DAMATTA, 1982, p. 40)

Além da horizontalização do poder e do caráter igualitário e popular do jogo de futebol, estudiosos apontam para outras questões que impulsionaram a popularização do referido esporte na América Latina. O fato do jogo do futebol ser jogado com os pés e não com as mãos é tomado como essencial para entender seu êxito na América Latina, considerando que o jogo com os pés ocasiona uma imprevisibilidade e imprecisão:

Outro elemento que poderia explicar essa definitiva adoção do futebol pelo Brasil é o fato de essa modalidade de football ser jogada com os pés e não com as mãos, como ocorre na versão americana desse esporte. Ora, um jogo praticado obrigatoriamente com os pés engendra uma notável imprecisão, mesmo quando um time muito superior joga com um time sabidamente inferior. Se o football americano é bastante preciso, desenrolando-se como um jogo tático, aberto a uma hipertecnicalidade e especialização (pois nele existe um time de defesa e outro de ataque), as jogadas são planejadas e exatas, o futebol jogado com os pés apresenta de saída um problema de coordenação motora razoável, qual seja: como fazer com que os pés que servem para andar e correr sejam igualmente um instrumento de condução e controle da bola. Tal prescrição explica o nível de imprevisibilidade que estrutura essa variante futebolística, corroendo planos e táticas, liquidando as especializações (as posições tornam-se intercambiáveis), abrindo, enfim, esse esporte às ideias de sorte, destino e predestinação. Daí a sua imediata ligação com crenças religiosas, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo que são esportes com uma menor dimensão aleatória. (DAMATTA, 2006, l. 1555)

O uso praticamente exclusivo dos pés para o controle da bola, além de representar esta imprevisibilidade que faz com que o esporte se torne dotado de grande emoção, dúvida, expectativa e envolvimento, faz também com que seja praticado por atletas e pessoas de biotipos diversos: o fato da bola tender a correr no chão acaba por anular a altura ou a robustez física dos jogadores

(DAMATTA, 2006). Isso também é apontado como sustentação da popularidade do futebol, já que este esporte tem a capacidade de atrair praticantes de variados biotipos, muitas vezes preteridos por outros esportes, como o voleibol ou o basquete. Rosenfeld argumenta, além disso, que o jogo com os pés representa um ato de agressão e barbárie – em contraposição ao jogo com as mãos, que é incomparavelmente mais civilizado. Assim, afirma que “todo homem (isto é, a criança ou o bárbaro que há nele) tem a tendência de impelir para frente, com o pé, latas e cascas de frutas que estão no caminho” (ROSENFELD, 2007, p. 94).

O futebol é, nesse sentido, uma expressão simbólica de energias primitivas (ROSENFELD, 2007). A particularidade do esporte relacionada à prática ao ar livre e sobre uma superfície de grama ou de terra é um apelo numa sociedade cada vez mais asfaltizada e urbanizada. Assim, o futebol, praticado na natureza, possibilita uma sensação primitiva de dispersão das vozes (MARQUES, 2002).

Ir a fútbol, entonces, tiene ese pequeño sabor de salir de paseo en domingo, sujetos a todas las contingencias del clima: la lluvia, el frío, el fango en la cancha, o el sol inclemente sin ninguna protección. El campo, así, nos permite actualizar permanentemente esa ancestral necesidad de lo rural, lo campestre, lo natural, contrario a los ambientes de la vida urbana y laboral. (DÁVILA, LONDOÑO, 2003, p. 127)

Outra característica apresentada por muitos estudiosos do futebol relaciona-se ao azar e ao destino como componente importante do esporte. O fato de ser jogado com os pés, que já mencionamos anteriormente, acarreta a imprevisibilidade das partidas e sua relação com a sensação de que a sorte ou o azar podem definir resultados. Nesse sentido, o futebol, além de ser concebido como um jogo que requer tática, estratégias, técnicas e determinação psicológica, também depende das incontroláveis forças do destino (DAMATTA, 1982, p. 65). DaMatta assinala, ilustrando essa argumentação, a presença, no Brasil, da Loteria Esportiva, na qual há apostas de prognósticos de partidas de futebol. Acerca desta

propriedade do futebol, Dávila e Londoño, ao estudar a relação entre o futebol e a identidade na Colômbia, afirmaram:

El recurso a la suerte también está presente y, aunque subordinado a lo agonal, es a veces protagónico y prioritario. El desarrollo de un partido o campeonato de fútbol no es conocido previamente, y en esto consiste el placer del juego: en el riesgo de perder. La moneda para decidir el saque, el sorteo para definir los rivales y ciertos modos de finalizar jugadas, partidos, torneos, hablan con claridad del azar como componente básico del fútbol, más allá de lo lúdico y lo estético, lo agonal y todas aquellas fórmulas para, al menos, disminuir y controlar su incidencia: los esquemas tácticos, el tratamiento al jugador, su formación y preparación, etc. En el desarrollo de los partidos y los torneos, además, el azar, a veces con toda la carga trascendente del destino, interpone sus oficios para confirmar o modificar el rumbo de equipos y jugadores y, con ellos, comunidades enteras, sociedades, países. Un tiro en el palo, un auto-gol, un rebote, una inexplicable decisión arbitral (como por ejemplo la mano de Maradona en el gol contra Inglaterra) definen de manera totalmente contingente, y muchas veces en contra de toda la preparación y la estrategia para triunfar en competencia, el resultado final. (DÁVILA, LONDOÑO, 2003, p. 128)

Nesse sentido, a atividade futebolística é apresentada como um espaço que vai muito além da diversão e do entretenimento. Através dele, ocorre uma tentativa de controlar e disciplinar a sociedade; mas também vislumbra-se a possibilidade de experimentação da democracia e da igualdade. DaMatta ratifica, então, que não foi através da escola, da literatura ou do Parlamento que a população começou a experimentar a igualdade – essa vivência ocorre, para o autor, a partir de jogos de futebol (DAMATTA, 2006, l. 1386). A horizontalização do poder apontada por DaMatta, juntamente com o argumento da possibilidade de prática do esporte aberta aos mais variados biotipos físicos e com a alegação acerca da imprevisibilidade de uma atividade jogada sobretudo com os pés, faz com que muitos estudiosos apontem, no futebol, uma possibilidade de ascensão social aos brasileiros e, mais além, aos latino-americanos. Esta constatação acaba relacionando-se, para muitos sociólogos, com uma possibilidade para que pobres e negros ascendam socialmente, já que

a popularização do esporte traz consigo a oportunidade de uma mobilidade social altamente verticalizada.

Além disso, a caracterização do futebol como jogo imprevisível, no qual a habilidade com os pés é essencial, relaciona-se, para DaMatta, no caso brasileiro e de maneira inconsciente, com a presença de elementos africanos no país – como o samba e a capoeira (DAMATTA, 2006, l. 1569). Este argumento é fundamentado em análises elaboradas por outros estudiosos brasileiros – como Mário Filho e Gilberto Freyre – que concebem pela primeira vez o imaginário do futebol mestiço, dotado de elasticidade e ritmo. Freyre, em matéria publicada no Diário de Pernambuco, em 1938, afirma:

O nosso estylo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psychologos e os sociologos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é affirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1938, n.p)

Mário Filho expõe as dificuldades do negro ao tentar ingressar no futebol, destacando que seu aprendizado era solitário, distante das academias e dos grandes clubes. Seu conhecimento de futebol acontecia na “pelada” - um campo sem grama –, em contraposição ao campo do homem branco – cercado, com arquibancada e cuja grama era macia e bem aparada. De um lado, o branco dos *field*, com professor e capitão gritando em inglês; do outro, o preto das ruas, sozinho, sem ninguém (FILHO, 2010, p. 73). Segundo o autor,

A única coisa que o ajudava era a intuição. A certeza de uma vocação que o fazia fabricar uma bola de meia. Para jogar, para aprender. Procurando se

lembrar do que tinha visto. Imitando, a memória servindo de espelho. Um espelho não muitas vezes fiel (FILHO, 2010, p. 73).

Este imaginário de um talento natural do mestiço para o futebol, pautado em uma ideologia de uma “democracia racial”, surgido desde o período em que escreve Mário Filho e Gilberto Freyre (VEJMELKA, 2018), é um sustentáculo importante na tentativa da criação de uma identidade nacional, cujo pensamento baseia-se no ideal de que a mistura de raças é um vantajoso diferencial tipicamente brasileiro. Ainda que em 1950 – com a derrota da seleção brasileira para o Uruguai em pleno Maracanã – o negro e a mestiçagem tenham sido culpabilizados, esse imaginário do futebol mestiço reaparece a partir das consecutivas vitórias brasileiras ocorridas posteriormente (DAMATTA, 1982). Ilustração emblemática dessa idealização do negro e do mestiço como possuidores de uma vocação particular para o esporte ocorre na Copa de 70: é neste campeonato que surge uma seleção composta por muitos homens negros e que até hoje é indicada unanimemente como a melhor seleção já existente.

Esta simbologia do negro e do componente africano na composição brasileira, a propósito, está bastante presente nas produções literárias dos escritores que estamos analisando. Tanto Nelson Rodrigues quanto Eduardo Galeano falam de um diferencial brasileiro diretamente relacionado à figura do negro e do mestiço. Retomaremos esta discussão em momento pertinente, no próximo capítulo do trabalho, quando abordaremos a questão da identidade nas obras dos autores.

Para enriquecer esta seção destinada ao futebol, cumpre destinar um espaço para falar de um importante debate que vem à tona quando se fala do esporte. Há, no imaginário social e em diversos estudos, a atribuição ao futebol como um fator alienante da sociedade, que serve para desviar a atenção do povo em relação às problemáticas consideradas verdadeiramente importantes. Umberto Eco, no livro *Viagem na irrealidade cotidiana*, realiza duras críticas ao esporte. Segundo o autor, o esporte é a atividade física

em si que, quando se transforma em competição – quando se normatiza e comercializa –, acaba perdendo a essência marcada pelo caráter lúdico (ECO, 1984; MARQUES, 2012). Assim, a partir disso, Eco estabelece uma categorização do esporte: o “esporte ao quadrado”, o “esporte ao cubo” e o “esporte elevado à enésima potência”. De acordo com essa esquematização, o esporte ao quadrado apresenta-se quando o jogo passa a ser uma atividade praticada para determinadas pessoas, um espetáculo esportivo para os outros, representando as “especulações e os comércios, bolsas e transações, vendas e consumos decorrentes” (ECO, 1984, p. 223). O esporte ao cubo surge a partir do discurso acerca do esporte enquanto ele é assistido – este é o discurso da imprensa esportiva. Tal discurso engendra, por sua vez, o discurso sobre a imprensa esportiva – que é o esporte elevado à enésima potência de Eco. Assim, a “falação esportiva” - consequência do esporte elevado à enésima potência – faz com que o jogo não seja mais tão importante: o esporte atual, de acordo com Eco, não é mais genuinamente restrito ao âmbito esportivo; importando apenas a falação a respeito do esporte. Deste modo, o autor alega que, se as Olimpíadas fossem contadas a partir de imagens fictícias, nada mudaria – portanto, não é mais o esporte que importa, e sim o imaginário criado por ele (ECO, 1984, p. 223).

Ao falar especificamente sobre o futebol – até então o autor tratou genericamente sobre esportes –, Eco apresenta a ideia de que este seria um espetáculo cósmico sem sentido, desprovido de sentido e ligado à inutilidade das coisas, caracterizado pela presença de multidões de torcedores que enfartam nas arquibancadas e de “juízes que pagam um domingo de glória com a exposição de sua pessoa às mais graves injúrias” (ECO, 1984, p. 228). O autor indica, assim, que

(...) a discussão sobre o esporte (refiro-me ao espetáculo esportivo, ao fato de se falar do espetáculo esportivo e dos jornalistas que falam sobre o espetáculo esportivo e dos jornalistas que falam sobre o espetáculo esportivo) é o substituto mais fácil da discussão política. Em vez de julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de Finanças

e de outras coisas), discutem-se os atos do treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas (ECO, 1984, p. 231).

Deste modo, Eco procura alertar para a alienação política causada pelo futebol, supondo que a atividade seja desprovida de qualquer engajamento profícuo. Há, no pensamento do autor e no senso comum, esta ideia de que o esporte é contrário à consciência dos problemas políticos e sociais da comunidade.

A propósito deste argumento sustentado por Eco, muito se fala do proveito que se faz do futebol nos países latino-americanos. Na conjuntura das ditaduras militares, por exemplo, é evidente que o referido esporte tenha sido utilizado como uma tentativa de consolidar uma relação entre as seleções e os governos ditatoriais, no intuito de legitimá-los. De acordo com Galeano,

En pleno carnaval de la victoria del 70, el general Médici, dictador de Brasil, regaló dinero a los jugadores, posó para los fotógrafos con el trofeo en las manos y hasta cabeceó una pelota ante las cámaras. La marcha compuesta para la selección, *Pra frente Brasil*, se convirtió en la música oficial del gobierno, mientras la imagen de Pelé volando sobre la hierba ilustraba, en la televisión, los avisos que proclamaban: Ya nadie detiene a Brasil. Cuando Argentina ganó el Mundial del 78, el general Videla utilizó con idénticos propósitos la imagen de Kempes imparable como un huracán.

El fútbol es la patria, el poder es el fútbol: Yo soy la patria, decían esas dictaduras militares.

Mientras tanto, el general Pinochet, mandamás de Chile, se hizo presidente del Colo-Colo, el club más popular del país, y el general García Meza, que se había apoderado de Bolivia, se hizo presidente del Wilstermann, un club con hinchada numerosa y fervorosa.

El fútbol es el pueblo, el poder es el fútbol: Yo soy el pueblo, decían esas dictaduras militares. (GALEANO, l. 1600, 2014)

O contexto brasileiro de 1970 é capaz de ilustrar esta complexa relação entre futebol e política. De acordo com Guterman (2010), Médici buscava, durante a referida Copa, associar sua imagem ao

de um torcedor comum, como um fã de futebol que procurava dar palpites sobre a seleção, como faz usualmente um torcedor. Após a conquista do tricampeonato, o General saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Procurou, com a bola, demonstrar habilidade em fazer embaixadinhas. É sob a tutela de Médici que a seleção brasileira conquista em definitivo a Taça Jules Rimet – vitória que tem um simbolismo importante para o regime. Ademais, a transmissão inédita ao vivo para todo o território nacional colaborou para o sentimento de unidade e consenso pretendido pela ditadura (GUTERMAN, 2010).

A figura do General Médici foi muito retratada nas crônicas de Nelson Rodrigues. O autor era, além de grande admirador do regime militar brasileiro – como já evidenciamos no primeiro capítulo – amigo pessoal do general. Na crônica *O homem que ainda fala em "Pátria"*, Rodrigues dedica-se em homenageá-lo:

Fiz essa pequena introdução para chegar ao nosso presidente. Quando começou o jogo de candidaturas, disse eu: "Ganha esse, pelo nome e pela cara". Não é impunemente que um homem se chama Emílio Garrastazu Médici. Tiremos o Emílio e fica Garrastazu. Tiremos o Garrastazu e ficará o Médici. Bem sei que essa meditação sobre o nome pode parecer arbitrária e até delirante. Não importa, nada importa. Depois vi a sua fotografia. Repeti, na redação, para todo o mundo ouvir: "É esse o presidente". Ora, numa redação há sempre uns três ou quatro sarcásticos. Um deles perguntou: "Só pelo nome?" Respondi: "Pelo nome e pela cara".

Como já disse, a história e a lenda também exigem uma certa fotogenia. E senti que Emílio Garrastazu Médici tinha um perfil de moeda, de cédula, de selo. Organizem uma retrospectiva presidencial e verão que os nossos presidentes são baixos. Getúlio era baixíssimo, embora tivesse um perfil histórico e, digamos, cesariano. Epitácio foi fisicamente pequeno. Era a pose que o fazia mais presidencial. Garrastazu Médici é o nosso primeiro presidente alto.

Dirão vocês que eu estou valorizando o irrelevante, o secundário, o fantasista. Desculpem o meu possível equívoco. E se me perguntarem por que estou dizendo tudo isso, eu me justificarei explicando: conheci, domingo, o Presidente Emílio Garrastazu Médici. E o pretexto para o nosso encontro foi um jogo de futebol.

Outra singularidade do chefe da Nação: gosta de futebol e sabe viver, como o mais obscuro, o mais anônimo torcedor, todas as peripécias dos clássicos

e das peladas. Isso é raro, ou melhor dizendo, isso é inédito na história dos presidentes brasileiros. Imaginem um Delfim Moreira ou um Rodrigues Alves ou um Wenceslau Brás entrando no Estádio Mario Filho. Qualquer um desses perguntaria: “Em que time joga o Fla-Flu?”, “Quem é a bola?” ou “O córner já chegou?” O nosso presidente sabe tudo de futebol. Eu diria que hoje nenhum brasileiro será estadista se lhe faltar a sensibilidade para o futebol. (RODRIGUES, 2008, p.231, 232)

De acordo com Guterman (2010), a seleção brasileira de 1970 criou um dilema jamais resolvido no pensamento crítico nacional – o contexto de auge da repressão e um presidente que se utilizou dos efeitos populares do futebol transformou esta Copa na mais paradoxal da história brasileira. Enquanto parte da intelectualidade brasileira considerava que apoiar a seleção significava compactuar com o regime, a Seleção de 70 é até hoje considerada a melhor de todos os tempos. Guterman, então, relata a abordagem dessa desconfortável contradição por parte de Henfil em *O Pasquim*:

O cartunista, ele mesmo um intelectual de esquerda, bolou uma historieta em quadrinhos protagonizada por um pensador crítico da mobilização nacional em torno da seleção. O personagem lança imprecisões contra torcedores acotovelados diante da TV durante uma partida do Brasil. A sequência, com a reação do intelectual, dispensa comentários: Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome... Este sim é o verdadeiro ópio do povo! Faz esquecê-lo de que são explorados, subdesenvolvidos... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado! (GUTERMAN, 2010, l. 2358)

Nesse sentido, o contexto da Copa de 1970 figura como um exemplo representativo dessa utilização do futebol como desviante dos problemas sociais. Luciano Anderson Breikreitz, em artigo intitulado *A ditadura e o futebol na América do Sul: a construção de um imaginário coletivo através das Copas do Mundo de 1970 e 1978*, analisa o uso político do futebol durante a realização das Copas de 1970 e 1978 – cujos vencedores foram Brasil e Argentina, respectivamente.

Segundo o autor, nessas ocasiões, é evidente a utilização do futebol como trampolim político por parte dos governos ditatoriais. No caso brasileiro, o autor argumenta que a busca de aproximação entre o governo e a imagem vencedora da seleção ocasionou bom resultado ao regime, impulsionado pela popularização da televisão. Em 1978, por sua vez, o governo ditatorial argentino buscou utilizar-se dos benefícios de sediar uma Copa do Mundo. Além de vencer aquela Copa – embora a vitória seja até hoje questionada e polemizada –, a Argentina, aproveitando-se dos holofotes, conseguiu ostentar uma imagem de nação desenvolvida – com estádios impecáveis e aeroportos novos – perante o mundo (BREITKREITZ, 2012). A respeito da Copa de 1978, Galeano diz:

La dictadura militar argentina, en cambio, gozaba de buena salud, y para probarlo organizaba el undécimo Campeonato Mundial de Fútbol.

Participaron diez países europeos, cuatro americanos, Irán y Túnez. El Papa de Roma envió su bendición. Al son de una marcha militar, el general Videla condecoró a Havelange en la ceremonia de la inauguración, en el Estadio Monumental de Buenos Aires. A unos pasos de allí, estaba en pleno funcionamiento el Auschwitz argentino, el centro de tormento y exterminio de la Escuela de Mecánica de la Armada. Y algunos kilómetros más allá, los aviones arrojaban a los prisioneros vivos al fondo de la mar.

“Por fin el mundo puede ver la verdadera imagen de la Argentina”, celebró el presidente de la FIFA ante las cámaras de la televisión. Henry Kissinger, invitado especial, anunció:

- *Este país tiene un gran futuro a todo nivel.*

Y el capitán del equipo alemán, Berti Vogts, que dio la patada inicial, declaró unos días después:

- *Argentina es un país donde reina el orden. Yo no he visto a ningún preso político.*

(GALEANO, 2014, l. 1767)

A despeito desses exemplos em que o futebol aparece como um alienador da sociedade, impulsionando governos ditatoriais repressivos e que deliberadamente praticavam a violência para o controle social, traremos exemplos em que a ocasião esportiva aparece justamente como um lugar de protesto político – contrariando a argumentação de Umberto Eco, cuja tese defende que o esporte mantém-se alheio à política. Uma das ocasiões que

contrariam essa tese é representada pelo movimento de democratização no contexto ditatorial brasileiro organizado pela torcida do Corinthians – conhecido como “democracia corintiana”. Segundo Guterman, o movimento pela democratização identificava-se com o futebol, considerando sua característica de esporte de massa por definição. Assim, referindo-se ao movimento encabeçado pelo Corinthians na conjuntura do regime militar brasileiro, Guterman afirma:

O time entrava em campo com faixas alusivas à democracia, e a camisa passou a ser usada como outdoor das campanhas pela abertura política – às vésperas da eleição de novembro de 1982, os corintianos exibiram a inscrição “No dia 15, vote”. Foi um marco, seguido de outras ousadas, como “Eu quero votar para presidente” e “Diretas já”.

(...)

Um dos personagens mais vinculados à campanha, como vimos, era Sócrates, o líder da Democracia Corintiana e um dos símbolos do “futebol-arte” do Brasil, contraponto completo à tecnocracia e à politicagem de cartolas e parlamentares. E o principal animador dos comícios era Osmar Santos, um dos maiores e mais criativos locutores de futebol do país. Osmar perguntava à multidão: “Diretas quando, gente?”, e vinha a resposta: “Já!”. (GUTERMAN, 2010, l. 3104)

Outro evento pertinente para contra-argumentar a tese de futebol como alienador do povo é a vitória do Defensor, clube uruguaio preterido pela Ditadura Militar, no campeonato nacional de 1973. De acordo com Lorenzon (2015), os clubes hegemônicos no contexto do regime ditatorial uruguaio eram o Peñarol e o Nacional, caracterizados também por serem os mais ricos desde a profissionalização do futebol no país. A conquista do Defensor de 1973 contraria as expectativas e acaba por apresentar um foco de resistência ao governo: os jogadores, ao final da partida, realizam a volta olímpica no sentido contrário ao tradicional, como símbolo de contestação da ditadura. O título é conquistado novamente em 1980 e o protesto se repete: nesta ocasião, os torcedores entoam um inflado canto que diz “*se vá acabar, se vá acabar, la dictadura militar*” (LORENZON, 2015, p. 11). Nesse sentido, futebol aparece, aqui,

como palco em que se manifestam opiniões contrárias ao regime, podendo ser considerado como uma “ilha de liberdade em meio a um oceano de repressão ideológica, política, cultural, econômica”. (LORENZON, 2015, p. 11)

Dado o exposto, e para finalizar a seção, consideramos relevante esse debate aqui apresentado no sentido de expor a importância e a justificativa de estudos acadêmicos a partir do futebol e de crônicas futebolísticas. Neste esporte, muito se revela acerca da sociedade e do debate sobre as identidades. Sergio Villena Fiengo, em artigo intitulado *El fútbol y las identidades – Prólogo a los estudios latinoamericanos*, presente no livro *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina* – resultado do Segundo Encontro do Grupo Deporte y Sociedad, realizado no Equador, em 2000 – apresenta o argumento de que a partir de uma análise transdisciplinar do futebol é possível realizar estudos sobre diversos âmbitos na América Latina. Segundo o autor, os estudos acerca do referido esporte são, atualmente, muito diversificados: no âmbito econômico, analisa-se sua crescente comercialização e transnacionalização; no âmbito político, estuda-se veementemente a utilização do esporte como fator de promoção nacionalista e de homogeneização cultural, bem como a esfera da resistência que o futebol apresentou diante de contextos repressivos. No âmbito cultural, destacam-se os estudos acerca da função comunicativa e publicitária do esporte, no sentido de que o futebol em particular acaba apresentando um canal publicitário para produtos de diversos tipos – como os implementos esportivos, a comida rápida, os equipamentos eletrônicos e a cerveja. Finalmente, Fiengo destaca que a tendência dos estudos sociais na América Latina recai - ainda que não exclusivamente – sobre o processo de formação de identidades socioculturais no marco dos espetáculos futebolísticos (FIENGO, 2003, p.23), âmbito no qual está inserido o presente trabalho.

Importa, portanto, salientar que nosso posicionamento aproxima-se das teorias que defendem que o futebol não se restringe apenas ao cumprimento de um papel de controle social,

que faria com que a população se isentasse de pensar questões sociais. Entendemos que, a despeito do futebol ter sido utilizado em diversas ocasiões como um desviante da atenção das problemáticas da sociedade, há que se atentar ao fato de que ele também foi capaz de canalizar importantes movimentos de protesto e resistência, como na ocasião das ditaduras latino-americanas. Pensamos, nesse sentido, que a consideração do futebol como tão somente um alienante social apresenta, na realidade, uma ignorância quanto às suas funções sociais e uma renúncia de seu valor cultural. Neste esporte, podemos identificar, de maneira bastante concreta, questões polêmicas da sociedade, como os regionalismos, os nacionalismos, o racismo e o machismo, por exemplo – motivo pelo qual a ascensão do futebol no contexto do séc. XX é um fenômeno digno de ser pesquisado na academia.

Vislumbramos, neste esporte, concordando com diversos estudos aqui apresentados, um espaço em que se minimizam desigualdades, atraindo um público diversificado. Um jogo de futebol é capaz de mobilizar – diferentemente de outras atividades – pessoas das mais variadas estratificações sociais, de modo que seja possível encontrar, em um estádio, desde membros das classes sociais mais baixas até a elite; homens e mulheres; crianças e idosos. A constatação acerca das camadas sociais é significativa, sobretudo se considerarmos a particularidade altamente hierarquizante e desigual das sociedades latino-americanas, em que praticamente inexistem espaços que possibilitem encontrar, concomitantemente, pessoas de diferentes estratificações sociais. Nesse sentido, concordamos com DaMatta no que diz respeito ao aspecto relativamente democrático do futebol. Além de compreender esta caracterização igualitária do referido esporte, visualizamos, também, um papel importante que está relacionado ao contato com a natureza, sobretudo nas capitais – cujos espaços são intensamente asfaltados, cuja rotina é muito estressante e onde se encontram os clubes mais significativos e gloriosos. Todas essas argumentações são elencadas a fim de encontrar uma justificativa plausível para a compreensão da popularidade do futebol na América Latina, bem

como de sua constante utilização na formação das identidades. Por fim, interessa reiterar a significativa possibilidade que o futebol ocasiona aos países menos desenvolvidos – como os que compõem a América Latina. A partir do bom desempenho no futebol, torna-se factível a contraposição à velha ordem segundo a qual os colonizados estariam permanentemente submetidos aos colonizadores (DAMATTA, 2006). É essa experiência da vitória e do desmonte de estruturas enraizadas que faz do futebol um espaço mágico e fascinante, capaz de desconstruir uma lógica do mundo; sobre o qual pretende-se sustentar um ideal harmonioso e digno de identidade.

4. FUTEBOL E IDENTIDADE

4.1. FUTEBOL E A IDEALIZAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Observamos, até agora, que Rodrigues e Galeano procuraram, no que concerne às suas produções esportivas, abordar o futebol como um importante instrumento para a superação das adversidades a que seus países foram submetidos. Focaremos, doravante, na discussão em torno da proposta de afirmação das nações em cada um dos escritores, problematizando suas idealizações com teóricos que pensam a temática da identidade.

Como vimos, Rodrigues tentou reiteradamente utilizar o futebol e a seleção no intuito de afirmar a potencialidade do Brasil, proclamar a virtualidade do brasileiro e teorizar sua superioridade – o futebol funciona como superação do “complexo de vira- latas”. Prosseguindo com essa discussão, trazemos a ideia de que o Brasil passou a ser “descoberto” – para o mundo e para os brasileiros – através das conquistas do escrete:

Amigos, eu ando falando muito do Brasil. E muita gente já rosna, com tédio e irritação: — “Você está descobrindo o Brasil?” É exato. Estou, sim, estou descobrindo o Brasil.

Eis que, de repente, cada um de nós, cada um dos setenta milhões de brasileiros passa a ser um Pedro Álvares Cabral. Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante. E Justiça se faça ao escrete: — é ele que está promovendo, quem está anunciando o Brasil.

A princípio, o sujeito pode pensar que o escrete revelou o Brasil para o mundo. Isso também. Todavia, o mais importante e o mais patético é a descoberta do Brasil para os próprios brasileiros. Pergunto: — o que sabemos nós do Brasil? Pouco ou, mesmo, nada. A partir de 58, o Brasil começou a aparecer aos nossos olhos (RODRIGUES, 2013, p. 336)

Rodrigues traz, aqui, a ideia de uma revelação repentina de uma nação ao mundo e, incrivelmente, ao próprio brasileiro. É a conquista do primeiro campeonato mundial, em 1958, que revela o Brasil – descoberta “contínua e deslumbrante”. Antes, na visão do autor, pouco se sabia sobre o país – a nível nacional e internacional.

Galeano, da mesma forma que Rodrigues, aborda o futebol como instrumento de reconhecimento da nação uruguaia. Mencionando as vitórias olímpicas consecutivas da seleção uruguaia em 1924, na França, e 1928, na Holanda, o autor utiliza-se do mesmo argumento de Rodrigues – o futebol teria impulsionado a popularidade uruguaia:

Quatro anos depois, o Uruguai ganhou a Olimpíada da Holanda. Y un dirigente uruguayo, Atilio Narancio, que en el 24 había hipotecado su casa para pagar los pasajes de los jugadores, comentó: —Ya no somos más aquel pequeño punto en el mapa del mundo. La camiseta celeste era la prueba de la existencia de la nación, el Uruguay no era un error, el fútbol había arrancado a este minúsculo país de las sombras del anonimato universal. Los autores de aquellos milagros del 24 y del 28 eran obreros y bohemios que no recibían del fútbol nada más que la pura felicidad de jugar.

[...]

Apenas dos mil personas asistieron a aquel primer partido. La bandera uruguaya fue izada al revés, con el sol para abajo, y en lugar del himno nacional se escuchó una marcha brasileña. Aquella tarde, Uruguay derrotó a Yugoslavia 7 a 0. Y entonces ocurrió algo así como el segundo descubrimiento de América. (GALEANO, 2014, l. 605)

O futebol, portanto, tirava o Uruguai do anonimato – o país deixa de ser um pequeno ponto no mapa, a camiseta comprova sua existência, a bandeira é içada ao contrário e, ao invés do hino uruguaio, soa uma marcha brasileira. Todos esses acontecimentos narrados são expostos no intuito de comprovar o desconhecimento do Uruguai perante o mundo. A partir da narrativa da vitória de 7 a 0 diante da Iugoslávia, Galeano teoriza que esse feito seria não apenas a descoberta do Uruguai – representaria, além disso, o segundo descobrimento da América.

Observamos, nos fragmentos aqui selecionados, que os autores trazem a concepção de nação – cuja existência era

constatada através do futebol – para fundamentar seus discursos. Valemo-nos, para compreender esse conceito, da teoria de Benedict Anderson produzida no livro *Comunidades Imaginadas* – publicado em 1983. Segundo este autor, a era do nacionalismo teve princípio na Europa Ocidental, no século XVIII, com a ascensão do Iluminismo e do Secularismo Racionalista. Apesar do declínio da fé religiosa, o sofrimento que ela ajudava a apaziguar continuou a existir, e a ideia de nação acaba se mostrando adequada para essa finalidade. Nesse sentido, o nacionalismo, segundo Anderson, deve ser compreendido “alinhando-o não a ideologias políticas conscientemente adotadas, mas aos grandes sistemas culturais que o precederam, e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los” (ANDERSON, 2008, p. 39). Os sistemas culturais a que o autor se refere são a comunidade religiosa e o reino dinástico.

Anderson defende a ideia de que a comunidade religiosa sofreu um declínio na Idade Média, como consequência das explorações do mundo não-europeu, que ampliaram o horizonte cultural-geográfico e os conceitos a respeito das formas de vida humana. Além disso, nessa época também ocorreu o rebaixamento gradual da língua sagrada, ilustrada pelo declínio do latim. O autor explicita, ademais, que antes da ascensão do nacionalismo, o reino dinástico despontava como único sistema político imaginável, no qual a organização da realeza aparecia em torno de um centro elevado e sua legitimidade derivava da divindade, e não da população - que nessa conjuntura é composta por súditos, e não por cidadãos. O declínio da legitimidade automática da monarquia sagrada manifesta-se, nesse sentido, durante o século XVII (ANDERSON, 2008).

Porém, as Comunidades Imaginadas das nações não surgiram apenas a partir da superação das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos, substituindo-os. Ocorreu, também, uma transformação fundamental nos modos de apreender o mundo, e essa mudança é essencial para compreender a formulação do ideal de “nação”: na conjuntura europeia do século XVIII, floresceram duas formas de criação imaginária – o romance e o jornal. Esses

dois novos meios possibilitaram a propagação de obras ligadas a movimentos nacionalistas. Destacamos, aqui, a argumentação de Anderson acerca da extraordinária e paradoxal “cerimônia de massa” criada pelo jornal: sua leitura é realizada no silêncio da privacidade de cada indivíduo, o qual possui, entretanto, consciência de que aquele conteúdo está sendo lido simultaneamente por milhares – ou milhões – de pessoas “cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida” (ANDERSON, 2008, p. 68). Assim, “o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis no mundo imaginado da vida cotidiana” (ANDERSON, 2008, p. 68).

Nesse sentido, o declínio de convicções mutuamente entrelaçadas, somado ao desenvolvimento dos meios de comunicação cada vez mais velozes, acarretou na busca por uma nova maneira de unir a fraternidade, o poder e o tempo. O capitalismo editorial surgiu, nesse contexto, como elemento catalisador, que permitiu que as pessoas pensassem sobre si mesmas e se relacionassem com as demais de maneira radicalmente nova (ANDERSON, 2008, p. 70). A idealização da comunidade imaginada foi, portanto, confirmada pela leitura.

A partir dessa contextualização acerca da complexidade das raízes históricas em torno do ideal de nação, Anderson propõe defini-lo como uma comunidade política imaginada, intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Segundo o autor, a nação

é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.

[...]

Imagina-se a nação limitada porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. Nenhuma delas

imagina ter a mesma extensão da humanidade. Nem os nacionalistas mais messiânicos sonham com o dia em que todos os membros da espécie humana se unirão à sua nação, como por exemplo na época em que os cristãos podiam sonhar com um planeta totalmente cristão.

Imagina-se a nação soberana porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina.

[...]

E, por último, ela é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nesses dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas. (ANDERSON, 2008, p. 32 – 34)

Compreendemos essa teoria de Anderson sobre as comunidades imaginadas como fundamental na discussão a respeito da identidade nacional nas produções esportivas de Rodrigues e de Galeano. Os autores procuram, utilizando-se das conquistas das seleções de seus países, enaltecer a integração das suas respectivas nações. Ambos intencionam retratar o futebol através de uma exaltação indiscutivelmente unânime, pressupondo que a totalidade da sociedade aclamasse as conquistas das seleções. Nesse sentido, aquela nação – limitada territorialmente, soberana como ideia e imaginada em torno do princípio de fraternidade – materializa-se diante da suposta torcida harmoniosa e integral de sua população. Segundo Anderson, o Estado Nacional como norma internacional legítima atinge seu auge no contexto após a Segunda Guerra Mundial (ANDERSON, 2008, p. 163). Como Rodrigues e Galeano vivenciaram essa conjuntura, naturalmente foram influenciados por essa idealização de nacionalidades imaginadas e unificadas. O objeto sobre o qual escrevem – o futebol – possui elementos interessantes para pensar essa comunidade: em um jogo entre seleções, surge uma comoção em torno do hino nacional – cantado em uníssono e, muitas vezes, finalizado à capela –; os jogadores e torcedores vestem-se com camisetas da mesma cor – simbolizando a fraternidade e

camaradagem, de que Anderson fala; a bandeira é hasteada e está presente também nas arquibancadas, em meio à torcida; diante do gol surge a manifestação explosiva de amor à pátria. Assim, todos esses elementos configuram a tentativa de promoção de um imaginário consolidado a respeito da nação. O futebol pode ser, portanto, compreendido como uma ocasião em que ocorre um retrato concreto e experimental da comunidade imaginada – uma ocasião que ultrapassa a utilização de código ideológico, estabelecendo, também, “um código visual, auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana” (DAMATTA, 1982, p. 15).

Cumprido destacar, também, que os autores, utilizando-se do futebol, propagam a idealização das comunidades imaginadas através da literatura. Retomando Anderson, a literatura possui um papel singular no processo de confirmação da ideia de nação. No caso de Nelson Rodrigues, esta divulgação é realizada pelas crônicas literárias nos jornais, cujo alcance é ainda maior em relação a livros. Assim, ressaltamos a importância da literatura no processo de constituição de uma ideia de nação.

A propósito desta constatação, Doris Sommer, no livro *Ficções de Fundação: os romances nacionais da América Latina*, publicado pela primeira vez em 1991, destaca a existência de projetos nacionais através da prosa de ficção, surgidos a partir da necessidade de criar uma história que legitimasse as nações emergentes no âmbito da América Latina. Deste modo, a autora enfatiza o fato de que os romances caminharam de mãos dadas com a história patriótica da América Latina, afirmando que frequentemente o romance e a república estiveram interligados “por meio dos autores que preparavam projetos nacionais através da prosa de ficção e implementavam ficções de fundação através de campanhas legislativas ou militares” (SOMMER, 2004, p. 22). Da mesma forma, Rodrigues e Galeano, embora em um contexto diverso daquele analisado por Sommer – a autora aborda sobretudo o contexto oitocentista –, procuram enfatizar a existência, a legitimidade e o destaque de seus países a partir de uma literatura embasada em

fatos futebolísticos reais. Cumpre mencionar que as produções dos autores, entretanto, não possuem necessariamente o ideal de legitimação de ideais políticos governamentais. No caso de Rodrigues, que escreve na conjuntura da ditadura e procura legitimar este governo, esta relação é perceptível; no caso de Galeano, porém, esta característica não se manifesta, visto que o autor é um grande crítico dos governos ditatoriais, mas não deixa de elogiar o futebol que se desenvolveu na época. Concluímos, assim, a permanência da importância da literatura quando o propósito é auxiliar na construção de um ideal em torno da identidade nacional, sem necessariamente pretender dar legitimidade a algum regime de governo.

Rodrigues procura, ao narrar as vitórias da seleção brasileira, enaltecer os jogadores, dramatizar as disputas e colocar o êxito como extensivo a toda a nação. Em crônicas escritas na conjuntura da Copa do Mundo do Chile, o autor menciona a vitória sobre a seleção chilena, evidenciando os obstáculos enfrentados neste jogo:

Mas o povo brasileiro é tão formidável que, na vaga de um gênio, pôs outro gênio. Ou, por outras palavras, na vaga de Pelé, arranjou, improvisou outro Pelé: — Amarildo. E, no jogo seguinte, também Amarildo se machuca. Como se não bastasse, abriu-se, nas canelas de Didi, uma constelação de feridas. E que vimos nós? Levando nas pernas chagas deslumbrantes, Didi foi mais um príncipe etíope do que nunca. Contra o Chile, através dos noventa minutos, ele não perdeu, em instante nenhum, a sua ginga maravilhosa de gafeira. Ferido na carne e na alma, o escrete do Brasil derrubou o Chile. É possível que até a natureza tivesse preparado algum terremoto contra nós. E ganhamos. Mesmo que atirassem contra o Brasil um furacão da Flórida, sairíamos invictos da batalha. E pior do que o terremoto, pior do que a torcida, pior do que as manchetes, pior do que o escárnio do rádio e da televisão: foi o juiz. Está provado que o árbitro entrou em campo para meter a mão no bolso do Brasil.

[...]

Pois vencemos o juiz, vencemos o escrete chileno, as manchetes, os terremotos, a cordilheira. Apedrejaram Garrincha, e vencemos. (RODRIGUES, 2013, p. 40, 41)

É evidente, aqui, que a conquista diante da seleção chilena é não apenas da esquadra brasileira, mas também de todo o “povo brasileiro”, de toda a comunidade imaginada e reiterada por Rodrigues. E o cronista faz questão de enaltecer a superioridade brasileira, invencível diante de supostos terremotos ou furacões; destemido na presença da cordilheira dos andes; imbatível perante a torcida adversária e a atuação tendenciosa do juiz. A imagem que o autor cria de sua seleção é uma imagem formidável, dotada de uma capacidade talentosa de improvisação e superação. A vitória é consequência, para Rodrigues, não apenas da performance no futebol, mas sobretudo de qualidades como a “coragem, a inteligência, a imaginação, o entusiasmo e a genialidade do homem brasileiro” (RODRIGUES, 2013, p. 25). Toda essa exorbitância ao relatar a partida é utilizada como um recurso para engrandecer a atuação brasileira e, conseqüentemente, a ideia de nação.

Observem agora o que o escrete fez por nós. Há pouco tempo o brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. Conheço um patricio que andou ensaiando um sotaque para não trair a sua nacionalidade. Agora não. Agora acontece esta coisa espantosa: — todo mundo quer ser brasileiro. O país foi invadido por brasileiros, ocupado por brasileiros. Dizia-me o Francisco Pedro do Coutto: — “Nunca vi tantos brasileiros.” E outra coisa: — as mulheres estão mais lindas, e os homens, mais fortes, e há uma bondade difusa, volatilizada, atmosférica. Jamais se cumprimentou tanto. E como sorrimos uns para os outros. (RODRIGUES, 2013, p. 112)

A efetivação da comunidade imaginada dá-se, para Rodrigues, após as conquistas do escrete. São os desempenhos positivos no futebol que fazem com que os brasileiros incorporem e percebam a sensação de pertencimento e o sentimento de fraternidade entre os compatriotas, que passam, segundo o autor, a sorrir mais e a se cumprimentar mais. É o futebol que ocasiona o orgulho da identidade nacional, a superação do “complexo de viralatas” e a visibilidade do país perante os brasileiros e o mundo.

Da mesma forma, Galeano também destaca a importância das conquistas futebolísticas para obter reconhecimento, afirmando

que a camiseta da seleção é um importante símbolo de identidade coletiva, não apenas para os países pequenos ou pobres:

Somos porque ganamos. Si perdemos, dejamos de ser. La camiseta de la selección nacional se ha convertido en el más indudable símbolo de identidad colectiva, y no sólo en los países pobres o pequeños que dependen del fútbol para figurar en el mapa. (GALEANO, 2014, l. 2286)

A partir dessas propostas dos autores, valemo-nos da teoria do filósofo contemporâneo Giorgio Agamben, presente no ensaio *O que é um dispositivo?*, publicado no livro *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* para compreender a instrumentalização do futebol no processo de idealização de uma nação. Neste ensaio, Agamben parte de uma contextualização acerca da utilização do termo técnico “dispositivo” no pensamento de Michel Foucault, afirmando a importância do termo em sua obra. Agamben destaca que, para Foucault, o termo refere-se a uma rede que se estabelece entre elementos heterogêneos, como “discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, etc” (AGAMBEN, 2005, p. 9). A função do dispositivo – afirma Agamben, ainda interpretando Foucault – é estratégica e se inscreve em uma relação de poder.

Agamben propõe-se, então, a situar os dispositivos em um novo contexto, abandonando a teoria foucaultiana. Chega, assim, a uma definição acerca do termo “dispositivo”:

Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata –

provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p. 13)

Abordamos brevemente esta ideia de dispositivo por considerá-lo importante para a compreensão da tentativa de Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano em idealizar, em suas produções esportivas, a grandiosidade e a unanimidade de suas nações. Apreendemos, diante da leitura das obras aqui analisadas, que o futebol e a literatura funcionam como “dispositivos”, conforme descrição de Agamben, na medida em que ambos capturam e orientam os gestos e os discursos dos seres viventes. A literatura esportiva e a paixão pelo futebol são dispositivos que visam à orientação dos leitores em relação à ideia de pertencimento e subserviência à ideia de pátria. As conquistas no futebol são utilizadas para criar uma unanimidade em torno do esporte, homogeneizando, controlando e moldando as pessoas; bem como suprimindo as diferenças.

Wilson Krette Júnior, em artigo intitulado *Giorgio Agamben e as noções de dispositivo, amizade e a busca pela visão na obscuridade do presente para entender o contemporâneo*, afirma que “o dispositivo para Agamben é compreendido como criação e proliferação de mecanismos da política contemporânea para controlar a conduta e as opiniões de todos os seres humanos na sociedade capitalista” (JUNIOR, 2010, p. 183).

Vimos, no segundo capítulo deste livro, o quanto a popularização do futebol em todo o mundo, e de maneira peculiar na América Latina, relaciona-se com o fato de que este esporte apresentasse, inicialmente, como uma ferramenta – um *dispositivo* – de controle dos trabalhadores operários no início do século XX. O futebol apresentou-se, em suma, como um orientador de uma conduta – os trabalhadores, naquele contexto, concentraram suas atenções em torno do esporte, o que ocasionou uma amenização dos protestos por melhores condições de trabalho. A elite, então, viu no futebol um poderoso instrumento de controle e pacificação de massas – e essa constatação proporcionou, então, a disseminação do esporte.

No que concerne às produções dos autores, o futebol surge como um dispositivo que pode direcionar à idealização de pertencimento de uma nação, como podemos observar nas produções aqui abordadas. Funciona essencialmente como um dispositivo que ameniza o discurso de subdesenvolvimento prevalecente na América Latina na conjuntura. O futebol é, em suma, um dispositivo que suscita um discurso de superioridade dos países latino-americanos, a despeito da condição de subdesenvolvimento aqui presente.

Estamos vivenciando, afirma Agamben, uma “gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos” (AGAMBEN, 2005, p. 5), cuja funcionalidade é, como vimos, controlar a conduta dos homens na sociedade capitalista. O futebol, bem como a literatura, portanto, podem ser interpretados como exemplos de dispositivos do pensamento agambeniano, que se relacionam ao sentimento de nacionalismo e patriotismo nas produções dos autores que estamos analisando.

A propósito da ideia de nacionalismo e patriotismo, cumpre mencionar a distinção entre os referidos conceitos, cunhada por Zygmunt Bauman no livro *Modernidade Líquida*, publicado em 1999. O autor destaca, de forma geral, que o patriotismo relaciona-se mais a aspectos positivos; enquanto o nacionalismo está ligado a aspectos negativos. Segundo Bauman,

o patriotismo, mais postulado que empiricamente verificado, é o que o nacionalismo (se amansado, civilizado e eticamente enobrecido) poderia ser mas não é. O patriotismo é descrito pela negação dos traços mais rejeitados e vergonhosos do nacionalismo. Leszek Kolakowski sugere que, enquanto o nacionalista quer afirmar a existência tribal pela agressão e ódio aos outros, acredita que todos os infortúnios de sua própria nação são resultado de conspirações estrangeiras e se ressentem contra todas as outras nações por não admirarem apropriadamente nem darem o merecido crédito à sua própria tribo, o patriota destaca-se pela “benevolente tolerância em relação à variedade cultural e especialmente às minorias étnicas e religiosas”, assim como por sua disposição de dizer à sua própria nação coisas que a desagradam e que ela não gostaria de ouvir. (BAUMAN, 2001, l. 3195)

Nesse sentido, a ideia de nação postula que o pertencimento é “um destino, não o produto de uma escolha ou de um projeto de vida” (BAUMAN, 2001, l. 3222); sendo, assim, determinado desde uma perspectiva externa. O patriotismo, por sua vez, é caracterizado pela tolerância, hospitalidade e acessibilidade – na medida em que “deixa a questão para os que perdem admissão” (BAUMAN, 2001. l. 3257)

Apreendemos, diante desta reflexão, que nas produções esportivas dos autores aqui analisados é possível encontrar ambos os sentimentos: tanto de nacionalidade, quanto de patriotismo. Por um lado, encontramos um imaginário de hostilidade e agressividade entre equipes de futebol, sendo este esporte representado, muitas vezes, como uma metáfora da guerra – que caracteriza o nacionalismo na concepção de Bauman. Por outro lado, o futebol traz um sentimento genuíno e voluntário de amor à pátria, característica daquilo que Bauman denominou de patriotismo. A diferença racial é, também, colocada como aspecto positivo – é justamente o que diferencia o futebol presente no Brasil, no Uruguai e na América Latina. Deste modo, é perceptível que os autores trazem, em suas produções literárias, tanto sentimentos nacionalistas, quanto patriotas - nos termos da teoria de Bauman.

4.2. IDENTIDADE: ALTERIDADE

Como vimos, a construção do imaginário das identidades nas produções esportivas de Rodrigues e de Galeano sustenta-se em uma afirmação acerca das características de seleções, que naturalmente se opõem a outras características. Exemplificando: se uma seleção nacional é caracterizada como veloz, por dedução é possível concluir, também, que existem seleções lentas. Este jogo com antônimos é uma estratégia constantemente utilizada pelos autores, que empregam a oposição para enfatizar a grandiosidade de determinadas seleções – e, conseqüentemente, de nações. Ao mencionar a conquista do Brasil da Copa de 70, por exemplo, as

produções do brasileiro e do uruguaio são enfáticas em apontar o quanto a equipe brasileira era talentosa e diferenciada:

Raríssimos acreditavam no Brasil. Um deles era o presidente, que me dizia: — “Vamos ganhar, vamos ganhar” — e que, ainda no sábado, dava o seu palpite para a finalíssima: — “Brasil 4 x 1”. Mas os “entendidos” juravam que o futebol brasileiro estava atrasado trinta anos. E a famosa velocidade européia? Essa velocidade existia entre eles, e para eles. Mas o Brasil ganhou de todo mundo andando, simplesmente andando. Com a nossa morosidade genial nós enterramos a velocidade burra dos nossos adversários. (RODRIGUES, 1993, p. 214, 215)

Este trecho foi retirado da crônica rodrigueana publicada no dia seguinte ao da conquista do tricampeonato pela seleção brasileira, no jornal *O Globo*. É perceptível o empenho do autor em demonstrar que a seleção opõe-se a uma velocidade incoerente e inútil em sua visão: mesmo perante um imaginário de que as seleções europeias fossem velozes, o Brasil foi capaz, na metáfora rodrigueana, de vencer facilmente – em suas palavras, vencer “andando”, a partir de uma genial e particular suavidade.

Da mesma forma, Galeano não deixa de elogiar a seleção brasileira de 70 – que, a propósito, é reconhecida mundialmente como uma seleção diferenciada, sendo frequentemente considerada como a melhor equipe nacional que já existiu. Para o uruguaio, em 70, a seleção brasileira apresentou um futebol compatível com característica festiva e bonita de seu povo:

En el Mundial del 70, Brasil jugó un fútbol digno de las ganas de fiesta y la voluntad de belleza de su gente. Ya se había impuesto en el mundo la mediocridad del fútbol defensivo, con todo el cuadro atrás, armando el cerrojo, y adelante uno o dos hombres jugando al solitario; ya habían sido prohibidos el riesgo y la espontaneidad creadora. Y aquel Brasil fue un asombro: presentó una selección lanzada a la ofensiva, que jugaba con cuatro atacantes, Jairzinho, Tostão, Pelé y Rivelino, que a veces eran cinco y hasta seis, cuando Gerson y Carlos Alberto llegaban desde atrás. En la final, esa aplanadora pulverizó a Italia. (GALEANO, 2014, l. 1597)

Aqui, além do imaginário de um povo alegre e festivo, Galeano determina o estilo de jogo brasileiro em oposição a um futebol defensivo, que seria imposto no resto do mundo. A seleção brasileira, contrariando a tendência mundial, caracterizava-se como uma equipe ofensiva e destemida – reflexo, segundo Galeano, do povo que representava.

Nesse sentido, concluímos, de maneira bastante simplista, que as características determinantes na construção de uma identidade inevitavelmente opõem-se a outras características. Stuart Hall, no ensaio denominado *Quem precisa de identidade?*, publicado em 2003 no livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, reflete sobre a questão e, dentre os debates propostos, destaca a importância da existência da diferença na constituição das identidades:

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação daquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993). As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, “à sua margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. (HALL, 2003, p. 110)

Estas reflexões são muito úteis para a análise da construção do ideal de nação dos autores aqui estudados. Embora o ponto de partida sejam seleções nacionais, essas produções literárias pretendem afirmar características honradas de toda uma nação, em oposição a outras características, na tentativa de subverter uma lógica econômica mundial – na qual países latino-americanos frequentemente encontram-se em desvantagem. O processo de construção de uma

identidade ocorre naturalmente a partir de outro referencial, como esclarece Hall, e esta estratégia é constante nos textos dos autores. A autoafirmação da qualidade do futebol brasileiro e uruguaio, que reflete nobres características relacionadas às identidades nacionais, é construída por meio da diferença. Rodrigues e Galeano, ao colocarem o futebol brasileiro e uruguaio como dotados de beleza, alegria, espontaneidade e criatividade, ressaltam a contraposição ao “outro” - este “outro”, o adversário, é composto por características como “velocidade burra” (RODRIGUES, 1993, p. 215) e “mediocridade defensiva” (GALEANO, 2014, l. 1597). A construção da identidade, como aponta Hall, se dá através da relação com o outro e, nos exemplos aqui trazidos, o diferente é representado por meio de características externas, inferiores e desprezíveis. Vejamos outros exemplos desta construção nas produções literárias, a começar pelas crônicas de Rodrigues:

Amigos, se me perguntarem qual é o maior defeito do futebol brasileiro, eu direi: — a delicadeza e, reforço, a extrema delicadeza. De fato, não há na Terra um craque que tenha a polidez do nosso. O brasileiro é um tímido, um contido, um cerimonioso. Foi assim em 58, foi assim em 62. Nas duas Copas, os adversários já entravam de navalha na liga.

Ao passo que, até no *foul*, o escrete verde-amarelo era de uma suavidade impressionante. Vejamos em 58. O jogo Suécia x Alemanha foi uma carnificina. Eu estava vendo a hora em que os adversários iam arrancar a carótida uns dos outros para chupá-la como tangerina. Foram noventa minutos de uma ferocidade recíproca e homicida. Valeu tudo, rigorosamente tudo.

Pois o Brasil não fez um único e escasso vexame. Era de dar pena a correção dos nossos rapazes. Jogavam na bola e só na bola. Jamais o mundo vira um escrete tão doce e de uma inocência quase suicida. Um sociólogo que lá estivesse havia de fazer a constatação apiedada: — “O escrúpulo é próprio do subdesenvolvimento!” (RODRIGUES, 2013, p. 92)

O autor é enfático ao afirmar a suavidade do futebol brasileiro, reflexo da polidez e educação de seu povo, e esta argumentação ocorre em contraposição à característica de seus adversários, exemplificados, aqui, em seleções europeias. Rodrigues esforça-se em estabelecer um antagonismo entre um estilo pacífico e um estilo violento de jogo,

utilizando-se, como é característico de suas crônicas, de hipérboles espalhafatosas para convencer o leitor – como, no trecho acima, a ideia de atletas arrancando e chupando a carótida de seus adversários. Esta idealização da educação e da urbanidade da seleção brasileira opõe-se à violência feroz de seleções europeias – e esta conclusão é reflexo da natureza de todo um povo:

A doçura, a cerimônia, a timidez do nosso futebol são defeitos gravíssimos. Um jogador brasileiro tem vergonha de pisar na cara do adversário caído. O europeu, não. O europeu não recua diante de nada. Vocês se lembram do jogo Brasil x Alemanha, aqui, no Maracanã. Foi uma partida medíocre, mas que teve um lance de epopeia.

Refiro-me à bola dividida entre Pelé e um alemão. Este não recuou, nem o brasileiro. E o dilema criado para ambos foi o seguinte: — matar ou morrer. O alemão preferiu matar e Pelé não quis morrer. O nosso levou vantagem pelo seguinte: — porque introduziu no choque a molecagem brasileira. Conclusão: — Pelé sobreviveu e o germânico saiu de maca.

A imprensa teve a reação própria do subdesenvolvido: — condenou Pelé. Se a coisa fosse na Alemanha, e a vítima, Pelé, o cronista de lá ia considerar a fratura um fato normal e intranscendente. Amigos, na Europa, o *foul* praticamente não existe. O juiz só costuma apitar quando um adversário estripa o outro.

E não há dúvida de que, por uma tendência natural e, ainda mais, por se tratar de um tri, vão caçar os brasileiros a pauladas. Outrora, o brasileiro babava de inveja e deslumbramento só de ouvir falar no inglês. Mas a verdade é bem diferente. Hoje, sabemos que o único inglês da vida real é o brasileiro. Sim, qualquer favelado nosso, desdentado e negro, é um monstro de boas maneiras. (RODRIGUES, 2013, p. 92, 93)

Novamente, o autor estabelece uma contraposição entre a educação e a delicadeza contra a violência e a brutalidade do adversário, acrescentando que considera esta postura da seleção brasileira como um “defeito gravíssimo”. Nesta citação, o autor refere-se a uma partida entre Brasil e Alemanha, enfatizando, novamente, a generalização do europeu. No lance “epopeico” narrado, o jogador alemão procura atingir Pelé, que, como resposta, utiliza-se tão somente de seu talento para se livrar do ataque. O lance resulta na saída do alemão, que se machuca com a jogada. O autor conclui, então, que a diferenciação de Pelé – e,

conseqüentemente, da seleção brasileira e do homem brasileiro – é aquilo que chama de “molecagem”. Aqui, uma condição de vida do homem brasileiro, ilustrado no homem “favelado”, “desdentado” e “negro” é colocada como um fator importante, como um diferenciador entre o brasileiro e o europeu. É seguindo este raciocínio que Rodrigues chega à conclusão de que é o brasileiro o verdadeiro “inglês” - é o brasileiro quem é genuinamente dotado de “boas maneiras”, não obstante sua condição. Esta argumentação, portanto, baseia-se no ideal de que o brasileiro acabou se diferenciando a partir das dificuldades vividas. Com esse pensamento, o autor enfatiza que o futebol brasileiro é inimitável:

Na Suécia, o escrete era um ilustre desconhecido. Ninguém sabia dos nossos dons, ninguém imaginava a graça, o sortilégio do nosso futebol. Os europeus lançaram em campo o seu futebol todo medido, todo acadêmico, sem um toque de fantasia, quadradíssimo. Muito bem. E o Brasil entrou com os seus dons maravilhosos de molecagem, de malandragem. Cada jogada de um Pelé, ou de um Mané, ou de um Didi, ou de um Zico vinha pesada, vinha encharcada de imaginação. Os do Velho Mundo entraram pelo cano, e vamos admitir: — tinham de entrar.

E quando, finalmente, os brasileiros voltaram da Suécia com o caneco no bolso, os europeus raciocinaram: “Bem, a forra vai ser em 62!” Eles se prepararam para 62. Estudaram planos formidáveis. E largaram-se para o Chile, radiantes da vida e crentes que iam anular os Garrinchas, os Pelés. De fato, o futebol da Europa está mudando. Mas isso não bastava. E tanto não bastava que eles entraram pelo cano, outra vez.

Cabe então a pergunta: — e por quê?

É simples: — porque mudaram o futebol e não mudaram os homens. Os brasileiros têm recursos que só eles próprios sabem usar. Por outro lado, a sua qualidade humana é muitíssimo melhor. Amigos, vamos reconhecer com sóbria e exata autocrítica: — não há, presentemente, no mundo, uma figura humana tão complexa, tão rica, tão potencializada como o brasileiro. Eis o óbvio, que nem todos enxergam: — o maior homem da época é o do Brasil.

Os europeus podiam, sim, copiar, tanto quanto possível, o nosso futebol. Mas não podiam imitar o inimitável, ou seja: — o homem brasileiro. Garrincha é, por excelência, o incopiável. Pode-se imitar um europeu, porque eles se parecem, como soldadinhos de chumbo. Mas quem pode assemelhar-se a um Pelé? Ou a um Mané? Ou a um Zagalo? Ou a um

Amarildo, o Possesso? Para ter a agilidade, a imaginação, a molecagem, o gênio de brasileiro, o tcheco não pode ser tcheco, precisa ser um brasileiro nato (RODRIGUES, 2013, p. 28)

Além da contraposição entre a violência europeia e a polidez brasileira, aparecem, aqui, outras características que diferenciam os estilos de futebol: Rodrigues adiciona a ideia de fantasia e de criatividade do estilo brasileiro, em contraposição a um futebol tecnocrático, calculado, “quadrado”. E, embora o autor admita que o futebol europeu esteja em evolução, jamais será possível, sob seu ponto de vista, que seja alcançada a qualidade brasileira. Aqui, mais uma vez, o autor argumenta que a seleção brasileira apresenta um futebol superior em decorrência de um talento natural do homem brasileiro. Em oposição, o Velho Mundo possui homens idênticos – os “soldadinhos de chumbo” - que são desprovidos de talento para o esporte. Rodrigues defende que qualquer esforço dos europeus em estudar e tentar superar o Brasil é ineficiente, pois a “molecagem” é exclusivamente e naturalmente brasileira. Na crônica *O escrete de loucos*, publicada em 1962, Rodrigues defende que, enquanto o brasileiro “vive de verdade e ferozmente”, o europeu “faz uma imitação da vida” - e isso é consequência do “mistério de nossos botecos, e a graça das nossas esquinas, e o soluço das nossas cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes” (RODRIGUES, 2013, p. 45).

Galeano, como vimos, também abordou a temática do futebol brasileiro frequentemente. A partir de pequenos textos, falava sobre temas diversos – que variavam entre uma Copa do Mundo específica, uma jogada importante, um determinado jogador, entre outros. Ao escrever sobre jogadores brasileiros, o uruguaio frequentemente realiza uma reflexão sobre um estilo de jogo. No exemplo a seguir, Galeano fala sobre o jogador Friedenreich:

Este mulato de ojos verdes fundó el modo brasileño de jugar. Él rompió los manuales ingleses: él, o el diablo que se le metía por la planta del pie. Friedenreich llevó al solemne estadio de los blancos la irreverencia de los muchachos de color café que gozaban disputando una pelota de trapo en los

suburbios. Así nació un estilo, abierto a la fantasía, que prefiere el placer al resultado. Desde Friedenreich en adelante, el fútbol brasileño que es de veras brasileño no tiene ángulos rectos, como tampoco los tienen las montañas de Río de Janeiro ni los edificios de Oscar Niemeyer. (GALEANO, 2014, l. 1237)

É perceptível, neste trecho, que Galeano, a partir do exemplo de Friedenreich - jogador negro, filho de um homem alemão com uma brasileira, que atuou pela seleção brasileira no início do século XX - apresenta o surgimento de um estilo de jogo. Similarmente à argumentação de Rodrigues, Galeano fundamenta seu discurso na ideia de que o futebol brasileiro é caracterizado por uma criatividade diferenciada, que não se utiliza de ângulos retos, mas sim de uma naturalidade espontânea. Esta fantasia ocorre, para o uruguaio, devido à preferência do prazer em jogar em relação à preocupação com o resultado.

Referindo-se a um fenômeno da popularização do futebol na América Latina, Galeano traz a ideia de reinvenção e aperfeiçoamento do esporte na região, caracterizado pelas bolas curtas e fintas na corrida. Diante deste novo futebol, Galeano traz ao texto o exemplo de um escritor europeu, que reconhece o estilo aqui presente como verdadeiro e autêntico:

Partido tras partido, la multitud se agolpaba para ver a aquellos hombres escurridizos como ardillas, que jugaban al ajedrez con la pelota. La escuela inglesa había impuesto el pase largo y la pelota alta, pero estos hijos desconocidos, engendrados en la remota América, no repetían al padre. Ellos preferían inventar un fútbol de pelota cortita y al pie, con relampagueantes cambios de ritmo y fintas a la carrera. Henri de Montherlant, escritor aristocrático, publicó su entusiasmo: «¡Una revelación! He aquí al verdadero fútbol. Lo que nosotros conocíamos, lo que nosotros jugábamos, no era, comparado con esto, más que un pasatiempo de escolares». (GALEANO, 2014, l. 606)

Outra importante constatação presente tanto nos escritos de Rodrigues como nos de Galeano relaciona-se com questões sociais e raciais: ambos são enfáticos em defender que este estilo de jogo surge a partir de uma condição de vida aqui presente. Na visão dos

autores, crescer na pobreza e ser negro são características que singularizam e destacam os jogadores brasileiros. Esta questão dialoga, inclusive, com uma discussão apresentada no segundo capítulo, no qual abordamos algumas teorias que procuram explicar a extraordinária popularização do esporte em nossa região. Recordemos brevemente algumas ideias apresentadas pelos estudiosos do fenômeno, segundo as quais o futebol apresenta: a possibilidade de uma “horizontalização do poder” – através do futebol, torna-se factível a experiência de um igualitarismo inexistente na sociedade (DAMATTA, 1982) –; a possibilidade de ascensão social a camadas que dificilmente ascendem na lógica capitalista (DAMATTA, 1982); a ideia de que, para o homem negro, o futebol aparece como uma possibilidade de emancipação, sobretudo no contexto do início do século XX (ROSENFELD, 2007) e a concepção de que o negro possui um talento natural e espontâneo para o futebol (FREYRE, 1938; FILHO, 2010). É evidente que os autores apresentam, também, esta teoria. Galeano, falando sobre Garrincha, menciona a questão social, transmitindo a ideia de que o futebol é um esporte democrático, que oferece oportunidades:

Alguno de sus muchos hermanos lo bautizó Garrincha, que es el nombre de un pajarito inútil y feo. Cuando empezó a jugar al fútbol, los médicos le hicieron la cruz: diagnosticaron que nunca llegará a ser un deportista este anormal, este pobre resto del hambre y de la poliomelitis, burro y cojo, con un cerebro infantil, una columna vertebral hecha una S y las dos piernas torcidas para el mismo lado. Nunca hubo un puntero derecho como él. En el Mundial del 58, fue el mejor en su puesto. En el Mundial del 62, el mejor jugador del campeonato. Pero a lo largo de sus años en las canchas, Garrincha fue más: él fue el hombre que dio más alegría en toda la historia del fútbol. (GALEANO, 2014, l. 1237)

Ao falar da figura de Garrincha, Galeano evidencia que a questão física e social não apenas não é um fator impeditivo, como também um diferencial do jogador. Embora nascido na pobreza, e mesmo carregando as sequelas da poliomielite, Garrincha é, segundo Galeano, o melhor jogador do Mundial de 58: e é a sua história de fome e de dificuldades físicas que o tornam dotado e

especial. Foi justamente a experiência dos jogos nos subúrbios que ensinou o jogador a brincar e tornar o futebol uma festa (GALEANO, 2014, l. 1237). Garrincha é, também, figura frequentemente abordada nas crônicas rodrigueanas, como no trecho a seguir:

Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. E jamais Garrincha foi tão Garrincha, ou tão homem, como ao imobilizar, pela magia pessoal, os onze latagões tchecos, tão mais sólidos, tão mais belos, tão mais louros do que os nossos. Mas vejam vocês: de repente, o Mané põe, num jogo de alto patético, um traço decisivo do caráter brasileiro: — a molecagem. (RODRIGUES, 2013, p. 43)

Novamente Rodrigues trabalha, aqui, com a contraposição entre o homem negro e branco, mencionando, ironicamente, a concepção padronizada de beleza – os adversários são mais louros e, conseqüentemente, mais belos que Garrincha. Outra ideia presente é a colocação da “molecagem” brasileira como um elemento diferenciador de nosso caráter, que reflete na qualidade do futebol. Com essa argumentação, o autor prossegue questionando uma lógica de dominação econômica, na qual o Brasil está em desvantagem em relação a países europeus.

Retomemos, agora, a discussão teórica a respeito da formação da identidade a partir da diferença em relação ao outro. Como vimos, Stuart Hall apresenta a ideia de que as identidades existem por meio da diferença, sendo constituídas “no interior do jogo do poder e da exclusão” (HALL, 2003, p. 110, 111). Nesse sentido, segundo o autor, as identidades só podem ser lidas a contrapelo – “não como aquilo que fixa o jogo da diferença em um ponto de origem e estabilidade, mas como aquilo que é construído na *différance* ou por meio dela”. (HALL, 2003, p. 111) A existência do outro é, portanto, de suma importância na própria construção das identidades. A identidade é, então, afetada por outrem, e conseqüentemente também o afeta. Sem este jogo de oposição, resulta impossível a configuração deste imaginário.

Não é por acaso que Rodrigues e Galeano constantemente se utilizam, como vimos, de um jogo de oposição, autoafirmando uma identidade em relação a outra. A partir do exemplo do futebol brasileiro – reflexo de uma identidade – outro estilo de futebol – reflexo de outra identidade – é abordado. Nesta estratégia, os autores necessitam de um exemplo oposto para defender seus argumentos. Para Homi Bhabha, no livro *O local da cultura*, a identificação nunca é previamente dada, não é autocumpridora, no sentido de que só existe através da diferença:

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação, como inferimos dos exemplos precedentes, é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2001, p. 76, 77)

Nesse sentido, quando Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano falam sobre o futebol brasileiro – reflexo de uma identidade nacional brasileira –, a identificação aparece sempre em relação ao outro. Para afirmar essa identidade, uma série de qualidades foi explorada, sempre em oposição a outras identidades, como estratégia para criar uma singularidade. Vimos, nas amostragens literárias aqui abordadas, que na visão dos autores o futebol brasileiro é reflexo de uma identidade nacional, e que se caracteriza por um estilo de jogo criativo, espontâneo, festivo, belo, destemido, delicado, suave, dotado de naturalidade, polido, educado, ágil. Para a composição deste imaginário, ocorre uma natural oposição em relação a outras seleções – de maneira geral, europeias –, definidas pela violência, pela tecnocracia, pela academia e excessiva defensibilidade, representadas como desprovidas de talento e naturalidade. Ademais, o elemento do homem negro é apresentado como essencial na constituição desse estilo de jogo e dessa identidade nacional, combatendo o pensamento eugênico

bastante presente no início do século XX na América Latina, que determinava uma filosofia de branqueamento da população e a “purificação das raças”. Rodrigues e Galeano não apenas combatem este pensamento, como também defendem a ideia de que é pontualmente a presença dos homens negros na América Latina que faz com que seu povo seja tão extraordinário e diferenciado – o que é plenamente visto na prática do futebol.

Para finalizar, cumpre mencionar que esta dicotomia entre a polidez e a educação do futebol ocorre não apenas em relação à seleção brasileira. Já demonstramos, ao longo desta pesquisa, que Galeano possui uma perspectiva latino-americanista e constantemente aborda o futebol de diversos países da região. Nelson Rodrigues, embora enfoque sua visão sobre o Brasil, também pensou a perspectiva de um futebol latino-americano, sobretudo no intuito de ratificar a contraposição em relação ao futebol europeu, que, como já vimos, afirma ser violento. Em crônica publicada em 1966, Rodrigues aborda a seleção uruguaia, argentina e brasileira, realizando a oposição entre um futebol pacífico e um futebol agressivo:

Então eu vi que a tragédia do subdesenvolvimento não é só a miséria ou a fome, ou as criancinhas apodrecendo. Não. Talvez seja um certo comportamento espiritual. O sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não se reconhece nem o direito de ser vítima. Mas, senhor! No jogo Inglaterra x Uruguai, presente a rainha, o facínora Stiles dá um tapa no uruguaio. Pois sabem quem é o criminoso? É o uruguaio! Vejam vocês, o uruguaio! O mesmo Stiles dá na cara de um francês e continua maravilhosamente impune. No dia seguinte, ainda Stiles (sempre este homem fatal!) agride outro adversário, e nada lhe acontece.

Pelé foi exterminado a coices por trás, e a tal mesa-redonda não estranha, não vê nada de inusitado? O time da Argentina, antes de jogar com a Inglaterra, foi advertido e ameaçado. E essa coação miserável, deslavada não impressiona o sr. [Alberto da Gama] Malcher? O sr. Rui Porto fala em “rispidez”. Foi, por acaso, rispido o assassinato de Pelé? E o pior vocês não sabem! No fim, levanta-se alguém, deplorando a histeria do brasileiro, que só sabe ganhar e não sabe perder.

Oh, meu Deus do céu! Virgem Santíssima! Nós já somos um povo que não faz outra coisa senão perder! Olhem a nossa cara. Reparem: — é a cara da

derrota. Afinal de contas, o que é o subdesenvolvimento se não a derrota cotidiana, a humilhação de cada dia e da cada hora? E é uma ignomínia que venha alguém dizer a esse povo desesperado: — “Vá perdendo! Continue perdendo! Aprenda a perder!” (RODRIGUES, 2013, p. 52, 53)

É evidente, aqui, a consideração do cronista em relação a um estilo de jogo sul-americano. Neste trecho, as seleções uruguaia, brasileira e argentina são vítimas de uma agressividade europeia – e, não bastando a violência dos adversários, as referidas seleções ainda são culpabilizadas. Então, Rodrigues conclui, a partir da referência futebolística, o que é o subdesenvolvimento: uma humilhação constante. Em outras passagens, o autor afirma a qualidade do futebol latino-americano, mencionando o quanto é difícil enfrentar seleções da região. Mas, mesmo com esta consideração, o futebol brasileiro segue sendo considerado o melhor do mundo em suas crônicas. A partir deste exemplo, é perceptível o jogo de oposições na construção de um imaginário latino-americano.

Galeano também cria um imaginário de um futebol reinventado por crioulos, ao abordar o surgimento de um estilo próprio, relacionado a uma dança específica presente no Uruguai e na Argentina. Rememorando a Copa de 1930, cujo primeiro e segundo lugar ficaram, respectivamente, com o Uruguai e a Argentina, o autor afirma: “Al fin y al cabo, se estaba repitiendo la historia de las Olimpiadas de Amsterdam, en 1928: los dos países del río de la Plata ofendían a Europa mostrando dónde estaba el mejor fútbol del mundo” (GALEANO, 2014, l. 728). No Brasil, o enriquecimento do esporte ocorre através da prática por homens pobres. O futebol originário da Europa aqui encontrava um local propício para se aperfeiçoar.

En las canchas de Buenos Aires y de Montevideo, nacía un estilo. Una manera propia de jugar al fútbol iba abriéndose paso, mientras una manera propia de bailar se afirmaba en los patios milongueros. Los bailarines dibujaban filigranas, floreándose en una sola baldosa, y los futbolistas inventaban su lenguaje en el minúsculo espacio donde la pelota no era pateada sino retenida y poseída, como si los pies fueran manos trenzando el

cuero. Y en los pies de los primeros virtuosos criollos, nació el toque, la pelota tocada como si fuera guitarra, fuente de música. Simultáneamente, el fútbol se tropicalizaba en Río de Janeiro y San Pablo. Eran los pobres quienes lo enriquecían, mientras lo expropiaban. Este deporte extranjero se hacía brasileño a medida que dejaba de ser el privilegio de unos pocos jóvenes acomodados, que lo jugaban copiando, y era fecundado por la energía creadora del pueblo que lo descubría. Y así nacía el fútbol más hermoso del mundo, hecho de quiebres de cintura, ondulaciones de cuerpo y vuelos de piernas que venían de la capoeira, danza guerrera de los esclavos negros, y de los bailongos alegres de los arrabales de las grandes ciudades. (GALEANO, 2014, l. 447)

A construção de um imaginário de identidade é, portanto, realizada a partir de outro referencial, como vimos em inúmeros exemplos nas produções esportivas dos autores. A identidade é nesse sentido, relacional: as identidades brasileira, uruguaia e argentina – e latino-americanas, de maneira geral – são constantemente abordadas como polidas, naturais, dotadas de talento e de imaginação; em oposição a características relacionadas à violência e à extrema objetividade europeia. A presença do homem pobre e negro marca um estilo diferenciado e aprimorado, e assim os autores procuram inverter uma lógica econômica, na qual a Europa encontra-se em vantagem em relação à América Latina.

4.3. IDENTIDADE EM QUESTÃO: DO FUTEBOL NACIONAL AO PÓS NACIONAL

Além de sustentar o discurso da identidade em contraposição em relação à alteridade, as produções esportivas dos autores aqui analisados partem do pressuposto de que o futebol é indiscutivelmente um elemento idolatrado pela totalidade da população, sem exceções. A partir deste discurso, a ideia de homogeneidade é construída e claramente ilustrada na ocasião das Copas Mundiais. Os autores constantemente mencionam a festividade presente na região na época dos campeonatos.

Rodrigues, em crônica escrita no dia anterior à partida final da Copa de 1962, na qual o Brasil consagrou-se campeão, escreveu:

Ao soar o apito final, cada brasileiro presente sentiu-se fisicamente implicado no triunfo. Aliás, o bi foi um êxito pessoal de 75 milhões de sujeitos. Todos nós “ganhamos”, todos nós “chutamos”. E, depois do match, cada um de nós tinha as canelas materialmente esfoladas. (RODRIGUES, 1993, p. 108)

Aqui, fica clara a imagem da totalidade da população brasileira envolvida na conquista, sendo a vitória representada como uma conquista pessoal de 75 milhões de pessoas – cujas canelas estavam, sem exceções, metaforicamente esfoladas. Anos depois, na estreia do Brasil na Copa do México de 1970, o autor descreve uma cidade enlouquecida por um sentimento coletivo de identidade e de fascínio unânime pelo futebol:

E, por isso, entendo que a cidade se levantasse em gigantesca apoteose. Aquele curso dos velhos carnavais voltou. As buzinas estavam de uma formidável histeria. Um turista que por aqui passasse e visse 5 milhões de sujeitos urrando havia de anotar no seu caderninho: — “Esta cidade enlouqueceu!”. E, realmente, ficamos loucos. As pessoas se olhavam na rua e diziam umas para as outras: — “Somos brasileiros!”. Ruiu, por terra, a sinistra impostura do futebol europeu. Sempre disse que seus jogadores têm uma saúde de vaca premiada. Já começo a achar que até nisso levamos vantagem; que a saúde de vaca premiada temos nós.

Choviam papel picado das sacadas, e listas telefônicas. Serpentinhas, confete, lança-perfume. Ou por outra: — lança-perfume, não. Mas confete e serpentina, sim. Todos os automóveis incendiados de bandeiras. Mas o que eu achei mais bonito vocês não sabem. Eis o que aconteceu: — já que não lhe faziam a justiça, o escrete fez justiça a si mesmo. (RODRIGUES, 1993, p. 192)

A festa da cidade na ocasião da primeira disputa brasileira naquela Copa é representada, pelo autor, como universal, histórica e apoteótica, de modo que apenas um turista seria capaz de diagnosticar a loucura dos milhões de sujeitos que torciam pela seleção.

Assim como Rodrigues, Galeano procurou enfatizar que toda a população uruguaia interessa-se por futebol e torce pela seleção.

O autor retrata a unanimidade em torno de uma partida uruguaia – diante desse evento, todos voltam suas atenções à disputa:

Sin embargo, no hay ningún uruguayo que no se considere doctor en tácticas y estrategias del fútbol y erudito en su historia. La pasión futbolera de los uruguayos viene de aquellas lejanías, y todavía sus hondas raíces están a la vista: cada vez que la selección nacional juega un partido, sea contra quien sea, se corta la respiración del país y se callan la boca los políticos, los cantores y los charlatanes de feria, los amantes detienen sus amores y las moscas paran el vuelo (GALEANO, 2014, l. 630)

Sendo um latino-americanista, Galeano também insere todo o continente na relação entre identidade e futebol, proclamando a importância deste esporte na realidade da região – para o autor, às vezes o futebol ocupa o mais importante dos lugares:

Pocas cosas ocurren, en América Latina, que no tengan alguna relación, directa o indirecta, con el fútbol. Fiesta compartida o compartido naufragio, el fútbol ocupa un lugar importante en la realidad latinoamericana, a veces el más importante de los lugares, aunque lo ignoren los ideólogos que aman a la humanidad pero desprecian a la gente. (GALEANO, 2014, l. 2512)

Deste modo, a imagem de uma cidade enlouquecida em decorrência de uma vitória no futebol – presente na crônica rodrigueana – e a ideia da totalidade da população uruguaia envolvida no esporte – explicitada no trecho que trouxemos de Galeano – fornecem uma ideia de homogeneidade em relação ao futebol, bem como de um sentimento de fraternidade coletiva. O futebol está, nessas produções literárias, associado diretamente à identidade e à nacionalidade.

Nesse sentido, é evidente que os autores defendem veementemente o caráter nacional do esporte, enfatizando a existência de um estilo de jogo próprio e de uma predisposição à sua prática em determinados lugares do mundo – a ideia de que o futebol latino-americano é diferenciado aparece, como vimos na sessão anterior, nas produções esportivas dos dois autores. Vivenciando uma conjuntura em que se intensificam movimentos migratórios de jogadores de futebol em decorrência de um

processo de mercantilização do esporte e profissionalização dos atletas, entretanto, os autores sentem os efeitos de um fenômeno que descentra o futebol em relação às identidades nacionais. Em crônica intitulada *O escrete é nosso!*, publicada no ano de 1958, Rodrigues aborda a questão da venda de jogadores, defendendo a ideia de que esses esportistas deveriam ser incompráveis:

Ninguém se lembra de uma verdade tão transparente e tão óbvia: — os campeões do mundo deviam ser incompráveis.

O jornalista Mário Filho, com sua implacável lucidez, viu, melhor e antes do que ninguém, o grande problema do momento. Em suma: — ele faz um apelo no sentido de que se defenda, aqui, com unhas e dentes, a integridade do maior escrete que olhos mortais já contemplaram. E, de fato, amigos. O futebol brasileiro praticará um suicídio se permitir, por uma questão de cifras, que se desintegre a equipe que deslumbrou o mundo. Objeterá alguém que é um negócio para qualquer clube vender um Vavá, ou um Garrincha, ou um Didi por uma quantia tremenda.

Ilusão! Um Garrincha, um Didi ou Vavá não tem preço. E se assim acontece com os craques individualmente, que dizer do escrete? Ora, a equipe que levantou a Taça Jules Rimet em 58 não é um conjunto qualquer. É um quadro que, segundo o testemunho dos críticos europeus, alcançou o nível mais alto do futebol, em qualquer tempo. (RODRIGUES, 2013, p. 18, 19)

Notamos, aqui, com clareza, que Rodrigues se sente incomodado com o fenômeno de compra e venda de jogadores, que já estava ocorrendo na época. Esta mercantilização é colocada pelo autor como “o grande problema do momento”, e acaba afetando o maior escrete do mundo: no drama rodrigueano, este processo é um suicídio nacional. Consciente das consequências que a exportação de jogadores acarreta, o autor demonstra sua angústia ao escrever sobre o fenômeno, e conclui:

Os clubes poderão usar o argumento de um lucro certo e imenso. Ao que eu respondi: — lucro apenas aparentemente, falso lucro.

A venda de um campeão do mundo, qualquer que seja o seu preço, implica num prejuízo real e irrecuperável. E se os nossos clubes fossem menos obtusos, já teriam percebido que deviam chutar os milhões que o mundo oferecer pelos nossos supercraques. Mário Filho tem uma razão total: — cumpre ao futebol brasileiro não desistir do seu escrete.

Permitir a dissolução da equipe não será um crime, porque é, antes de tudo, um suicídio.

Um Garrincha, ou Didi, ou Vavá ou qualquer campeão do mundo devia ser amarrado, solidamente, num pé de mesa, para que ninguém o arrancasse daqui. (RODRIGUES, 2013, p. 19)

O protecionismo de Rodrigues em relação à permanência dos jogadores brasileiros é, fundamentalmente, um protesto contra a desintegração da seleção e de seu caráter nacional. Vendê-los representa a desistência da seleção; isto seria, para o autor, um crime e um suicídio. Já foi dito o quanto a seleção importa para Rodrigues, que frequentemente a coloca no mesmo patamar dos problemas relativos à miséria e à baixa taxa de alfabetização brasileiros. Então, nessa fala desesperada, o autor finaliza com a proposta de “amarrar” os esportistas em um pé de mesa, impedindo o processo de evasão.

Galeano, assim como Rodrigues, posiciona-se contra o fenômeno de comercialização do futebol. Esta posição fica evidente quando o autor memoriza a Copa do Mundo de 1994, na qual o Brasil conquista o tetracampeonato:

Cuando Brasil conquistó su cuarto trofeo mundial, los periodistas lo celebraron por unanimidad, aunque algunos no ocultaron su nostalgia por las maravillas de otros tiempos. El equipo de Romario y Bebeto había hecho un fútbol eficaz, pero había sido bastante avaro en poesía: un fútbol mucho menos brasileño que aquel fútbol espléndido de 1958, 1962 y 1970, cuando las selecciones de Garrincha, Didi y Pelé se habían coronado jugando en trance. Más de uno habló de crisis de talento, y varios comentaristas acusaron al estilo de juego, exitoso pero sin magia, impuesto por el director técnico: Brasil había vendido el alma al fútbol moderno. Pero hay un hecho también revelador, que casi no fue mencionado: aquellas selecciones del pasado estaban formadas por once brasileños que jugaban en Brasil. En el equipo del 94, ocho de los once jugaban en Europa. Romario, el jugador latinoamericano más cotizado, estaba recibiendo en España un sueldo mayor que la suma de los once salarios, relativamente modestos, que recibían en Brasil los jugadores de 1958, entre los cuales estaban algunos de los mejores artistas de la historia del fútbol. (GALEANO, 2014, l. 2391 - 2410)

Nota-se, a partir dos escritos dos autores, que o processo de comercialização do futebol, que começa a se estabelecer quando Rodrigues publica suas crônicas, já está consolidado no contexto em que Galeano escreve: o uruguaio afirma que a equipe de 94 é bem diferente das equipes que venceram as 3 copas anteriores, em consequência de um processo de entrega à lógica do futebol moderno. O fato da maioria dos jogadores – 8, dos 11 titulares – atuarem na Europa é decisivo para o diagnóstico: o Brasil vence a competição, mas com um futebol técnico, desprovido da magia que tanto caracterizava o estilo brasileiro na visão dos autores.

A partir da abordagem da profissionalização do futebol, os autores sentem os efeitos da exportação de jogadores e da globalização. Temendo a desintegração de seleções nacionais, combatem veementemente a profissionalização do esporte:

Objetará alguém que eu estou misturando alhos com bugalhos. Nem tanto, amigos, nem tanto. Qualquer profissão há de ter um sentido ético que a justifique e valorize. O futebol profissional exige dinheiro, mas não só dinheiro. Ele implica algo mais, ou seja: implica os tais valores gratuitos que conferem a um jogo, a uma pelada uma dimensão especialíssima.

Um *match* representa algo mais que pontapés. Participam da luta dois clubes e todos os seus bens morais, afetivos, líricos, históricos. (RODRIGUES, 2013, p. 20, 21)

A profissionalização, no pensamento rodrigueano, surge como um processo que desintegra valores éticos que tornam as partidas especiais e valorosas: para o autor, o futebol vai muito além de questões financeiras; os princípios que tornam o futebol um esporte tão extraordinário são, em verdade, gratuitos e dotados de uma simbologia afetiva que envolve um sentimento de fidelidade.

Galeano, da mesma forma, acredita que a moral do mercado domina todos os setores da sociedade, e que o futebol profissional é inescrupuloso, já que considera apenas princípios relacionados à eficácia – ignorando, assim, os valores morais do esporte.

La moral del mercado, que en nuestro tiempo es la moral del mundo, autoriza todas las llaves del éxito, aunque sean ganzúas. El fútbol

profesional no tiene escrúpulos, porque integra un inescrupuloso sistema de poder que compra eficacia a cualquier precio. (GALEANO, 2014, l. 2038)

Este fenômeno apontado por Rodrigues e Galeano em relação à profissionalização dos esportes relaciona-se com a hipótese de que ocorre, no final do século XX, um fenômeno que altera drasticamente as estruturas do futebol. Fernanda Ribeiro Haag, no artigo *Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro*, afirma que o vínculo entre o capitalismo e o futebol remonta desde o surgimento da prática esportiva, mas que a partir da década de 70 o futebol passa por aquilo que chama de “giro neoliberal”: neste contexto, ocorre a dilatação da esfera da mercadoria, verificando-se “a penetração da lógica do capitalismo na esfera da cultura” (HAAG, 2013, p. 62). Nesse sentido, as artes e a cultura passam a ser potenciais mercadorias, e o futebol aparece, nessa conjuntura, como um lucrativo produto:

Como a lógica do capitalismo tardio é cultural e com a cultura imiscuída ao econômico e se tornando produto, apreende-se que isso se passa com o futebol. Ou seja, o futebol se torna uma mercadoria em si e passa a ser essencial para economia do capitalismo, pois ajuda a sustentar a necessidade de consumo, gerando lucros e alimentando o sistema. Ademais, o esporte em geral vende muito bem os produtos e valores dominantes do capitalismo tardio. E o futebol é fundamental para a indústria do entretenimento, pois é uma mercadoria extremamente fácil de ser vendida das mais diferentes formas e através dos mais distintos produtos. (HAAG, 2013, p. 63)

Este processo relaciona-se, portanto, ao desenvolvimento do fenômeno da globalização – em curso no contexto em que escrevem os autores – e marca uma ruptura no futebol. Como vimos, os autores vivenciam e se preocupam com a exportação dos jogadores – fenômeno que decorre da comercialização da cultura –, tendo em vista o fato de que as seleções passam a ser compostas cada vez mais por atletas que atuam em diversas localidades do mundo, e que este processo faz com que o estilos de jogo se fragmentem.

Há uma relação direta deste debate com a questão das identidades. O fenômeno da globalização traz consigo um

desligamento dos vínculos imaginados que relacionam os sujeitos a uma determinada nação. O debate teórico acerca das identidades é, à luz de um novo contexto, atualizado e ressignificado. Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural da pós-modernidade*, publicado pela primeira vez em 1992, é um dos autores que renovam esta discussão. Segundo o autor, as culturas nacionais são um discurso que, ao produzir sentidos sobre “a nação” - sentidos com os quais podemos nos identificar – constroem identidades:

(...) não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional, Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (HALL, 2005, p. 59)

A ênfase no futebol como importante elemento na cultura brasileira e uruguaia por parte dos autores que estamos aqui analisando constitui, como vimos, uma tentativa de elaborar um discurso identificável por todos os membros da nação, indistintamente. Na contramão deste discurso, a chave da teoria de Hall, de modo geral, fundamenta-se no argumento de que não há uma identidade – seja pessoal, seja nacional – unificada e estável. Ele procura, nesse sentido, desconstruir a ideia de que a cultura nacional é simplesmente um ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é, para o autor, uma estrutura de poder cultural, na medida em que a maioria da construção das nações consiste em culturas separadas que só foram unificadas a partir de um longo processo de conquista violenta e pela supressão forçada da diferença cultural. Nesse sentido, os “começos violentos que se colocam nas origens das nações modernas têm, primeiro, que ser ‘esquecidos’, antes que se comece a forjar a lealdade com uma identidade nacional mais unificada, mais homogênea” (HALL, 2005, p. 60). Hall argumenta que as velhas identidades estabilizadoras estão em declínio, e que no lugar delas surgem novas identidades, a partir do processo de fragmentação do sujeito

moderno. Para o autor, as identidades são, atualmente, descentradas, deslocadas e fragmentadas – essa mudança estrutural está transformando as sociedades modernas desde o final do século XX, na medida em que passou a fragmentar as ideias culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, forneceram aos homens sólidas localizações como indivíduos sociais. Tais transformações afetam, também, as identidades pessoais, abalando a ideia construída em torno da existência de sujeitos integrados (HALL, 2005, p. 9). As identificações são, assim, provisórias e variáveis, e o resultado deste processo é o sujeito pós-moderno, destituído de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Nas palavras de Hall,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

O sociólogo Zygmunt Bauman, impulsionado pelo interesse acerca da identidade, também dá a sua contribuição teórica em relação ao tema. O autor responde, em entrevista ao jornalista Benedetto Vecchi, a várias indagações sobre questões relacionadas a terminologias como comunidade, pertencimento e identidade. O diálogo é publicado em um livro intitulado *Identidade*, em 2004. Bauman defende, de maneira análoga ao pensamento de Hall, que a identidade nasceu como ficção e que, nesse sentido, precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e concretizar numa realidade. A história do nascimento e da maturação do Estado moderno foi permeada, segundo o autor, por essa coercitividade (BAUMAN, 2005). Para ele,

A “identidade nacional” foi desde o início, e continuou sendo por muito tempo, uma noção agonística e um grito de guerra. Uma comunidade nacional coesa sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do Estado estava destinada a permanecer não só perpetuamente incompleta, mas

eternamente precária - um projeto a exigir uma vigilância contínua, um esforço gigantesco e o emprego de uma boa dose de força a fim de assegurar que a exigência fosse ouvida e obedecida (...). (BAUMAN, 2005, l. 324)

Importa destacar, diante desses apontamentos teóricos que indicam a insuficiência da afirmação da estabilidade das identidades nacionais, que, a despeito de Rodrigues e Galeano terem se esforçado em afirmar a homogeneidade de suas nações em torno do futebol, os sinais da fragmentação desses discursos aparecem e relacionam-se ao processo de globalização. Vimos, ao longo deste trabalho, o quanto os autores possuem apreço a estilos de jogo que caracterizam as seleções nacionais. Este imaginário das identidades, entretanto, está ameaçado pelo processo de mercantilização do esporte, como bem percebem os autores. Rodrigues evidencia a especulação em torno do futebol brasileiro, prenunciando a ameaça de um processo que, em seu tempo, se iniciava:

Neste momento, o mundo todo está de olho no fabuloso escrete brasileiro. A toda hora e em toda a parte, há quem chegue e rosne ao nosso ouvido: — “Ofereceram tanto por fulano, tanto por cicrano, tanto por beltrano!” São os grandes clubes de fora, da Espanha, da Itália, da França, de não sei onde que acenam os seus milhões para os campeões do mundo. Mazzola já foi pescado. E há ofertas nababescas para Pelé, Vavá, Didi, Garrincha, etc. etc. (RODRIGUES, 2013, p. 18)

É possível notar, de maneira ainda mais enfática, os sinais dessa fragmentação das seleções nacionais nos escritos de Galeano, considerando que o autor produz até 2014. Ao narrar a Copa do Mundo de 1998, sediada na França – que na ocasião se consagrou campeã –, o autor apresenta a questão da seleção francesa ser composta majoritariamente por imigrantes:

Fueron inmigrantes, o hijos de inmigrantes, casi todos los jugadores que vistieron la camiseta azul y cantaron *La Marsellesa* antes de cada partido. Thuram, elevado a la categoría de héroe nacional por dos golazos, Henry, Desailly, Viera y Karembeu venían del África, de las islas del mar Caribe o de Nueva Caledonia. Los demás provenían, en su mayoría, de familias vascas, armenias o argentinas. Zidane, el más aclamado, es hijo de argelinos.

Zidane presidente, escribieron manos anónimas, el día de la celebración, en el frontón del Arco del Triunfo.

¿Presidente? Hay muchos árabes, o hijos de árabes, en Francia, pero ni uno solo es diputado. Y ministro, ni hablar.

Una encuesta, publicada durante el Mundial, confirmó que cuatro de cada diez franceses tienen prejuicios racistas. El doble discurso del racismo permite ovacionar a los héroes y maldecir a los demás. El trofeo mundial fue festejado por una multitud solo comparable a la que desbordó las calles, hace más de medio siglo, cuando llegó a su fin la ocupación alemana. (GALEANO, 2014, l. 2532)

Referindo-se à Copa de 2010, Galeano traz como exemplo o caso de dois irmãos ganeses – um deles jogava pela seleção alemã; o outro, representava Gana – que não atuavam em seus países. Como conclusão, o uruguaio conclui que a África exporta à Europa tanto mão quanto “pé” de obra:

Muchos de los jugadores africanos dignos de su herencia de buen fútbol, viven y juegan en el continente que había esclavizado a sus abuelos. En uno de los partidos del Mundial, se enfrentaron los hermanos Boateng, hijos de padre ghanés: uno llevaba la camiseta de Ghana, y el otro la camiseta de Alemania. De los jugadores de la selección de Ghana, ninguno jugaba en el campeonato local de Ghana. De los jugadores de la selección de Alemania, todos jugaban en el campeonato local de Alemania. Como América Latina, África exporta mano de obra y pie de obra. (GALEANO, 2014, l. 2688)

É nítido, nesta passagem de Galeano, que a tendência da formação das seleções nacionais não necessariamente respeita a nacionalidade dos atletas. No intuito de vencer a Copa, a composição da seleção francesa de 1998 é caracterizada por jogadores de diversas nacionalidades – imigrantes ou filhos de imigrantes. Esta composição é, no fundo, reflexo de um processo intenso de migrações que caracteriza o final do séc. XX. Este fenômeno migratório também é abordado por Stuart Hall no debate sobre o descentramento das identidades na pós-modernidade:

Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade britânica têm sido postas em

questão. Num país que é agora repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, num continente colorido não apenas pelas suas antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas? A categoria da identidade não é, ela própria, problemática? É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? (HALL, 2005, p. 84)

O fenômeno da migração claramente aparece como um importante processo no descentramento de identidades: Galeano, ao abordar a seleção francesa de 1998, essencialmente está se referindo à influência das migrações humanas sobre o futebol. Essas mesmas migrações são apontadas por Hall ao problematizar o significado do que é ser europeu, considerando um contexto em que o continente está imiscuído de uma diversidade cada vez maior de culturas, e conseqüentemente de uma sociedade extremamente heterogênea. Para Hall, são justamente os processos de migração e da compressão do espaço e do tempo – característicos da globalização – que oferecem um impacto sobre as identidades nacionais:

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2005, p. 87)

Chegamos, então, à hipótese central deste trabalho: o fenômeno narrado e temido por Rodrigues e Galeano de mercantilização do futebol e exportação de jogadores nos leva a refletir, essencialmente, acerca de um processo de desassociação entre o futebol e o sentimento de nacionalidade. Os autores vivenciam um processo de enfraquecimento do futebol como provedor de sentimentos de identidade nacional, e a angústia é sentida em suas produções. Como vimos, ambos são defensores ferrenhos de seleções genuinamente nacionais, e elaboram um discurso protecionista em relação aos jogadores.

Trouxemos, no início desta sessão, trechos que ilustram o quanto os autores pensam na concordância unânime e fraternal de um povo em relação à nação, e o futebol funciona como um impulsionador deste sentimento. Se a globalização é, como apontam Hall e Bauman, um significativo fator no processo de descentramento e fragmentação de identidades; este mesmo fenômeno, aliado à mercantilização cada vez mais desenfreada do lucrativo mercado futebolístico, desloca o esporte para o campo econômico: o futebol passa a ser menos um elemento de rito identitário para se firmar como um produto de entretenimento.

Em crônica publicada em 1964, fora do contexto de Copa do Mundo, Rodrigues apresenta essa preocupação com a excessiva internacionalização da equipe de Pelé – o Santos. Para o autor, o fato da equipe viajar constantemente e enfrentar clubes com diferenciados sotaques reflete diretamente na qualidade de seu futebol:

Um quadro que tem Pelé está na obrigação de ganhar de todo mundo. E por que perde? Porque deixou de ser um time brasileiro. Sim, transformou-se numa equipe internacional. Reparem: — o Santos faz turismo no Brasil. Um dia está na Argentina; em seguida, no Chile; e, depois, na Bolívia, no Peru. Seus jogadores são aplaudidos, vaiados e xingados em todos os idiomas. A meu ver, baixou no Santos o tédio desesperador de tantas viagens. Que espécie de estímulo pode ter um time cujos adversários mudam de sotaque três vezes por semana? A equipe voltaria à sua melhor forma, ao seu grande ímpeto, se parasse. Ponham o Santos para jogar no Maracanã, só no Maracanã. Eu não diria no Pacaembu. Em São Paulo há um ressentimento contra o quadro de Vila Belmiro. Mas aqui, no maior estádio do mundo, o Santos tornaria a encontrar o seu clima. (RODRIGUES, 1993, 127)

Nesta crônica, Rodrigues afirma que o jogador Didi – que atuou pela seleção brasileira – ao jogar fora do país, fracassa, vítima da nostalgia: “contam que, nas tardes frias, ele só faltava uivar de saudade”. (RODRIGUES, 1993, p. 126).

Galeano, atento aos fenômenos da sociedade que acabam refletindo no futebol, menciona, no texto intitulado *Una industria de exportación*, o itinerário do jogador talentoso da região que denomina “sul do mundo” - esta terminologia é frequentemente utilizada para

contrapor países dominantes e países dominados. O autor lamenta a indústria de exportação presente no Uruguai, afirmando que os jogadores da seleção uruguaia, disseminados pelo mundo, não se convertem mais em uma verdadeira equipe – como acontecia antes da comercialização futebolística. Este processo faz com que o público seja cada vez menos numeroso e fervoroso:

Una industria de exportación

Al sur del mundo, éste es el itinerario del jugador con buenas piernas y buena suerte: de su pueblo pasa a una ciudad del interior; de la ciudad del interior pasa a un club chico de la capital del país; en la capital, el club chico no tiene más remedio que venderlo a un club grande; el club grande, asfixiado por las deudas, lo vende a otro club más grande de un país más grande; y finalmente el jugador corona su carrera en Europa.

En esta cadena, los clubes, los contratistas y los intermediarios se quedan con la parte del león. Y cada eslabón confirma y perpetúa la desigualdad entre las partes, desde el desamparo de los clubes de barrio en los países pobres hasta la omnipotencia de las sociedades anónimas que en Europa manejan el negocio del fútbol al más alto nivel.

En Uruguay, por ejemplo, el fútbol es una industria de exportación, que desprecia al mercado interno. El continuo drenaje de jugadores mediatiza al deporte profesional y desalienta al público, cada vez menos numeroso y menos fervoroso. La gente deserta de las canchas uruguayas y prefiere ver partidos internacionales por televisión. Cuando llegan los campeonatos mundiales, nuestros jugadores, diseminados a los cuatro vientos, se conocen en el avión, juegan juntos por un rato y se dicen adiós sin tiempo para que el equipo se convierta en un verdadero equipo, o sea: un solo bicho de once cabezas y veintidós piernas. (GALEANO, 2014, l. 2391, 2394)

Rodrigues e Galeano estão, portanto, essencialmente preocupados em criticar e conter o fenômeno que fragmenta e decompõe suas seleções. Neste novo modelo de funcionamento do esporte, as equipes possuem jogadores que não mais atuam em seus países. Os autores, devotos do nacionalismo e entusiastas de suas seleções, almejam a permanência de um imaginário homogêneo, íntegro e estável das equipes nacionais – que são, fundamentalmente, a manifestação da nação.

O afrouxamento da relação entre o futebol e o sentimento de nacionalidade, processo cujo início Rodrigues e Galeano sentem em

suas produções, é detectado, também, por autores que pensam o elemento do futebol na sociedade. Sergio Villena Fiengo, sociólogo costa-riquenho que se dedica ao tema, em artigo publicado no livro *Futbologias: fútbol, identidad y violència en América Latina*, diagnóstica, em 2003, que a política está perdendo sua capacidade para “colonizar o futebol”:

De esta forma, la política está perdiendo su capacidad para colonizar al fútbol y, como todo en la era neoliberal, cede su lugar al mercado globalizado. Como consecuencia, y pese a que pasará mucho tiempo antes de que los periodistas deportivos, jugadores, entrenadores, dirigentes, hinchas y detractores se liberen de una lógica clasificatoria concebida para tipificar a los seres humanos enfatizando su nacionalidad, parece ser que poco a poco ésta resultará irrelevante en el mundo del fútbol. Leído en esta clave, el mundial de clubes reciente parece ser una tímida bienvenida al tercer milenio como la “era del fútbol postnacional”. Sin embargo, el escaso interés que ha despertado ese evento parece indicar que aún es prematuro cantar el réquiem a las selecciones nacionales. En uno u otro caso, las interferencias de la política y/o del mercado parecen dejar poco espacio para los amantes del fútbol como arte y como juego. (FIENGO, 2003, p. 268, 269)

Apontando para o advento do futebol “pós-nacional”, Fiengo destaca que as interferências mercadológicas são fundamentais para a composição deste novo cenário. Esta interferência é veementemente sentida por Galeano, que, ao escrever sobre a Copa de 1998, afirma que a empresa Adidas consagrou-se campeã do mundo. A empresa Nike, por sua vez, obteve o segundo e o quarto lugar:

Pero hay que reconocer que también las empresas multinacionales transpiran la camisa como si fuera camiseta. Brasil no pudo ser pentacampeón. Adidas, sí. Desde la Copa del 54, que Adidas ganó cuando ganó Alemania, ésta fue la quinta consagración de los seleccionados que representan la marca de las tres barras. Adidas levantó, con Francia, el trofeo mundial de oro macizo; y conquistó, con Zinedine Zidane, el premio al mejor jugador. La empresa rival, Nike, tuvo que conformarse con el segundo y el cuarto lugar, que obtuvieron sus selecciones de Brasil y Holanda; y Ronaldo, la estrella de Nike, llegó enfermo al partido final. (GALEANO, 2014, l. 2462)

Vivenciando o contexto em que essa desvinculação entre o futebol e o nacionalismo está acirrada, Galeano está indicando o novo paradigma de um futebol que se desloca para uma lógica empresarial e mercadológica – aqui, a disputa comercial entre grandes marcas esportivas substitui a ideia dos nacionalismos, que já não caracterizam mais tanto os campeonatos mundiais. Esta questão está constantemente presente em seu livro, e a intensa midiatização dos esportes é também responsável pelo fenômeno:

Desde que la televisión empezó a mostrar de cerca a los jugadores, su indumentaria completa fue invadida, de la cabeza a los pies, por la publicidad comercial. Cuando una estrella se demora atándose los zapatos, no es por torpeza de los dedos sino por astucia del bolsillo: está exhibiendo la marca Adidas, Nike o Reebok en sus pies. Ya en la Olimpiada de 1936, que Hitler organizó en Alemania, los atletas vencedores lucían las tres barras de Adidas en sus zapatos. En el campeonato mundial de fútbol de 1990, las barras de Adidas estaban en los zapatos y en todo lo demás. Dos periodistas ingleses, Simson y Jennings, han hecho notar que en el partido final, disputado por Alemania y Argentina, solamente el pito del árbitro no pertenecía a la empresa. De Adidas eran la pelota y cuanta cosa cubría los cuerpos de los jugadores, del árbitro y de los jueces de línea. (GALEANO, 2014, l. 1163)

A propósito deste debate, e para finalizar o trabalho, consideramos pertinente trazer alguns apontamentos lançados por estudos contemporâneos que analisam a questão das identidades no campo da sociologia: muitos autores são concordantes em afirmar o caráter espetacular que envolve o esporte, bem como sua globalização e transnacionalização – fenômenos que apagaram “as proteções das fronteiras naturais e as políticas” (LOVISOLO, 2003, p. 242). Para citar alguns estudos, ressaltamos o livro organizado pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces, *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Neste livro, o artigo de Cruz (2003) salienta a transformação dos clubes futebolísticos em sociedades anônimas, evidenciando o surgimento daquilo que chama de “torcedores nômades”. Essa nova modalidade de torcedores segue clubes de diversos países do mundo (CRUZ,

2003), desfocando a atenção em relação às seleções e aos clubes nacionais. Koch (2012), por sua vez, traz a ideia do “torcedor de celebridade” – segundo o autor, com a comercialização, os torcedores de futebol passam a seguir determinados atletas, independentemente dos países ou clubes onde atuam. Por fim, outro fenômeno apontado como dissociativo entre futebol e identidades relaciona-se à eliminação de fatores ambientais dos estádios: Fiengo (2003) afirma que os estádios têm se tornado “não lugares” - segundo a teoria de Marc Augé, esses espaços são caracterizados por uma homogeneização e purificação de qualquer interferência ambiental, seja natural ou cultural. Este fenômeno descaracteriza os aspectos culturais do futebol, uniformizando inclusive seus espaços.

Embora não seja o enfoque deste trabalho, todos esses estudos corroboram com a hipótese relacionada a um movimento desnacionalizador do futebol, e são interessantes para a compreensão do debate aqui iniciado. As reflexões sobre o futebol no campo da sociologia são diversas e dialogam com fenômenos da sociedade – como a contemporânea crise das identidades nacionais que Rodrigues e Galeano nos levam a refletir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo esta pesquisa destacando a diversidade e riqueza de debates que as produções literárias futebolísticas de Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano me proporcionaram em relação à sociedade latino-americana contemporânea. As possibilidades de discussões, a partir da leitura dos autores e da reflexão sobre o papel que o futebol desempenhou na região, me surpreenderam ao longo destes 2 anos.

As leituras de produções que se basearam em fatos reais esportivos foram – mais que prazerosas e divertidas – instigantes, fomentando debates que nos fizeram transitar entre campos do saber. A metodologia da Literatura Comparada, mais que colocar dois autores em confronto e comparação, foi essencial sobretudo no sentido de oportunizar o trânsito entre a letras, a sociologia, a história e a antropologia.

Enquanto as produções de Rodrigues enfocam, de maneira geral, a autoafirmação da seleção brasileira – e, conseqüentemente, de seu povo –, superando o que o autor chamou de “complexo de vira-latas”; Galeano, ao falar sobre o futebol, realiza suas críticas em relação ao sistema capitalista vigente e às desigualdades sociais. Esta é, como vimos, uma constante característica de suas obras. Ambos, cumpre relembrar, utilizam-se dos satisfatórios resultados de suas seleções para subverter a lógica econômica segundo a qual os países latino-americanos estão em uma posição de inferioridade e subdesenvolvimento.

A partir de produções esportivas dos autores, refletimos, ao longo do trabalho, sobre questões relacionadas a gêneros literários, ao papel do futebol como elemento cultural na América Latina e, por fim, à relação entre identidade e futebol. A discussão em torno dos gêneros literários foi suscitada não tanto no intuito de categorizar as produções esportivas dos autores, mas sim conhecê-

los, contrapô-los, debatê-los. Enquanto Rodrigues escreve crônicas publicadas em jornal na própria conjuntura dos acontecimentos; Galeano escreve a partir de suas memórias e leituras, obtendo um texto essencialmente híbrido, com contornos difusos. Cumpre salientar, ademais, que uma diferença essencial entre as produções dos autores relaciona-se ao contexto em que escrevem: enquanto as crônicas de Rodrigues aqui analisadas foram escritas e publicadas fundamentalmente entre as décadas de 50 e 70; Galeano publicou seu livro pontualmente em 1995. Esta constatação é fundamental para compreender o debate em torno das identidades, já que Rodrigues diagnostica o início de um processo de profissionalização do esporte – fenômeno que, nas produções de Galeano, é concreto e tangível, e que terminantemente se relaciona com o escopo desta pesquisa. Acrescentamos também que, apesar das considerações escritas por Galeano em relação ao futebol contemporâneo, seu discurso também se relaciona ao apreço pelo conceito de identidade nacional homogênea – discurso que o remete às décadas anos 60 e 70, conjuntura em que Rodrigues escreve. Este foi um fator que tornou o estudo comparado dos autores ainda mais instigante.

Importa ressaltar, na finalização deste trabalho, alguns apontamentos acerca do campo de estudo estruturado em torno do futebol: através da pesquisa sobre o fenômeno da popularização deste esporte, é possível compreender muito sobre o contexto social e histórico da América Latina. Vimos que os estudiosos destacam que a popularidade do futebol na região relaciona-se com a experiência democrática e igualitária que o esporte pode ocasionar – fenômeno denominado de “horizontalização do poder”, no pensamento de DaMatta –, sobretudo se considerarmos a acentuada desigualdade presente na região. Nessa conjuntura, o futebol apresenta uma oportunidade de ascensão social incomum e altamente verticalizada. É o futebol, também, um elemento que possibilita a inversão de estruturas previamente definidas, na medida em que nele há a possibilidade de estabelecer uma ordem hierárquica diferente das classificações econômicas dos países do mundo.

Ainda sobre o futebol, importa substancialmente à pesquisa sua relação sintonizada com a ascensão do século XX e com o acirramento do capitalismo. Os fenômenos relacionados à urbanização, à industrialização e à eletrificação do território são importantes para entendermos por que o futebol se tornou tão apreciado – não apenas na América Latina, como também no mundo. O esporte acaba apresentando um elemento de harmonização social, contrabalanceando as pressões eminentemente urbanas – como o medo, a ansiedade e o stress. O campo aberto do futebol caracteriza-se como uma oportunidade de contato com a natureza e de sensações primitivas, sobretudo nas grandes cidades. Ademais, salientamos também nossa defesa de que o futebol não é tão somente um esporte alienante, que desviaria as atenções dos problemas “reais” da sociedade. Vimos alguns exemplos em que houve contestações da ordem social justamente em contextos futebolísticos. O futebol, portanto, vai muito além de uma festividade popular. Configura-se, também, como um palco de resistência social e política, não se isentando, absolutamente, dos conflitos presentes na sociedade.

Todos esses tópicos são pertinentes para a análise sobre a identidade. No capítulo destinado ao debate sobre o futebol e a identidade nacional, chegamos ao cerne principal desta pesquisa. Destacamos, aqui, a importância da literatura na constituição do que Benedict Anderson chama de “comunidades imaginadas”. A literatura e o futebol funcionam como dispositivos – conforme teoria de Giorgio Agamben – que subvertem uma lógica de dominação capitalista e culminam em uma tentativa de criar o sentimento de uma sociedade unânime em relação ao futebol e à nação. Vimos, também, que a afirmação da identidade ocorre constantemente em relação a um oposto, a uma alteridade. Enquanto o futebol brasileiro e uruguaio são, de maneira geral, representados como alegres, belos, talentosos, dotados de uma naturalidade própria; o futebol adversário, ilustrado sobretudo por seleções europeias, é representado como artificial, tecnocrático, violento, acadêmico. Destacamos, nesta conclusão, as contribuições

teóricas de Stuart Hall e Hommi Bhabha, que pontuam a importância do outro na constituição de um ideal de identidade. Esta característica é evidente nos escritos dos autores, e não poderíamos deixar de discutir a questão.

Por fim, identificamos que, a despeito dos autores terem se esforçado em criar uma homogeneidade embasada no futebol em torno da nação, é perceptível a preocupação com um fenômeno que desloca o esporte – que passa a ser menos um elemento de identidade nacional, para se firmar fundamentalmente como um produto mercadológico. Os autores, sendo entusiastas dos selecionados nacionais, sentem os efeitos da globalização, da exportação dos jogadores e da profissionalização do futebol, criticando, em suma, este fenômeno que ameaça a integridade das equipes. Destacamos, aqui, o fenômeno de penetração do capitalismo no campo cultural, que fez com que a cultura e os esportes fossem comercializados: nesta conjuntura, o futebol demonstrou-se um produto extremamente lucrativo.

O desenvolvimento da globalização, nesse sentido, relaciona-se diretamente com o fenômeno de comercialização dos jogadores e de mercantilização do futebol. Relacionamos esta questão ao processo de declínio das velhas identidades estabilizadoras discutido por Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Para esses autores, as identidades experimentaram um movimento de descentramento e fragmentação, passando, então, a ser caracterizadas como deslocadas e fluidas. As identidades nacionais também são discutidas pelos autores e colocadas como ficcionais e fantasiosas. Todas essas questões podem ser pensadas na literatura de Rodrigues e Galeano, que apontam para a tendência da migração de atletas e conseqüentemente para a desconfiguração das seleções nacionais. Em nossa análise, portanto, as preocupações dos escritores latino-americanos aqui analisados estão inseridos em um contexto de fragmentação das identidades, dignosticada por Hall e Bauman, e do advento de um futebol “pós-nacional”, conforme indicou o sociólogo Sérgio Villena Fiengo. Se o futebol, como afirma Galeano (2014), é um “espelho de tudo”, que reflete a

realidade; acrescentamos, para finalizar este estudo, que, sendo importantes componentes culturais, tanto a literatura quanto o futebol apresentam-se como elementos nos quais é possível compreender uma diversidade de questões – econômicas, políticas e sociais – de um determinado contexto. Concluimos, nesse sentido, que, propondo um determinado ponto de vista da realidade, a literatura esportiva de Rodrigues e Galeano muito nos dizem sobre a relação entre o futebol e a identidade nacional – e a partir dessas perspectivas foi possível pensar diversas contradições e transformações da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, Florianópolis, n. 5, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/viewFile/12576/11743> Acesso em: 17 out. 2019

ALABARCES, Pablo. **Futbologías: fútbol, identidad y violencia** en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ANTUNES, Fátima. **Com brasileiro, não há quem possa: futebol e identidade nacional** em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARAUJO, André Francisco Berenger de. **Eduardo Galeano: devolver à história o alento, a liberdade e a palavra**. (Dissertação Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/ANDR%C3%89_FRANCISCO_BERENGER_DE_ARAUJO.pdf. Acesso em: 04 out. 2018

ARAÚJO, C. M.; BARBOSA, S. R. S. Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. **Interdisciplinar**. Edição Especial, ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1330> . Acesso em: 26 nov. 2018

ARRIGUCCI, Davi Jr. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. O nascimento da crônica. In: **Crônicas escolhidas de Machado de Assis** - Coleção Folha. São Paulo: Ática,

1994, p. 13 - 15. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4028654/mod_folder/content/0/O%20NASCIMENTO%20DA%20CR%C3%94NICA%20Machado%20de%20Assis.pdf?forcedownload=1 Acesso em: 04 out. 2018

BARBOSA, Marcia Horacio. **Escrever para esquecer em Días y noches de amor y de guerra**. (Dissertação Mestrado). Cuiabá: Instituto de Linguagens/Universidade Federal do Mato Grosso, 2009. Disponível em: <http://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/4c058177dc7f027c42034c717030ae5f.pdf>. Acesso em: 04 out. 2018

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e Intérpretes**. Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues**. João Saldanha e Armando Nogueira. (Dissertação Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7583/1/luiz_borges.pdf

BREITKREITZ, Luciano Anderson. A ditadura e o futebol na América do Sul: a construção de um imaginário coletivo através das copas do mundo de 1970 e 1978. **Revista Semina**, v. 11 n. 01, 2012.

CALLEGARO, Adriana; LAGO, María Cristina. La crónica latinoamericana: cruce entre literatura, periodismo y análisis social. **Quórum Académico**, Maracaibo, v. 9, n. 2, p.246-262, 02 jul. 2012. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=2ahUKEwiM_L3f7IniAhXkDrkGH

ZtPBtoQFjADegQIBBAC&url=https%3A%2F%2Fportalnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4117017.pdf&usg=AOvVaw3jYDof2EmVDk4SGU5YuTQ3 Acesso em: 07 mai. 2019.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas; Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. Tese de Doutorado em História. Curitiba: UFPR, 2007.

CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha. Nelson Rodrigues, leitor e escritor: "diálogos", criatividade e erudição explícita nas crônicas futebolísticas. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte** [online]. 2014, vol.28, n.3, pp.405-413. ISSN 1807-5509. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000300405>. Acesso em: 04 out. 2018.

CARVALHAL, Tânia. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, n. 1, mar. 1991. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1> . Acesso em: 19 jun. 2019.

CASTRO, Ruy. **Anjo Pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CHIQUIM, Giovana. A impressão do cotidiano: um estudo das ambiguidades da crônica e a transgressão de seu caráter efêmero. **Estação literária**, Londrina, vol. 11, p. 27 - 40, jan/jul, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art2.pdf>; Acesso em: 12 abr. 2019.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da. **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Editora Jaguatirica, 2018.

COSTA, Felipe Rodrigues da; FERREIRA NETO, Amarílio; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a Prática**. Goiânia, v.10, n.1,

p.15-31, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/issue/view/41/showToc>

COTA, Débora. Antonio Candido, Antonio Cornejo Polar e a constituição de um pensamento latino-americanista. **Remate de Males**, Campinas, São Paulo, v. 36. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8646452>. Acesso em: 13 jun. 2019.

CRUZ, Eduardo Santa. Fútbol y nacionalismo de mercado en el Chile actual. In: *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003

DAMATTA, Roberto. **A Bola Corre mais que os Homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do povo ou drama de justiça social. In: **Novos Estudos** no. 4. Novembro, 1982

DAMATTA, Roberto (org). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Lo económico y lo simbólico en el fútbol mercantilizado. Una interpretación antropológica. In: VILLENA FIENGO, Sergio (ed.) **Futopías: ensayos sobre fútbol y nación en América Latina**. Costa Rica: FLACSO: 2012

DÁVILA, Andrés L; LONDOÑO, Catalina. La nación bajo un uniforme: Fútbol e identidad nacional en Colombia, 1985-2000. In: *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

DELL'ISOLA, R. L. P. Gêneros híbridos: contornos difusos? In: *O caminho se faz caminhando*, n. 1, 2006, Recife. **Anais do evento PG Letras 30 anos**. PPGL/UFPE, p.66-80. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0047/3726/1.6_Regina_L.P_ret_Dell_Isola.pdf Acesso em: 05 mai. 2019.

DUARTE, Pedro Henrique Evangelista; GRACIOLLI, Edílson José. A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. **Anais V Colóquio Internacional Cemarx**. São Paulo: UNICAMP, Novembro/2007.

Disponível em: https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessao4/Pedro_Duarte.pdf. Acesso em: 21 mai. 2019.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FILHO, Carlos Coelho Ribeiro. O estilo brasileiro de futebol como uma identidade nacional. Afinal, que estilo é esse? Suas origens e seus conceitos. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, 2007.

FILHO, Mario Rodrigues. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FLORES, Luiz Felipe Baeta Neves. Na Zona do Agrião: algumas mensagens ideológicas do futebol. In.: **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol**. Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). São Paulo, 2000

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17/jun./1938. Disponível em https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf

GALEANO, Eduardo. **Días y Noches de Amor y de Guerra**. Barcelona: Editorial Laia, 2000.

GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. Ebook: Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires, 2014.

GALEANO, Eduardo. **El Libro de los Abrazos**. Editado por Ediciones La Cueva, 1989. Disponível em http://resistir.info/livros/galeano_el_libro_de_los_abrazos.pdf . Acesso em: 18 dez. 2018

GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre, L&PM, 2018.

GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego**. III. El Siglo del Viento. España: Siglo Veintiuno Editores, 1990.

GALEANO, Eduardo. **Patás arriba**. La escuela del mundo al revés. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores. 2013. Disponível em http://resistir.info/livros/galeano_patas_arriba.pdf Acesso em: 18 dez. 2018

GALLEGOS, Jacques Paul Ramírez. Fútbol e identidad regional en el Ecuador. In: **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2010.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**. São Paulo, v.2, n.1, p. 57-80, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 103-133.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. El elogio de la improvisación en el fútbol brasileño: Modernismo, música popular y brasilidad deportiva. In: **Futopías: ensayos sobre fútbol y nación en América Latina**. Costa Rica: FLACSO: 2012

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2003.

JUNIOR, Wilson Krette. Giorgio Agamben e as noções de dispositivo, amizade e a busca pela visão na obscuridade do presente para entender o contemporâneo. **Revista Eletrônica Trama Interdisciplinar**. São Paulo, v. 1 n. 2, 2010.

KOCH, Rodrigo. **De virada é mais gostoso?** Rupturas e deslocamentos na trajetória do futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*. Niterói, n. 20, 2012.

KOVACIC, Fabián. **Galeano**. Ebook: B de Books, 2016.

LOPES, Jose Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP – Dossiê Futebol**, 1994 p. 77. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26960/28738>. Acesso em: 01 abr. 2019

LOPES, Paula Cristina: “A crônica (nos jornais): O que foi? o que é?”, **Universidade Autónoma de Lisboa**, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2019.

LORENZON, Fernando Arnold. “Un defensor que ni imaginam...”: sobre futebol, ditadura e resistência. **Revista Semina**. Passo Fundo, v.14, n.1, p. 188-199, 2015.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LOVISOLO, Hugo. Tédio e espetáculo esportivo. In.: **Futbologías**: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.

MANDIL, Ram Avraham. O futebol-teatro de Nelson Rodrigues. **Aletria – Revista de estudos de literatura**. Belo Horizonte, v.22, n.2, p.167-176, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/3127>. Acesso em: 04 out. 2018.

MANEIRO, Cristian. **Futebol e identidade nacional no Uruguai** (2010-2013): ressurgimento, consolidação e rupturas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Curitiba, 2015.

MAFRA, Liana Márcia Gonçalves. **História e literatura em Eduardo Galeano**: narrativas a contrapelo em El Siglo del Viento. São Luís, Dissertação (Mestrado) Curso de História, Ensino e

Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2016. Disponível em: <http://repositorio.uema.br/handle/123456789/35> Acesso em: 04 out. 2018.

MARQUES, José Carlos. **A falação esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol.** Salvador: Intercom, 2002.

MARQUES, José Carlos. A Função Autor e a Crônica Esportiva no Brasil: Representações da Copa do Mundo em alguns Jornais Paulistas e Cariocas. **Logos 33 Comunicação e Esporte.** Vol.17, N. 02, 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/855>

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas.** São Paulo: Educ, Fapesp, 2012.

MARQUES, José Carlos. **Uma Leitura das Crônicas de Nelson Rodrigues.** São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. Eletrizando cidades e corpos: o futebol no processo de modernização do Brasil (1890-1930). In: **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer.** Editora Jaguatirica, 2015.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária.** São Paulo: Cultrix, 1984.

MAZZIO, Sandro Aparecido. **As múltiplas narrativas na constituição de uma identidade latino- americana.** Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-10122015-103253/pt-br.php>. Acesso em: 04 out. 2018

MONTEIRO, Andrei Adornes. **El fútbol a sol y sombra: história e futebol na obra de Eduardo Galeano.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182413>. Acesso em: 01 out. 2018.

MORA, Miguel. Eduardo Galeano presenta 'El fútbol a sol y sombra', mezcla de memorias y leyendas de hombres y pelotas. **El País**, 1995. Disponível em: https://elpais.com/diario/1995/11/14/cultura/816303604_850215.html . Acesso em: 14 de maio de 2019.

MUINHOS, Breno Pauxis. A barbárie em campo. **Em Tese**. Belo Horizonte, v.20, n.1, p. 122-133, 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/a-barbarie-em-campo/>. Acesso em: 01 out. 2018.

NANCY, Jean Luc. **La comunidad desobrada**. Madrid: Arena, 2001.

POLAR, Antonio Cornejo. **Escribir en el aire**: Ensayo sobre la heterogeneidad sociocultural en las literaturas andinas. Lima, Peru: Latinoamericana Editores, 2003.

RAMÍREZ, Carlos Alberto Chacón; HERRERA, Diego Alejandro Botero. Entre el miedo y el derecho al delirio: un decir desde los ninguneados de Eduardo Galeano. **Hallazgos**. 2016, vol.13, n.25, pp.19-40. ISSN 1794-3841. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15332/s1794-3841.2016.0025.01>. Acesso em: 04 out. 2018.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (Kindle)

RODRIGUES, Nelson. **O reacionário**: memórias e confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2008. RODRIGUES, Nelson. **Somos o Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007. SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ed. Ática. Col. Princípios, 1985.

SCHEIBE, Roberta. A recriação do real: as origens do gênero crônica no Brasil. Anais do Intercom. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte** – Manaus - AM, 01 a 03 de maio de 2013.

SIEBERT, Silvana. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura.

Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p.675 - 685, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00675.pdf> . Acesso em: 12 de abril de 2019.

SILVA, Francisca Islandia da. A identidade nacional na crônica esportiva de Nelson Rodrigues. **Revista Espaço Acadêmico n. 177**, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/28337/16166>. Acesso em: 06 ago. 2018.

SILVA, Gustavo Javier Castro. **A teoria da dependência**: reflexões sobre uma teoria latino- americana. pp. 1- 2, 2005. Disponível em: http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia_03_04.pdf. Acesso em: 28 mai. 2019.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. 1997. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997. Disponível em: [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/161120_Marcelino%20\(M\)%20-%20O%20mundo%20do%20futebol%20nas%20cronicas%20de%20Nelson%20Rodrigues.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/161120_Marcelino%20(M)%20-%20O%20mundo%20do%20futebol%20nas%20cronicas%20de%20Nelson%20Rodrigues.pdf). Acesso em: 06 ago. 2018.

SIMÕES, André de Freitas. A evolução da crônica como gênero nacional. Londrina: **Estação Literária**, Vagão-volume 4, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL4Art5.pdf> . Acesso em: 12 de abril de 2019.

SOMMER, Doris. **Ficções de fundação**: os romances nacionais da América Latina. Belo. Horizonte, MG: UFMG, 2004.

VEJMELKA, Marcel. **Futebol, política e identidade no Brasil**. Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

VEJMELKA, Marcel. O mundo tricolor: o futebol no universo de Nelson Rodrigues,

Iberoamericana, 27, 2007, 153-169. Disponível em: https://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Iberoamericana/2007/Nr_27/27_Vejmelka.pdf. Acesso em: 04 out. 2018

VILLENA FIENGO, Sergio,. “El futbol y las identidades. Prólogo a los estudios latinoamericanos. In.: **Futbologías**: fútbol, identidad y violència en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.

VILLENA FIENGO, Sergio (ed.) **Futopías**: ensayos sobre fútbol y nación en América Latina. Costa Rica: FLACSO: 2012

Como deixar de lançar papezinhos ao ar, sujando a cidade mas engrinaldando a alma, e de estourar bombas da mais pura felicidade e glória, mesmo que arrebentemos os próprios tímpanos, se não há jeito de reprimir a onda violenta de alegria que se alça até nos mais ignorantes do futebol, criando esse calor, essa luz de unanimidade boa, de amor coletivo, de gratidão à vida, que hoje nos irmana a todos?

Carlos Drummond de Andrade

